

Jacinta Milanez Gislon

**A INVENÇÃO DA CIDADE GERMÂNICA: TRADIÇÃO,
MEMÓRIA E IDENTIDADE NA ARQUITETURA
CONTEMPORÂNEA DE FORQUILHINHA-SC**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de mestre em Arquitetura.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Margarita Nilda Barretto Angeli

Coorientador: Prof. Dr. Eduardo Jorge Félix Castells

Florianópolis
2013

Gislon, Jacinta Milanez

A invenção da cidade germânica : Tradição, memória e identidade na arquitetura contemporânea de Forquilha-SC / Jacinta Milanez Gislon ; orientadora, Margarita Barreto ; co-orientador, Eduardo Jorge Félix Castells. - Florianópolis, SC, 2013.

173 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo.

Inclui referências

1. Arquitetura e Urbanismo. 2. Arquitetura de estilo enxaimel. 3. Memória. 4. Identidade. 5. Patrimônio. I. Barreto, Margarita. II. Castells, Eduardo Jorge Félix. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. IV. Título.

Jacinta Milanez Gislon

**A INVENÇÃO DA CIDADE GERMÂNICA: TRADIÇÃO,
MEMÓRIA E IDENTIDADE NA ARQUITETURA
CONTEMPORÂNEA DE FORQUILHINHA-SC**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “mestre”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura.

Florianópolis, 03 de julho de 2013.

Prof. Ayrton Portilho Bueno, Dr.
Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Arquitetura da
Universidade Federal de Santa Catarina

Banca Examinadora:

Prof.^a Margarita Nilda Barretto Angeli, Dr.^a
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Eduardo Jorge Félix Castells, Dr.
Coorientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Ayrton Portilho Bueno, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Gilberto Sarkis Yunes, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Claudia Siebert, Dr.^a
Universidade Regional de Blumenau

Dedico este trabalho ao município de Forquilha como contribuição do pensar e do fazer arquitetura.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado força e capacidade para lutar pelos meus objetivos.

Ao programa de Pós-Graduação em arquitetura da UFSC, o PósARQ, pela oportunidade.

A todos os professores e funcionários.

A CAPES, pela concessão da bolsa de mestrado.

À minha orientadora Margarita Barretto, pela dedicação, paciência e amizade desses dois anos.

Ao meu coorientador Eduardo Castells, pela palavra firme e pelos direcionamentos devidos.

Aos professores membros da banca examinadora pelas importantes contribuições ao trabalho.

A todos os meus colegas de mestrado, pela amizade e auxílio.

Ao município de Forquilha, pela confiança depositada e pela colaboração durante a pesquisa.

À minha família que sempre me apoia em todas as circunstâncias.

Ao Gustavo de Souza, amigo, companheiro incondicional, suporte intelectual e emocional sem o qual esse trabalho não poderia sequer ter sido iniciado.

A todos que de maneira direta ou indireta contribuíram para mais esta conquista pessoal e profissional.

“Fazer arquitetura é inovar e não fazer à antiga. É investigar e criar, é fazer algo novo. Novas circunstâncias implicam novas respostas e novas soluções. Deve-se fazer arquitetura para as pessoas de hoje e não as de ontem”.

COELHO, 2008, p.24

RESUMO

O objetivo principal desta dissertação é problematizar o uso do estilo enxaimel na arquitetura contemporânea de Forquilha, sul de Santa Catarina. Primeiro identificam-se e caracterizam-se os casos de arquitetura em estilo enxaimel presentes na cidade. Em seguida, procura-se descobrir quais as motivações e as ações que deram início a essas construções. Investiga-se também o que a arquitetura em estilo enxaimel representa para a população e para os arquitetos da cidade. E por último, busca-se desvendar se o estilo enxaimel representa a memória, a identidade e a tradição da cidade. A presente pesquisa é um estudo de caso exploratório, desenvolvido através do método de procedimento descritivo e sustentado por pesquisas bibliográficas, documentais, imagéticas e de campo. Foram utilizadas as técnicas de visita exploratória, observação não participante, entrevistas semiestruturadas e entrevista com grupos focais. Os resultados encontrados foram tratados de forma qualitativa e trouxeram a compreensão de que a arquitetura em estilo enxaimel de Forquilha faz parte da tentativa da cidade construir um passado próprio, usando o estilo enxaimel para criar um tipo de arquitetura que imita a antiga técnica de encaixe alemã. A cidade foi recriada com uma identidade presumida, que foi a germânica. As ações que incitaram essa recriação assumiram a forma da invenção das tradições, através da repetição de crenças e valores. No entanto, a tradição foi inventada não para atrair turistas, mas para criar uma diferenciação e promover o desenvolvimento urbano e econômico. Tornou-se evidente que as construções em estilo enxaimel não representam a memória e a identidade de Forquilha, pois elas nada mais são do que cópias mal elaboradas de um passado inventado. Espera-se que os resultados dessa pesquisa possam contribuir na problemática relacionada ao uso da arquitetura como instrumento da invenção das tradições. Como inovação, a pesquisa apresenta uma discussão a respeito dos valores históricos e culturais envolvidos neste tipo de arquitetura.

Palavras-chave: Arquitetura de estilo enxaimel. Memória. Identidade.

ABSTRACT

The purpose of this master thesis is to problematize the use of half-timbered style in contemporary architecture of Forquilha, Santa Catarina, Brazil. First it identifies and characterizes these cases existing in the city. Next it's intended to discover which motivations and actions started these constructions. Investigates also what the half-timbered style represents for people and the local architects. At last the intention is to reveal if half-timbered style represents city's memory, identity and tradition. This research is classified as an exploratory case study, developed using the descriptive method and sustained by bibliographical research, documental, on imagery and in loco. Exploratory visits, non-participant observation, semi structured interviews and focus groups were techniques used. The results found were treated qualitatively and brought comprehension that the half-timbered styled architecture is a part of an attempt to build a proper past, using the half-timbered style to create an image that mimics the Germany's antique technique. The city was recreated with a German presumed identity. The actions used to incite this recreation have taken on form of an invention of tradition, based on repetition of beliefs and values. However the tradition was invented not to bring tourists but to create a differential mark to the city and promote urban and economical development. It was evidenced that half-timbered constructions do not represent the memory and identity of Forquilha because they're a bad copy from an invented past. It's hoped that the results of this research can contribute to the problem related to the use of architecture as an instrument of the invention of traditions. As innovation the research presents a discussion about historical and cultural values involved with this architectural type.

Keywords: Half-timbered styled architecture. Memory. Identity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Santa Catarina e a localização de Forquilha	26
Figura 2: Mapa do estado de Santa Catarina com os municípios sede das colônias alemãs	40
Figura 3: Mapa do estado de Santa Catarina com os principais núcleos germânicos no sul do estado	41
Figura 4: São Bento do Sul, norte de Santa Catarina, final do século XIX	43
Figura 5: Construção em blocausse	44
Figura 6: Construção em enxaimel	44
Figura 7: Elementos do sistema construtivo enxaimel	45
Figura 8: Casa em Jork, Alemanha. Enxaimel baixo-saxão	46
Figura 9: Prefeitura de Esslinger, Alemanha. Enxaimel alemânico	46
Figura 10: Residência em Berkach, Alemanha. Enxaimel franco	46
Figura 11: Contraventamento e homem selvagem	47
Figura 12: Mulher suaba e homem	47
Figura 13: Escora e Cruz-de-Santo-André	47
Figura 14: Planta típica alemã no século XVII	48
Figura 15: Casa Hersing, Indaial - SC: Propriedade colonial alemã: o estábulo em primeiro plano, aos fundos o dormitório e a cozinha em anexo.	49
Figura 16: Planta típica do imigrante alemão no Brasil	50
Figura 17: Casa Hardt,	50
Figura 18: Casa Rux,	50
Figura 19: Rota do enxaimel, Pomerode-SC	52
Figura 20: Folder da Revista <i>Reader's Digest</i> .	54
Figura 21: Folder da Revista <i>Reader's Digest</i> .	54
Figura 22: Residência Kitsch	57
Figura 23: Havan de Florianópolis	57
Figura 24: Pruitt-Igoe, 1972	60
Figura 25: Cúpula geodésica, 1976	60
Figura 26: Teatro do Mundo, Veneza, 1979	62
Figura 27: O pato	63
Figura 28: O pato e o galpão decorado: croquis do autor	63
Figura 29: Piazza d'Itália, Charles Moore, New Orleans, 1978	63
Figura 30: Edifício da AT&T, Phillip Johnson, Nova York, 1984	63
Figura 31: Hotel Marques de Riscal, Elciego (Alava), Espanha, 2006	64
Figura 32: Sátira da "inspiração" do projeto nos Simpsons	64
Figura 33: Secretaria Estadual de Esportes, Lazer e Turismo de Minas Gerais. Projeto de Éolo Maia, Jô Vasconcellos e Sílvio Pondestá. Belo Horizonte, 1985-1992	65
Figura 34: Mapa de Forquilha e os municípios vizinhos	86
Figura 35: Forquilha e a evolução urbana da década de 70 e 80	88
Figura 36: Sociedade União Colonial	89
Figura 37: Colônia de Forquilha em 1951	89
Figura 38: Implantação da FRISULCA, 1963	90

Figura 39: Centro de Forquilha, 1966.....	90
Figura 40: Mapa do perímetro de Forquilha e as três áreas urbanas: área 01: Centro, Santa Ana, Santa Isabel, Clarissa, Vila Lourdes, Saturno, Vila Franca, Ouro Negro, Nova York e Santa Cruz; área 02: Santa Líbera e Vila Feltrin; área 03: Cidade Alta.....	92
Figura 43: Hotel Oma Zita e o estilo enxaimel feito com reboco	93
Figura 44: Hotel Oma Zita, etapa de pintura do estilo enxaimel	93
Figura 45: Linha do tempo de Forquilha	95
Figura 45: Obra 01.....	96
Figura 46: Entorno imediato.....	96
Figura 47: Obra 02.....	97
Figura 48: Entorno imediato.....	97
Figura 49: Obra 03. Fonte: Autora, 2012.....	98
Figura 50: Entorno imediato.....	98
Figura 51: Obra 04.....	99
Figura 52: Entorno imediato.....	99
Figura 53: Obra 05.....	100
Figura 54: Entorno imediato	100
Figura 55: Obra 06.....	101
Figura 56: Entorno imediato.....	101
Figura 57: Obra 07. Fonte: Autora, 2012.....	102
Figura 58: Entorno imediato.....	102
Figura 59: Obra 08.....	103
Figura 60: Entorno imediato.....	103
Figura 61: Obra 09. Fonte: Autora 2012.....	104
Figura 62: Entorno imediato.....	104
Figura 63: Estação de tratamento do Rio Mãe Luzia.....	142

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Os tipos de sistemas construtivos enxaimel	46
Quadro 2: Elementos do sistema construtivo enxaimel	47

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Colônias alemãs em Santa Catarina	39
Tabela 2: Crescimento populacional de Forquilha (1970-2010).....	90

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMREC – Associação dos Municípios da Região Carbonífera

CREA – Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura

IPTU – Imposto Predial Territorial Urbano

PDS – Partido Democrático Social

PFL – Partido da Frente Liberal

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro

SANTUR – Santa Catarina Turismo S/A

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	25
1.1	CONTEXTUALIZAÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO	26
1.2	DEFINIÇÃO DE TERMOS	27
1.3	PROBLEMA.....	28
1.4	OBJETIVOS	28
1.4.1	Objetivo Geral.....	28
1.4.2	Objetivos Específicos	28
1.5	JUSTIFICATIVA	28
1.6	METODOLOGIA.....	30
1.7	ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO.....	34
2.	REVISÃO DE LITERATURA.....	37
2.1	OS ALEMÃES E A ARQUITETURA ENXAIMEL	37
2.1.1	A imigração alemã no Brasil e em Santa Catarina	37
2.1.2	A paisagem da imigração alemã em Santa Catarina	42
2.1.3	Características da arquitetura da imigração alemã	44
2.1.4	Arquitetura enxaimel em Santa Catarina	49
2.1.5	A campanha de nacionalização.....	51
2.1.6	A técnica enxaimel e o turismo	52
2.2	ARQUITETURA <i>KITSCH</i> E PÓS-MODERNA	55
2.2.1	A estética <i>kitsch</i>	55
2.2.2	O pós-moderno e o historicismo na arquitetura.....	58
2.2.2.1	O nascimento da arquitetura pós-moderna.....	59
2.2.2.2	Mas afinal, o que o movimento pós-moderno representava para os arquitetos da época?	60
2.2.2.3	O pós-modernismo no Brasil	65
2.3	MEMÓRIA E IDENTIDADE	66
2.3.1	Memória e território.....	68
2.3.2	A memória urbana.....	69
2.3.3	Lugares da memória.....	70
2.3.4	Identidade	72
2.3.5	Identidade étnica.....	75
2.3.6	A identidade e a cidade.....	78
2.4	AS TRADIÇÕES INVENTADAS	80
2.5	AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	82
3.	O ESTUDO DE CASO: FORQUILHINHA.....	85
3.1.	DESCRIÇÃO DO LOCAL DE ESTUDO.....	86
3.2.	ASPECTOS HISTÓRICOS DA COLONIZAÇÃO.....	86
3.3.	EVOLUÇÃO URBANA E ECONÔMICA	87

3.4.	OCUPAÇÃO E USO DO SOLO.....	91
3.5.	OS CASOS DE ARQUITETURA EM ESTILO ENXAIMEL	92
4.	RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO.....	107
4.1	A VISÃO DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA	107
4.1.1	As ideias e as motivações.....	108
4.1.2	As inspirações.....	112
4.1.3	Consulta à população	114
4.1.4	A tentativa do incentivo fiscal.....	117
4.1.5	A rejeição da câmara dos vereadores	119
4.1.6	As primeiras construções em estilo enxaimel	122
4.1.7	A questão do turismo.....	123
4.2	A VISÃO DA POPULAÇÃO	125
4.2.1	História, memória e tradição	125
4.2.2	Padrões estéticos	126
4.2.3	Identidade.....	126
4.2.4	Incentivo	127
4.2.5	Relação com o uso das edificações.....	127
4.2.6	Questionamentos contrários	127
4.2.7	A representação da história nas construções em estilo enxaimel.....	128
4.2.7.1	A memória individual	128
4.2.7.2	A memória coletiva	131
4.2.7.3	As associações por aparência.....	133
4.3	A VISÃO DOS ARQUITETOS DA CIDADE	139
4.3.1	Ao estilo de Gramado e Blumenau.....	139
4.3.2	A releitura e as linguagens arquitetônicas.....	141
4.3.3.	O papel do arquiteto.....	143
4.3.4.	O mito do incentivo fiscal.....	145
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	146
5.1	RECOMENDAÇÕES PARA FUTURAS PESQUISAS.....	155
5.2	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	155
	APÊNDICE A.....	167
	ANEXO A	170

1. INTRODUÇÃO

Os imigrantes alemães quando chegaram ao Brasil, especialmente em Santa Catarina, trouxeram e adaptaram sua arquitetura, muito própria e característica. Nessa arquitetura, a técnica construtiva utilizada foi o enxaimel. O enxaimel era construído a partir de tramos de madeira, encaixados entre si (sem pregos) que tinham função estrutural; os vãos resultantes da estrutura de madeira eram preenchidos com adobe, taipa, tijolos, e em sua maioria ficavam aparentes (não era utilizado reboco). Dessa maneira, essas construções caracterizaram-se por ter uma aparência plástica marcante que é conferida pelo ritmo criado pelas peças de madeira em suas fachadas, transmitindo então, uma forte identidade visual. Esse talvez seja o motivo pelo qual a arquitetura enxaimel seja tão imitada nos dias de hoje.

Em meados da década de 90, a paisagem urbana de Forquilha-SC se viu num significativo processo de modificação. Construções alusivas à colonização alemã se tornavam cada vez mais presentes no cenário urbano, através de imitações do sistema construtivo original alemão. Essa imitação é conhecida como estilo enxaimel (ou popularmente como “falso enxaimel”, “enxamelóide”, “enxaimel *fake*”, “neo enxaimel”). Ela nada mais é que uma construção em alvenaria comum, que depois de concluída recebe um tratamento na fachada para que se pareça com o sistema de encaixe alemão, o enxaimel. Esse tratamento, na maioria das vezes, consiste em uma simples pintura em forma de “X”, ou raramente, no uso de ripas de madeira aplicadas à fachada, sem função estrutural. Essas construções são muito criticadas pela sua artificialidade, tanto entre historiadores, quanto entre arquitetos.

Tendo em mente essas definições, passei a observar as construções feitas em estilo enxaimel na minha terra natal, Forquilha. Dessas observações nasceu a ideia para esta dissertação, onde algumas questões se apresentavam:

Porque essa arquitetura surgiu? Quais as motivações escondidas por trás dela? As construções em estilo enxaimel realmente representam a tradição alemã da cidade ou são elementos inventados para realçar a germanidade?

De modo mais geral, procurei desvendar se a população se identifica com as construções em estilo enxaimel. Preocupe-me também em descobrir como os arquitetos da cidade, meus pares, enxergavam essas construções.

Esse conjunto de apreensões constituiu-se uma forte motivação de pesquisa. Por meio de estudos teóricos e de algumas opções

conceituais e metodológicas definidas e redefinidas ao longo da investigação, essas questões foram sendo incorporadas, delineando o presente trabalho, que toma como objeto central a problematização da arquitetura em estilo enxaimel em relação à memória e à identidade da cidade de Forquilha.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO

Forquilha está situada no sul do estado de Santa Catarina (ver figura 1), têm aproximadamente 23.000 mil habitantes e pertenceu à cidade de Criciúma até o ano de 1989. Foi colonizada por imigrantes alemães, o que a diferencia dos demais municípios vizinhos que possuem colonização predominantemente italiana.

Figura 1: Santa Catarina e a localização de Forquilha



Fonte: <maps.google.br> adaptado pela autora, 2012.

Hoje, com 23 anos de emancipação, a cidade vem passando por um acelerado processo de crescimento demográfico, econômico e imobiliário. Decorrente desta expansão surge uma forte tendência arquitetônica que chama a atenção: a construção de edificações que fazem alusão à colonização alemã utilizando o estilo enxaimel para configurar suas fachadas. Por toda a cidade podem ser encontradas arquiteturas desse tipo, independentemente do uso dessas edificações.

Ainda que a explicação inicial sobre a origem do estilo enxaimel na cidade de Forquilha estivesse ligada ao turismo, tal hipótese foi descartada a partir dos resultados encontrados nas primeiras entrevistas de campo. Conforme declarações feitas por ex-prefeitos e idealizadores do projeto, a motivação que deu início a estas construções foi o resgate da tradição e da memória da colonização alemã, e que na época ninguém pensou em turismo.

Quem sabe no futuro, a atividade turística seja almejada e desenvolvida no município. Mas, conforme mostram os resultados desta pesquisa, hoje ainda não é. E, por não apresentar subsídios consistentes e suficientes para o aprofundamento nessa problemática (turismo), os esforços deste trabalho foram voltados à memória, identidade e tradição, elementos que nortearam as iniciativas e incentivos a estas construções.

Todas essas entrevistas, considerações e análises serão apresentadas no capítulo 4, nos resultados da pesquisa. No entanto, era importante esclarecer porque se optou por estudar a relação das edificações em estilo enxaimel de Forquilha associadas à memória, à identidade e à tradição e não ao turismo.

1.2 DEFINIÇÃO DE TERMOS

Apresentam-se a definição de alguns termos utilizados na dissertação:

Técnica enxaimel: construção em que as paredes são estruturadas por peças de madeira horizontais, verticais e inclinadas encaixadas entre si; esses tramos são preenchidos com taipa, adobe, pedras, tijolos, etc. (WEIMER, 2005a).

Estilo enxaimel: construção que imita a aparência do sistema construtivo alemão enxaimel (SIEBERT, 1998).

Arquitetura historicista: aquela que possui um interesse pelas tradições e instituições do passado e a utiliza nas suas formas arquitetônicas (COLQUHOUN, 2006).

Tradição inventada: conjunto de práticas reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas. Essas práticas de natureza simbólica visam estabelecer certos valores e comportamentos baseados na repetição, o que implica automaticamente em uma continuidade em relação ao passado (HOBSBAWN E RANGER, 1984, p.9).

1.3 PROBLEMA

O estilo enxaimel representa a memória e a identidade de Forquilha ou é uma tradição inventada?

1.4 OBJETIVOS

1.4.1 Objetivo Geral

Problematizar o uso do estilo enxaimel na arquitetura de Forquilha.

1.4.2 Objetivos Específicos

- A- Identificar os casos de arquitetura em estilo enxaimel;
- B- Descobrir qual foi a motivação que deu início a construção de edificações em estilo enxaimel em Forquilha;
- C- Investigar o que a arquitetura de estilo enxaimel representa para a população e para os arquitetos da cidade;
- D- Desvendar se o estilo enxaimel representa a memória, a identidade e a tradição da cidade.

1.5 JUSTIFICATIVA

A pesquisa tem como foco investigar o uso do estilo enxaimel na arquitetura da cidade de Forquilha, procurando descobrir se ela representa um elemento importante da memória e da identidade da cidade ou se apenas faz parte de uma tradição inventada e institucionalizada para estabelecer uma continuidade com um passado

“apropriado”, que seria o germânico, quem sabe com o intuito de atrair turistas como fizeram outras cidades de Santa Catarina¹.

Boa parte do que se produz hoje na cidade são construções em estilo enxaimel, feitas a partir de alvenaria convencional, onde os elementos estruturais da técnica enxaimel são reproduzidos através de vários “X” nas fachadas, feitos com reboco e pintados de marrom para parecer madeira e conferir o aspecto requerido.

Em 2011, o Plano Diretor de Forquilha entrou em vigor e em uma de suas estratégias consta como diretriz “elevar a qualidade do ambiente urbano, por meio da preservação dos recursos naturais e da proteção do patrimônio cultural, histórico, artístico, paisagístico, arqueológico e urbanístico”, mencionando construções enxaimel: “[...] outra tipologia existente em Forquilha, são as construções com forte influência germânica, sendo esse tipo de construção conhecida como enxaimel” (para ilustrar esse parágrafo, é apresentada no plano diretor uma imagem de uma construção com estilo enxaimel que é descrita como construção “típica” enxaimel). (PLANO DIRETOR MUNICIPAL, p.45).

Importante mencionar que em Forquilha não existem mais construções feitas com a técnica construtiva enxaimel. Segundo relatos², existiram apenas duas ou três casas que foram construídas com essa técnica construtiva, mas todas foram demolidas há muito tempo atrás. Além disso, essas poucas casas foram feitas com enxaimel bem simplificado, com menos peças de madeira, muito diferente do que é reproduzido hoje na cidade. Esse pequeno número de construções enxaimel e sua simplicidade podem estar relacionados a três fatores: o primeiro é que a imigração alemã em Santa Catarina ocorreu a partir do ano 1829, período em que o enxaimel já estava em decadência na Alemanha há bastante tempo³; o segundo fator é que Forquilha foi colonizada em 1912 por alemães que migraram da colônia de São Martinho do Capivary (atual cidade de São Martinho), e que possivelmente já teriam passado por um processo de hibridação da sua cultura germânica com a brasileira, e incorporado características da arquitetura local e o terceiro fator pode estar relacionado com a questão econômica e com a necessidade de modernizar-se. Além disso, deve-se

¹ Um exemplo é Blumenau, localizada no norte do estado.

² Os relatos foram obtidos durante a pesquisa de campo, realizada posteriormente.

³ A decadência do sistema construtivo enxaimel ocorre a partir de 1700 em decorrência da escassez da madeira.

considerar que houve perseguições étnicas durante a Segunda Guerra Mundial, e o germanismo teve que ser esquecido para dar lugar ao nacionalismo, em uma espécie de assimilação forçada.

Hoje, as poucas casas de imigrantes alemães que se encontram preservadas não foram feitas com esta técnica construtiva. Estas evidências fazem supor que o uso do estilo enxaimel em Forquilha pode estar relacionado a uma tentativa de construir uma tradição que possa dar identidade a cidade dentro do contexto regional.

Vale ressaltar que esta tendência não é exclusividade da cidade de Forquilha, na medida em que a demarcação identitária vem se tornando uma característica das cidades contemporâneas (MACHADO, 2011). Existem outros casos no Brasil com características bastante similares, (que será desenvolvido no capítulo 2) o que demonstra que a pesquisa proposta faz parte de um universo maior. Pretende-se então, ao escolher Forquilha como estudo de caso, ampliar a discussão sobre as motivações que levam o uso e a valorização da arquitetura em estilo enxaimel na cidade.

1.6 METODOLOGIA

A pesquisa realizada foi um estudo de caso exploratório, que teve como objeto as construções feitas em estilo enxaimel na cidade de Forquilha, sul de Santa Catarina. A escolha por esta estratégia de análise se deu pelo fato de que o estudo de caso incide sempre sobre um caso particular, o examinado em profundidade (LAVILLE; DIONE, 1999, p.156). Além disso, o estudo de caso é recomendado quando a ênfase é estudar o presente, porque ele investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto. Ele permite a investigação dos eventos da vida real para compreender fenômenos sociais complexos (YIN, 1989). O estudo de caso procura ainda esclarecer uma decisão ou um conjunto de decisões; o motivo pelo qual foram tomadas, como foram implementadas e quais foram os resultados (SCHRAMM, 1971).

A pesquisa exploratória foi escolhida por ela possuir menor rigidez de planejamento e por buscar desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, a fim de atingir uma formulação de problemas mais precisos. Além disso, proporciona uma visão geral, do tipo aproximativo, de determinado fato (GIL, 1995).

O estudo foi desenvolvido utilizando o método de procedimento descritivo ou monográfico. Neste método, o tema escolhido deve ser investigado e examinado, observando os fatores que o influenciam,

analisando-o em todos os seus aspectos, a fim de obter generalizações (LAKATOS; MARCONI, 2008a).

Esse método foi desenvolvido apoiando-se em pesquisas bibliográficas, documentais, imagéticas e de campo. A escolha dessas formas de pesquisa justifica-se pelo fato de que cada uma delas é apropriada para os diferentes tipos de dados que se pretende obter. “A pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem” (LAKATOS; MARCONI, 2008a, p.185). “A pesquisa documental coleta dados através de documentos, escritos ou não” (Ibid., p.176). A pesquisa imagética abrange a documentação por imagem, compreendendo gravuras, estampas, desenhos, pinturas e fotografias. É uma importante fonte do passado, pois compreende vários testemunhos. A pesquisa de campo segundo “é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, para descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles” (LAKATOS E MARCONI, 1985, p.167).

Na pesquisa de campo foram utilizadas as seguintes técnicas de coleta de dados: visita exploratória, observação não participante, entrevistas semiestruturadas e entrevista com grupos focais. A visita exploratória teve o objetivo de compreender o fenômeno para testar a viabilidade do estudo. Através dela foram feitos os levantamentos das construções em estilo enxaimel presentes na cidade e a análise das suas características. A observação não participante permitiu tomar contato com a realidade estudada, mas sem integrar-se a ela (LAKATOS; MARCONI, 2008a), contribuindo igualmente para a identificação das construções que eram objeto de estudo.

As entrevistas significaram um importante meio de investigação para coleta de dados e diagnósticos. Optou-se por entrevistas na forma semiestruturada⁴ porque ela possibilita ao entrevistado liberdade nas suas colocações e proporciona respostas compatíveis com a pesquisa. As entrevistas foram realizadas em três etapas, no período de agosto de 2012 a janeiro de 2013, em sua maioria mediante agendamento prévio. Os entrevistados foram abordados em seus locais de trabalho, em suas residências ou em lugares onde praticam atividades de lazer, como foi o caso dos grupos focais. Os depoimentos foram gravados e transcritos com o consentimento dos entrevistados. Todos os entrevistados são

⁴ Os roteiros das entrevistas estão contidos no Apêndice A desta dissertação.

moradores da cidade, exceto o ex-prefeito Vanderlei Ricken, que é natural de Forquilha, mas hoje reside em Florianópolis.

Na primeira etapa, foram entrevistados três ex-prefeitos da cidade, o arquiteto e urbanista Tadeu Vassoler, que trabalhou no setor de planejamento urbano da Prefeitura Municipal de Forquilha, entre os anos de 1990 e 1995 e o técnico em construção civil Valmir Hobolt que está no setor de serviços urbanos desde 1990. Ambos iniciaram seus trabalhos na prefeitura nos primeiros anos do município. Essas entrevistas visaram investigar quando e como surgiu a ideia de se construir em estilo alemão, e averiguar a presença ou não de um idealizador. Também foram alvo de atenção as possíveis motivações da época no tocante a esta iniciativa, como, por exemplo, algum tipo de incentivo fiscal. Por fim, buscou-se verificar se a população foi consultada ou se houve algum estudo sobre o sistema construtivo enxaimel, para depois aplicar nas edificações em Forquilha.

Entrevistou-se também os cinco vereadores que compunham a câmara dos vereadores de Forquilha em 1991, ano em que o projeto de lei que visava o incentivo das construções em estilo enxaimel foi redigido e encaminhado para ser analisado, recebendo rejeição por unanimidade. O objetivo destas entrevistas era saber qual foi o motivo que levou os vereadores da época a votarem contra o projeto.

Além destes, foram entrevistados também os proprietários das primeiras construções em estilo enxaimel, com o propósito de entender qual foi o motivo que levou os proprietários a optarem por construir em estilo enxaimel, já que a lei de incentivo fiscal não foi aprovada.

Por fim, foi entrevistada a atual Secretária de Cultura e Turismo do município, com o intuito de descobrir se as construções em estilo enxaimel realmente não estão ligadas ao turismo. A entrevista não teve roteiro, pois tinha como único objetivo saber a respeito do turismo em Forquilha.

Após obter os resultados dessas indagações, realizou-se a segunda etapa de entrevistas, que foi com grupos focais formados por cidadãos de Forquilha. Essas entrevistas tiveram o intuito de descobrir o que as construções em estilo enxaimel representam para a população. A técnica de entrevista com grupos focais foi escolhida porque ela é capaz de fornecer informações qualitativas através de entrevistas com grupos de pessoas pertencentes ao ambiente de análise. Na aplicação dessa técnica de pesquisa, podem ser utilizadas outras técnicas como a observação não participante, entrevistas individuais, questionários e atividades lúdicas para incentivar e ajudar na discussão (MICHEL, 2009). Os grupos focais permitem ainda, a criação de consensos sobre

determinados assuntos ou mostrar opiniões contrárias, a partir de argumentações, ao contrário das entrevistas que costumam acontecer de forma solitária (MINAYO, 2012).

Foram três grupos diferentes compostos por quatorze a dezesseis integrantes de etnias variadas (italianos, alemães e luso-brasileiros) que representam parcelas diferentes da população. Optou-se por entrevistar esses três grupos por estes já estarem formados no município, e realizarem encontro semanais, como o grupo de jovens, o clube de mães e o grupo da terceira idade. Como apoio, utilizou-se o recurso imagético para promover o debate entre os participantes. Foram escolhidas e mostradas quatro fotos de edifícios públicos em estilo enxaimel de Forquilha. O motivo pelo qual foram selecionados somente edifícios públicos foi para que não houvesse qualquer tipo de reserva ou envolvimento pessoal com os donos das edificações. Além disso, as fotos foram importantes para que não houvesse dúvida sobre o tema que seria discutido.

O primeiro grupo focal foi composto por 14 jovens entre 17 e 25 anos. Essa faixa etária foi escolhida porque ela representa uma parcela de pessoas que já nasceram com o município emancipado. Nesse grupo, a maioria dos integrantes possuía origem italiana. Apenas um integrante era de origem alemã⁵.

O segundo grupo focal foi composto por 16 mulheres de 30 a 60 anos, que integram o clube de mães do município. O grupo era formado também por pessoas de etnias variadas (italiana, alemã e luso-brasileira), em uma proporção bem equilibrada.

O terceiro e último grupo focal foi composto por 14 idosos de 60 a 80 anos, que participam do grupo da terceira idade do município. Dos 14 integrantes, 12 eram de origem alemã e 2 eram de origem italiana. Essa maioria formada por alemães pode ser explicada pelo fato de que boa parte da população mais idosa do município é de origem alemã, ao contrário dos mais jovens, que em sua maioria são de origem italiana ou luso-brasileira.

Quando as fotos foram apresentadas, explicou-se que não havia resposta certa ou errada, o importante era a opinião do grupo, que poderia chegar a um consenso ou discordar sobre o assunto. Foi explicado também que se tratava de edificações com a mesma aparência da foto, não se restringindo apenas as que foram mostradas (já que no município existem mais casos de estilo enxaimel) e que o uso não era

⁵ A composição dos grupos por etnias não foi uma escolha, foi uma condição encontrada nos grupos que já eram formados.

importante para a análise, o que importava era o que a aparência representava para eles.

Os três debates realizados fluíram muito bem. Vários participantes se manifestaram e pareceram gostar de expor as suas opiniões. As falas foram gravadas e anotadas⁶. Somando os três grupos, participaram 44 pessoas.

Durante os encontros, alguns integrantes dos grupos focais responderam que as construções em estilo enxaimel representam a história de Forquilha. Para entender o que essa afirmação significava, foi realizada uma segunda rodada de entrevistas, que dessa vez, foram feitas individualmente. Essas novas entrevistas também tiveram roteiros semiestruturados e o seu objetivo foi desvendar porque as construções em estilo enxaimel fazem lembrar a história da cidade e que história elas fazem lembrar. Ao todo, foram entrevistadas nove pessoas (três jovens, três mulheres e três idosos) que já haviam participado dos grupos focais.

Além do interesse de investigar o que as edificações em estilo enxaimel representavam para a população de Forquilha, havia também a preocupação de ouvir os arquitetos da cidade para descobrir como eles, enquanto profissionais, caracterizam essas construções. Para isso, foi realizada a terceira e última etapa de entrevistas com os três arquitetos e urbanistas que atuam na cidade: Andrea Back Barbosa, Dehiert Brilinger e Ariana Alexandre. O roteiro destas entrevistas possuía uma única pergunta: Enquanto arquiteto, como você define as construções feitas em estilo enxaimel existente em Forquilha?

Somando-se as entrevistas, foi realizada uma pesquisa documental para encontrar informações sobre as administrações da prefeitura de Forquilha e sobre o projeto de lei que visava o incentivo de construções em estilo enxaimel, que estava arquivado na câmara dos vereadores.

Os resultados encontrados foram tratados de forma qualitativa. Optou-se por essa forma porque ela trabalha com o universo de significados, motivos, valores e atitudes dos processos e dos fenômenos que não podem ser quantificados (MINAYO, 1993).

1.7 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Esta dissertação está estruturada em cinco capítulos. No capítulo 1 apresenta-se o tema de estudo, contextualizando-o dentro da

⁶ Conforme o roteiro contido no Apêndice A desta dissertação.

problemática delineada pela pergunta de pesquisa. Em seguida, definem-se alguns termos utilizados ao longo da dissertação para que fique explícito a sua interpretação. Expõe-se a justificativa e a relevância do tema, apontando para as questões que nortearam os objetivos traçados. Por fim, explica-se a metodologia empregada para a obtenção dos resultados.

No capítulo 2 está contida a revisão de literatura, que foi selecionada e organizada em cinco partes, de acordo com os objetivos propostos pela pesquisa. A primeira parte foi construída através do estudo da imigração alemã no Brasil e em Santa Catarina, procurando contextualizá-la historicamente para depois desenvolver uma reflexão sobre as características da paisagem e da arquitetura enxaimel, tanto aquela produzida na Alemanha, quanto a produzida no estado pelos imigrantes. Buscou-se também evidenciar como o patrimônio histórico da imigração alemã constitui-se hoje, uma estratégia de *marketing* de algumas cidades.

A segunda parte apresenta um estudo sobre a arquitetura *kitsch* e pós-moderna, com o intuito de demonstrar que esses dois movimentos utilizavam a tradição e a histórica como subsídios para a concepção da arquitetura, características que também estão presentes nas construções em estilo enxaimel. Nesta abordagem, considera-se que esses dois movimentos arquitetônicos podem ter servido de inspiração para a arquitetura estudada nessa dissertação, quando refletem um anseio de volta ao passado.

A terceira parte da revisão de literatura é dedicada ao estudo dos conceitos de memória e identidade e de suas conexões. Além das definições e dos entrelaçamentos, procurou-se também tratar de suas relações com a cidade e com a arquitetura, temas da pesquisa. Considera-se esse aporte teórico fundamental na condução das reflexões, com interpretações e ênfases próprias.

A quarta parte consiste na definição do conceito de tradição inventada desenvolvido por Eric Hobsbawn. Nesta abordagem procura-se desvendar as origens e as características das tradições inventadas, fundamental para responder ao problema de pesquisa proposto.

Por fim, na quinta parte da revisão bibliográfica apresenta-se o estudo das representações sociais de Serge Moscovici. Este aporte foi necessário para auxiliar na compreensão dos diferentes discursos obtidos durante a pesquisa de campo.

O estudo de caso ficou destinado ao capítulo 3. Nele apresenta-se a cidade de Forquilha, descrevendo-a sob os aspectos históricos, de evolução urbana e econômica, ocupação e uso do solo. Ao final do

capítulo, apresenta-se a identificação das nove construções em estilo enxaimel existentes no município, junto com a descrição do uso, tipo de propriedade, ano de construção, autor do projeto, localização e entorno imediato, além de um mapa geral da cidade, marcando as áreas urbanas, as vias principais, os acessos aos outros municípios, o zoneamento do solo e, principalmente, a localização de todas as construções em estilo enxaimel na malha urbana. A identificação e a caracterização fazem parte do primeiro objetivo específico desta dissertação.

No capítulo 4 apresentam-se os resultados encontrados ao longo da pesquisa de campo. Esses resultados foram organizados em três campos distintos: da política, da população e dos arquitetos da cidade. Esses três olhares representam formas diferentes de entender a problemática. Além disso, cada categoria é indispensável para o entendimento da outra. Esses resultados atingiram o segundo e o terceiro objetivo específico, que se propunha entender as motivações que levaram ao aparecimento das primeiras construções em estilo enxaimel e investigar o que estas representam para a população e para os arquitetos da cidade.

Por fim, no capítulo 5 desenvolvem-se as análises e as conclusões finais, que foram construídas e problematizadas através do entendimento dos resultados encontrados, da reflexão sobre as ideias já apresentadas, dos estudos bibliográficos e da vivência da pesquisadora como cidadã e como arquiteta de Forquilha, além da verificação do cumprimento dos objetivos e da resposta ao problema de pesquisa. No final são feitas sugestões sobre aspectos que poderiam ou deveriam ser explorados em futuros trabalhos e apresentam-se as referências bibliográficas.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 OS ALEMÃES E A ARQUITETURA ENXAIMEL

Nesse capítulo será apresentado um breve panorama sobre o processo de colonização alemã ocorrida no Brasil, especialmente no Estado de Santa Catarina. Expõem-se também as características da paisagem e da arquitetura da imigração alemã, tanto a concebida na Alemanha, quanto a reproduzida e modificada no estado catarinense.

2.1.1 A imigração alemã no Brasil e em Santa Catarina

A revolução industrial ocorrida na Europa no século XVII contribuiu para a concentração da produção agrária e, conseqüentemente, para a miséria e a expulsão de muitas famílias camponesas, que migravam para as cidades e acabavam se tornando operários de indústrias, também em condições precárias. Além destes aspectos econômicos, havia conflitos armados motivados pelo movimento nacionalista que ganhava vigor em todo o continente europeu e que forçava muitas pessoas a participarem dos exércitos (ZANELATTO; OSÓRIO, 2012).

Na Alemanha do século XIX ocorreram lutas contra as tropas de Napoleão Bonaparte e um grande aumento populacional, o que ocasionou a insuficiência dos meios de subsistência, e por consequência, determinou grandes levas emigratórias (KLUG, 1994). Nesse sentido, Arns (2003, p.32) afirma que “as atividades rurais, agrícolas, não suportavam e não produziam o suficiente para alimentar essa massa populacional. Começou a época da miséria. No campo não havia mais lugar para os trabalhadores. Os mendigos se enfileiravam”.

Além do motivo demográfico, havia também o fato de que a legislação sobre a partilha de terras nos estados alemães ocorria de duas maneiras: a primeira dividia a terra de maneira igual entre os filhos. Essa legislação gerou uma fragmentação das propriedades em lotes cada vez menores o que inviabilizava a vida camponesa. A segunda determinava que apenas o filho mais velho herdasse a propriedade, transformando os demais em sem-terras (SIEBERT, 2000).

Fugindo da proletarização, os camponeses viram nas Américas a possibilidade de tornarem-se proprietários de terras e de construir uma vida nova (SIEBERT, 2000). Sobre a opção de emigrar Arns (2003, p.39) explica que “o futuro era incerto, [...] emigrar era uma

preocupação, uma incerteza, mas de outro lado, uma esperança [...] emigrar era necessário para sobreviver”.

Os imigrantes alemães chegaram ao Brasil entre os anos de 1815 a 1960, alcançando seu número máximo em 1920 devido à 1ª Guerra Mundial impulsionada pela crise da República de Weimar⁷ (IBGE, 2012). Houve de certa forma dois ciclos de imigração alemã para o Brasil: o primeiro, ainda no século XIX, decorrente da política de colonização do governo brasileiro que tinha a intenção de expandir suas fronteiras agrícolas e consolidá-las com outros países (sobretudo nos estados do sul), aumentar a oferta de mão de obra livre⁸, além da estratégia social de “branqueamento” da população⁹; o segundo, já no século XX, não tinha incentivo oficial do governo, possuindo um caráter mais espontâneo (SEYFERTH, 2000).

No século XIX, em decorrência das crises que viviam em suas cidades, muitas famílias alemãs aceitaram o convite do Governo brasileiro que, além de oferecer a viagem, oferecia terras, ferramentas e isenção de impostos nos primeiros anos. Porém, a realidade que encontraram no Brasil foi outra: as promessas feitas pelo Governo não foram cumpridas. Baller (2008) comenta que muitos dos lotes não estavam demarcados ou apresentavam medições incorretas, trazendo muitos conflitos nos assentamentos. Com o passar do tempo essas dificuldades foram superadas através da chegada de mais colonos, que impulsionaram a formação de um campesinato cuja base fundiária traduzia-se em pequenas propriedades policultoras (SEYFERTH, 1999).

No estado de Santa Catarina, a imigração alemã ocorre entre os séculos XIX e XX, dentro do ciclo das grandes emigrações europeias (1815 – 1914), após as guerras napoleônicas e no início da 1ª guerra mundial. O fluxo migratório germânico tinha como objetivo ocupar as terras ameaçadas pelos vizinhos espanhóis e equilibrar a economia do país, dominada pelos grandes latifúndios e pela pecuária extensiva. Nesse sentido, a província catarinense apresentava algumas características que facilitavam a imigração, como o fato de não haver atividade escravagista e de possuir uma colonização com base na pequena propriedade rural. Os grupos que chegaram a Santa Catarina

⁷ A República de Weimar era um sistema de governo parlamentarista democrático instaurado na Alemanha logo após a Primeira Guerra Mundial.

⁸ Necessidade advinda com a abolição da escravatura em 1888.

⁹ O imigrante ideal teria que ser agricultor e branco. Os índios e mestiços eram excluídos dos projetos de colonização. O Brasil precisava deixar de ser “africanizado” (VAINFAS, 2012).

eram em sua maioria camponeses empobrecidos, oriundos da região de Bremen¹⁰ (KLUG, 1994).

Seyferth (2000) afirma que a colonização de Santa Catarina tinha a motivação de povoar uma região problemática do Brasil, sujeita a disputas de fronteiras com países vizinhos, além de o governo imperial ter o propósito de diversificação econômica, procurando estimular o progresso com a vinda dos camponeses e artífices europeus.

São Pedro de Alcântara, localizada a 30 km da Capital Florianópolis, foi a primeira colônia alemã, fundada em 1829, em função da estrada projetada entre Desterro¹¹ e Lages¹², conhecida como “caminho das tropas” (MONTEIRO, 2000). Posteriormente, foram fundadas as treze colônias elencadas na tabela 1 (e localizadas no mapa de Santa Catarina na figura 2):

Tabela 1: Colônias alemãs em Santa Catarina

ANO	COLÔNIA	MUNICÍPIO SEDE ATUAL¹³
1829	Colônia São Pedro de Alcântara	São Pedro de Alcântara
1837	Colônia Vargem Grande	Águas Mornas
1847	Colônia Piedade	Governador Celso Ramos
1847	Colônia Santa Isabel	Rancho Queimado
1847	Colônia Leopoldina	Antônio Carlos
1850	Colônia Blumenau	Blumenau
1851	Colônia Dona Francisca	Joinville
1853	Colônia Santa Teresa	Alfredo Wagner
1859	Colônia Angelina	Angelina
1860	Colônia Teresópolis	São Bonifácio
1873	Colônia São Martinho do Capivary	São Martinho
1882	Colônia Grão Pará	Grão Pará
1907	Colônia Anitápolis	Anitápolis

Fonte: Autora, 2012.

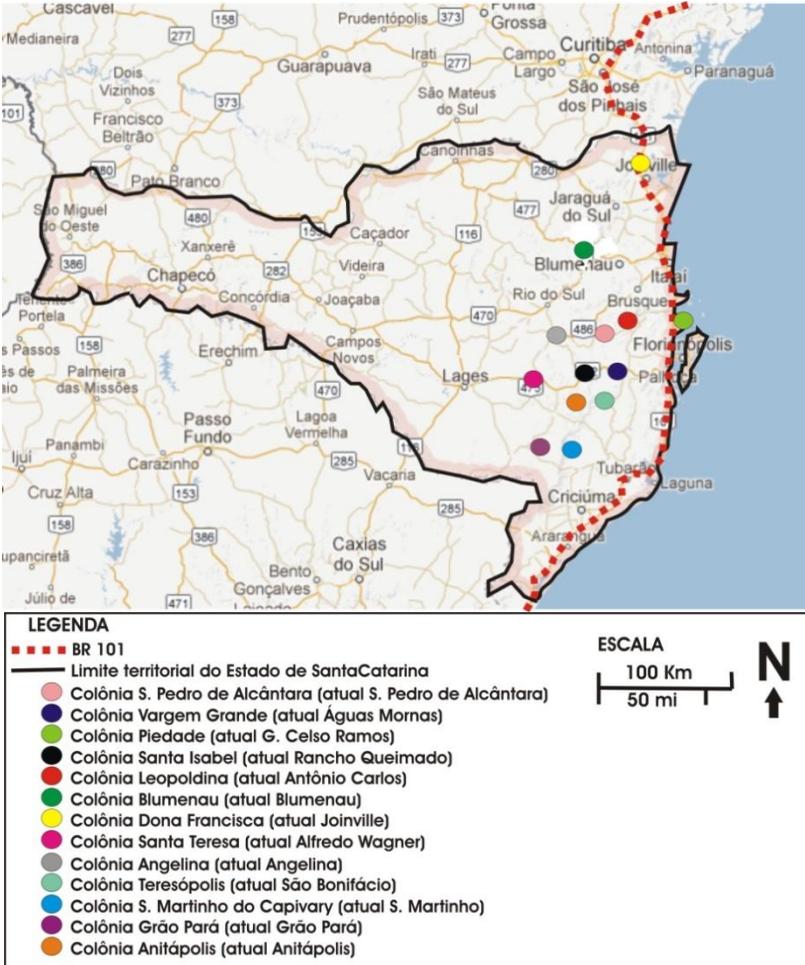
¹⁰ Estado localizado no noroeste da Alemanha.

¹¹ Nossa Senhora do Desterro foi o nome dado à cidade de Florianópolis até o ano de 1894.

¹² Município localizado no Planalto Serrano do estado de Santa Catarina.

¹³ Os municípios mencionados são apenas as sedes das colônias, pois, com os sucessivos desmembramentos ao longo do tempo, cada colônia gerou diversos municípios.

Figura 2: Mapa do estado de Santa Catarina com os municípios sede das colônias alemãs



Fonte: <maps.google.com> adaptado pela autora, 2012

Dentre as colônias alemãs destacam-se duas cidades importantes de Santa Catarina: Blumenau e Joinville. Fundadas respectivamente em 1850 e 1851, representam importantes polos econômicos e culturais (MONTEIRO, 2000).

No Sul de Santa Catarina a colonização alemã foi feita por reemigração: os alemães vinham de colônias já fundadas no estado em busca de novas terras. Os principais núcleos germânicos ocorreram

2.1.2 A paisagem da imigração alemã em Santa Catarina

Santa Catarina é um estado de imigrantes, o que confere às suas paisagens, tanto as rurais quanto as urbanas, um diferencial que constrói a identidade social dos catarinenses. Essas paisagens formaram cidades com arquiteturas distintas de outras regiões brasileiras com outros tipos de formação histórica. Serão abordadas aqui apenas as características da paisagem construída pelos imigrantes alemães, tema deste estudo.

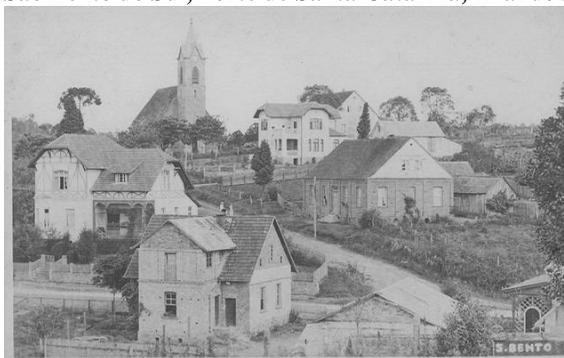
As regiões de colonização alemã foram ocupadas através do modelo de pequenas propriedades rurais, que tinham como base o trabalho familiar destinado à subsistência. Essas propriedades eram distribuídas em faixas de terra estreitas, perpendiculares aos caminhos, muitos deles em fundos de vales. A necessidade da igreja, da escola, das vendas e do pequeno artesanato fez surgir os vilarejos. Esse conjunto de elementos cumprem determinadas funções urbanas e formas características que conformam as regiões rurais típicas alemãs (WAIBEL, 1979).

O traçado urbano das cidades de origem alemã é composto pela rua comercial, pela igreja que estava localizada em uma elevação ligeiramente afastada dos eixos principais e pelos bairros que comumente são originados a partir da absorção das antigas linhas coloniais (PIMENTA E PIMENTA, 2011). A rua comercial é um elemento singular e gerador do traçado da cidade, diferenciando-as das cidades de origem portuguesa que tem como característica principal a praça em frente à igreja.

Nesse sentido, Peluso Jr. (1953) afirma que, nos agrupamentos alemães, a rua comercial é predominante e é a partir dela que surgem as quadras regulares. Todo plano urbanístico é subordinado ao comércio, o traçado é adaptado a essa função e também ao relevo e aos rios. Nesses vilarejos, a igreja estava fora da praça.

Ainda nesse aspecto, Pimenta e Pimenta (2011) reforçam que o elemento formador das cidades acaba por ser uma rua que, por consequência do desenvolvimento das atividades econômicas, é sempre a rua comercial e dela saem as transversais e as paralelas, sem preocupação com a regularidade nem com o tamanho das quadras, tampouco com o traçado em xadrez. As edificações se dispersam de maneira irregular, procurando, sobretudo para as igrejas – protestantes ou católicas - realces oferecidos pelo relevo (ver figura 4).

Figura 4: São Bento do Sul, norte de Santa Catarina, final do século XIX



Fonte: < <http://www.imigracaoalemasc.com.br>>

Outra feição marcante na definição das paisagens teuto-brasileiras foi o processo de constituição e distribuição dos lotes coloniais. As propriedades foram distribuídas seguindo as linhas de penetração abertas na mata que serviam de estradas. Os lotes eram formados por tiras estreitas a partir dos caminhos traçados. Tinham testadas de no máximo 200 metros, com frente para estradas, que em geral acompanhavam os vales fluviais. Assim, a cidade crescia a partir dessas pequenas propriedades rurais, incorporando-as ao sistema viário urbano, o que resulta em uma forma espacial singular, “marcando sua estrutura com as formas geradas pelas funções do passado” (PIMENTA E PIMENTA, 2011, p.14).

O isolamento e as dificuldades que os imigrantes passaram no início da colonização foi também um fator determinante na construção das paisagens, pois foram essas condições que despertaram um forte espírito associativo entre os colonos. Através de escolas, clubes, sociedades culturais e artísticas manteve-se a identidade dos grupos e criou-se uma cultura urbana própria (PIMENTA, 1999).

A arquitetura enxaimel dos imigrantes também é um dos elementos marcantes das cidades de imigrantes alemãs, que através de sua plasticidade evidenciam a identidade cultural da população. Todavia, os exemplares arquitetônicos que sobreviveram acrescidos da discutível arquitetura em estilo enxaimel, criam um cenário que distingue essas cidades de outras com colonização italiana ou portuguesa. A característica mais visível dessas paisagens teuto-brasileiras está na forma das edificações. Nesse sentido, Pimenta e Pimenta (2011) afirmam que os alemães trouxeram consigo, em sua bagagem cultural, a forma da arquitetura das regiões que vieram.

Essas edificações diferenciaram profundamente a paisagem das regiões com colonização alemã, mas, infelizmente, boa parte do patrimônio deixado pelos imigrantes alemães foi destruída para dar espaço à especulação imobiliária que empobreceu o cenário urbano de várias cidades catarinenses e enfraqueceu a sua identidade.

2.1.3 Características da arquitetura da imigração alemã

Na arquitetura alemã dos séculos XV a XVIII, havia dois tipos de técnicas construtivas: o blocousse¹⁴ e o enxaimel¹⁵ (ver figura 5 e 6).



Figura 5: Construção em blocousse

Fonte: <<http://de.wikipedia.org>>



Figura 6: Construção em enxaimel

Fonte:

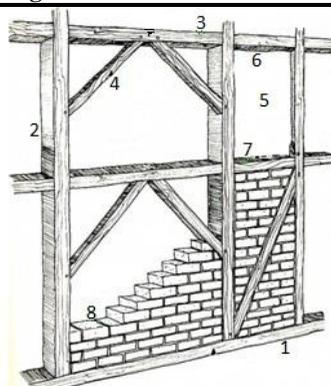
<<http://www.archdaily.com.br>>

A técnica do blocousse era feita através de troncos roliços, de diâmetros semelhantes, falquejados em duas faces opostas e encaixados nas extremidades, no encontro das paredes, o que exigia troncos retos e lisos, geralmente de coníferas. Essa técnica foi a primeira a ser utilizada e também a primeira a ser abandonada, pois consumia muita madeira. Depois do blocousse criou-se a técnica enxaimel que se desenvolveu onde existia bastante madeira dura (madeira de lei), geralmente em regiões de planície no centro da Alemanha. O enxaimel era construído a partir de paredes estruturadas por um tramado de madeira com peças horizontais, verticais e inclinadas encaixadas entre si (sem pregos), e que recebiam preenchimento com taipa, adobe, pedra, tijolos, etc. (ver figura 7) (WEIMER, 2005a).

¹⁴ Em alemão, Blockhaus. Essa técnica encontrou aplicação limitada no estado de Santa Catarina, sendo mais utilizada na arquitetura da imigração alemã nos Estados Unidos (WEIMER, 2005a).

¹⁵ Em alemão Fachwerkbau (na tradução literal quer dizer construção em prateleiras) (WEIMER, 2005a).

Figura 7: Elementos do sistema construtivo enxaimel



Legenda:

- 1- Baldrame
- 2- Esteios
- 3- Frechal
- 4- Contraventamento
- 5- Janela
- 6- Verga
- 7- Peitoril
- 8- Adobe

Fonte: <<http://blogneobambu.com>> adaptado pela autora, 2012.

Weimer (2005a, p. 67) afirma que “como a cultura germânica sempre teve uma população aldeã muito sedentária e os contatos entre as regiões eram difíceis e pouco frequentes, a difusão do enxaimel não foi linear. Houve regiões que combinaram as duas técnicas”.

No século XVII o enxaimel já havia se espalhado pelo país. Em consequência dessa proliferação, a partir de 1700 (final do século XVII) a madeira já estava ficando escassa e não conseguia atender a demanda. Por esse motivo, ela teve que ser substituída pela pedra. Essa mudança ocorreu de maneira gradual, inicialmente em construções mistas, com o andar inferior de pedra e o superior em enxaimel. Durante o século XIX, a pedra foi ganhando mais importância, restringindo a madeira somente aos telhados (WEIMER, 2005a). A partir do século XX a madeira foi definitivamente substituída pelo ferro e o concreto armado, e a pedra foi substituída pelo tijolo. A respeito dessa última alteração, Weimer (2005a, p.68) faz um comentário interessante: “É muito significativo que o tijolo, que já era conhecido há dez milênios, só tenha tido plena aceitação tão tardiamente. Isso se explica na medida em que os construtores germânicos eram avessos a coisas artificiais”.

Existiram três tipos de sistema construtivo enxaimel: o baixo-saxão, o alemânico e o franco (ver quadro 1). O sistema baixo-saxão foi o mais antigo e se desenvolveu por toda a planície germânica. Suas características principais eram os baldrame e os frechais¹⁶ contínuos.

¹⁶ Componente do telhado. Viga que fica assentada sobre o topo da parede, servindo de apoio à tesoura.

Os esteios¹⁷ também contínuos se encaixavam neles. Os peitoris e as vergas eram descontínuos e encaixados nos esteios. As janelas e as portas eram feitas nos vãos entre os dois esteios. Os esteios do piso superior descarregavam os esforços nos do inferior. Weimer (2005a) diz que devido a essa carga, os baldrames e os frechais estavam sujeitos a baixas flexões e, em consequência, tinham seções pequenas.

Quadro 1: Os tipos de sistemas construtivos enxaimel

		
<p>Figura 8: Casa em Jork, Alemanha. Enxaimel baixo-saxão Fonte: http://www.fotocommunity</p>	<p>Figura 9: Prefeitura de Esslinger, Alemanha. Enxaimel alemânico Fonte: http://www.flickr.com</p>	<p>Figura 10: Residência em Berkach, Alemanha. Enxaimel franco Fonte: http://www.berkach.com</p>

Fonte: Autora, 2012.

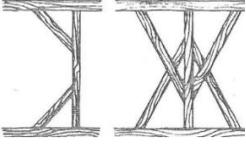
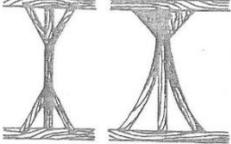
Os contraventamentos eram feitos através de uma mão francesa colocada entre o esteio e o barrote. Como efeito dessa colocação, as peças inclinadas nas paredes eram poucas ou inexistentes. Dos três sistemas esse é o que apresenta pé-direito mais baixo, sendo frequente a inexistência de verga sob as janelas. As fachadas eram rígidas e ortogonais devido à ausência das peças inclinadas. Para compensar isso, eram feitas esculturas geométricas e inscrições nas peças horizontais de madeira (WEIMER, 2005a).

O sistema construtivo alemânico se desenvolveu no sul da Alemanha. Era o oposto do baixo-saxão e o mais novo. Sua característica mais marcante era o grande afastamento dos esteios principais, o que exigia um vigamento horizontal maior para resistir aos esforços. Os esteios se apoiavam diretamente nas fundações. Na fachada, a parede superior avançava sobre a inferior. Esse avanço também ocorria no sistema baixo-saxão, mas com uma diferença: aqui, não avançava apenas na fachada principal, avançava nos dois sentidos e no encontro das paredes, onde os consoles eram estruturados

¹⁷ Peça de madeira que serve para segurar ou escorar.

espacialmente. Os contraventamentos, que davam estabilidade e rigidez à estrutura, eram feitos com peças na forma “mulher suaba”, “homem selvagem” e “homem”. A “cruz-de-Santo-André”¹⁸ (ver quadro 2) era raramente utilizada. As janelas eram menores e definidas por peitoris e vergas contínuas, encaixados nos esteios principais. A aparência das paredes era mais sóbria, porque o enxaimel era menos trabalhado devido às peças e os tramos serem maiores e mais robustos. O preenchimento era liso e caiado e depois recebia pintura (WEIMER, 2005a).

Quadro 2: Elementos do sistema construtivo enxaimel

		
<p>Figura 11: Contraventamento e homem selvagem</p>	<p>Figura 12: Mulher suaba e homem</p>	<p>Figura 13: Escora e Cruz-de-Santo-André</p>

Fonte: WEIMER, 2005, p.71.

O sistema construtivo franco se desenvolveu no planalto médio da Alemanha – desde o Rio Reno na França até a fronteira da República Tcheca. Esse sistema se assemelhava muito ao alemânico, diferenciando-se principalmente devido a maior proximidade dos esteios. Weimer (2005a, p. 70) diz que “com o passar do tempo, o sistema franco tendeu mais ao pitoresco porque passou a dar grande valor plástico ao contraventamento e ao fechamento dos tramos”. No início as escoras eram retas, que com tempo foram ficando cada vez mais curvas. Foi muito utilizada a Cruz-de-Santo-André e suas variantes. Para fecharem os tramos das fachadas não usaram panos lisos. Em seu lugar usaram peças transversais encaixadas entre si e empregando vários motivos diferentes nos tramos de uma única construção. Diferente dos modelos construtivos anteriormente mencionados, o franco não utilizava o avanço progressivo das paredes. Desde o frontão até as fundações, a parede estava em uma só prumada (WEIMER, 2005a).

Nos três sistemas construtivos, todas as peças de madeira ficavam aparentes e eram pintadas com alcatrão para impermeabilizar e dar cor à

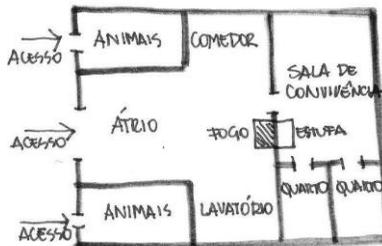
¹⁸ Cruz em formato de X, muito utilizada em brasões e bandeiras.

madeira e diferenciá-la da alvenaria, que geralmente recebia pintura caiada (WEIMER, 2005b). Os telhados tinham formas que se adequavam às regiões de nevada sempre deixando aflorada e valorizada a estrutura de madeira. Inicialmente, as coberturas eram feitas de palha, depois foram substituídas por telhas de ardósia. Nas habitações nobres, o sótão ocupava o desvão de todo o telhado (CURTIS, 2003). Esta área era utilizada para guardar alimentos secos, como os cereais.

Outra característica peculiar do enxaimel era a existência de porões sob as casas, que muitas vezes eram semienterrados, com pé-direito muito baixo e que serviam como depósito de alimentos úmidos (normalmente os tubérculos). Esse porão de pedra tinha a função também de pedestal à estrutura de madeira, livrando-a da umidade (WEIMER, 2005a).

As plantas-baixas das casas alemãs geralmente tinham um espaço reservado para o trabalho e para os animais¹⁹, outro para as atividades domésticas e um terceiro para a convivência familiar e para dormir. A sala de convivência era apenas para a família (o oposto do conceito de sala de estar que se tem no Brasil, o de receber visitas). Sua localização nos fundos deixa o acesso restrito, privilegiando a intimidade familiar. Os dormitórios, inicialmente, eram espaços separados com cortinas. Com o passar do tempo, eles se transformaram em quartos pequenos (ver figura 14) (WEIMER, 2005b). Esse modo de organizar o espaço estava ligado à necessidade de ter o fogo como elemento central para sobreviver ao inverno rigoroso, que, além disso, ainda mantinha a unidade funcional da composição arquitetônica.

Figura 14: Planta típica alemã no século XVII



Fonte: WEIMER, 2005a, adaptado pela autora, 2012.

¹⁹ Como o inverno era rigoroso, os animais tinham que ficar abrigados e dividiam o mesmo teto para aproveitar o calor produzido dentro de casa (WEIMER, 2005b).

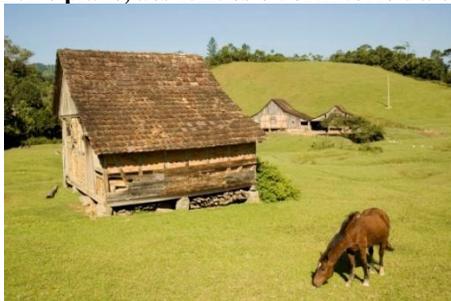
2.1.4 Arquitetura enxaimel em Santa Catarina

Os hábitos ligados à moradia, próprios da Alemanha, sofreram várias transformações para adequarem-se ao Brasil. Uma das condicionantes que mais contribuiu para essas mudanças foi o clima: de regiões de nevascas para regiões de clima subtropical. A principal mudança decorrente dessa alteração climática foi a separação das diversas funções. Os animais e os apetrechos de trabalho não estariam mais dentro de casa, pois o fogo deixou de ser o elemento principal de junção espacial. Então, para abrigá-los, são construídos outros edifícios para cada tipo de animal e cada tipo de ferramenta (um galinheiro, um chiqueiro, uma oficina, um paiol) (WEIMER, 2005b). Weimer (2005b, p.165) salienta ainda que “algumas funções típicas da nossa terra foram incorporadas ao programa, como a moenda de cana, o abrigo para preparar o melado [...] e a latrina”.

Outro item da casa que sofre mudança significativa é a cozinha. Na Alemanha, o fogo era feito dentro de casa para que os animais e os moradores pudessem ser aquecidos no frio intenso. No Brasil, com o clima mais quente, o fogo perde essa importância e por esse motivo, a cozinha passa a ser separada do corpo da casa.

A ordem de construção das propriedades coloniais alemãs em Santa Catarina era a seguinte: primeiro se construía uma pequena casa com um espaço só para abrigar a família e os bens. Em seguida era construído o abrigo para os animais e para a plantação (tanto para as ferramentas, quanto para a colheita). Por último era construída a cozinha (ver figura 15). Só quando se tinha mais recursos é que era construída a casa definitiva (WEIMER, 2005b).

Figura 15: Casa Hersing, Indaial - SC: Propriedade colonial alemã: o estábulo em primeiro plano, aos fundos o dormitório e a cozinha em anexo.



Fonte: <<http://www.skyscrapercity.com/>>

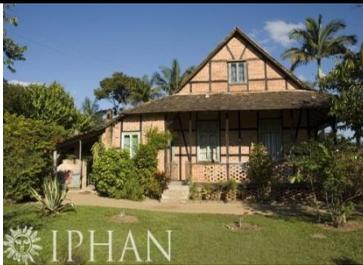
Normalmente a casa do imigrante alemão possuía uma sala com dois pares de dormitórios nas extremidades. A sala ficou menor e deixou de ser um espaço íntimo de convivência (ver figura 16). A casa ganhou jardim na frente e pomar nos fundos (WEIMER, 2005b).

Figura 16: Planta típica do imigrante alemão no Brasil



Fonte: WEIMER, 2005, adaptado pela autora, 2012.

Com o tempo mais mudanças ocorreram: as casas foram ganhando varandas, uma adequação ao clima quente e as chuvas de verão, e as cozinhas voltam a integrar-se ao corpo da casa com a vinda de fogões esmaltados. Em Santa Catarina o uso de tijolos aparentes na vedação do enxaimel lhe confere uma singularidade, pois na Alemanha a alvenaria era caiada. Todas essas transformações foram decorrentes da profunda adaptação que os imigrantes tiveram que realizar em função das condições climáticas, materiais e culturais (ver figura 17 e 18).



**Figura 17: Casa Hardt,
Pomerode-SC**

Fonte:<<http://www.skyscrapercity.com>>



**Figura 18: Casa Rux,
Jaraguá do Sul-SC**

Fonte:<<http://www.skyscrapercity.com>>

Com a campanha de nacionalização do Estado Novo e com a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), começam as perseguições étnicas e a arquitetura enxaimel entrou em decadência. Weimer (2005b, p.170) salienta que nesse período “foi definitivamente quebrado o germanismo, com o sepultamento de uma identificação dos descendentes germânicos com uma cultura teuto-brasileira, e com ela foi sepultada sua arquitetura”.

2.1.5 A campanha de nacionalização

Entre 1937 e 1945 iniciou-se uma campanha do Governo Federal intitulada de “nacionalização” que visava assegurar a soberania nacional. Essa ação estava voltada aos imigrantes e descendentes de imigrantes classificados como “não assimilados”, portadores de culturas incompatíveis com os princípios nacionais. A campanha atingiu tanto as áreas coloniais afastadas da sociedade brasileira, quanto às cidades onde as organizações étnicas estavam mais visíveis (SEYFERTH, 1997).

O exército teve papel principal na efetivação prática da campanha, pressupondo que os núcleos de colonização estrangeira constituíam “anomalias no corpo da nação” e, portanto, deveriam ser eliminadas através de ações cívicas em prol de viver em um país independente, único e forte (SEYFERTH, 1997, p.1).

O primeiro ato de nacionalização atingiu o sistema de ensino de língua estrangeira, que obrigou as escolas a modificar seus currículos e dispensar professores “desnacionalizados”. Foi proibido também o uso de línguas estrangeiras em público, inclusive nas atividades religiosas. As ações do exército impuseram ordens de civismos, como o uso obrigatório da língua portuguesa e o recrutamento de jovens no serviço militar para compor as forças brasileiras que iriam para a guerra, a partir de 1942. Essa participação aumentou ainda mais as divergências, no momento em que a ação nacionalizadora se intensificou junto aos imigrantes (e descendentes) alemães, italianos e japoneses que foram transformados em inimigos da pátria (SEYFERTH, 1997).

No sul do país, o governo de Getúlio Vargas, preocupado com a influência do nazismo na região de colonização alemã, proibiu qualquer tipo de manifestação. As sociedades culturais e de atiradores que existiam desde 1890 foram consideradas ilegais. As revistas, livros e publicações em alemão foram apreendidos. A intolerância extrema levou até a apreensão de bíblias em alemão, além da prisão de inúmeros homens e mulheres sem qualquer envolvimento em atividade criminosa, apenas pelo fato de não falarem português (SIEBERT, 1996).

Para sobreviver à repressão federal, os imigrantes precisaram exibir integração à cultura brasileira, sofrendo com isso, um brutal processo de sufocamento e ruptura.

A partir dos anos 70, esquecida a Segunda Guerra Mundial, voltou a ser seguro ser alemão e esta mesma cultura que foi tão duramente reprimida passa a ser valorizada e explorada turisticamente, nem sempre a partir do patrimônio genuíno. A necessidade de reconstrução da memória levou algumas cidades a reinventarem seu passado. E nessa reinvenção, o estilo enxaimel passa a ser utilizado como uma forma de buscar a identidade perdida da imigração alemã.

2.1.6 A técnica enxaimel e o turismo

Os exemplares arquitetônicos construídos com a técnica enxaimel que sobreviveram constituem-se patrimônio histórico e em grande parte, são tombados em esfera municipal ou federal. O maior acervo de construções em enxaimel existente fora da Alemanha é encontrado em Pomerode, cidade localizada na região conhecida como Vale Europeu (norte de Santa Catarina). A maior concentração destas edificações está na localidade de Testo Alto, na chamada “Rota do Enxaimel” (ver figura 19). São cerca de cinquenta construções genuínas que fazem parte do conjunto de bens chancelados em nível federal pelo Instituto Nacional de Patrimônio Histórico (IPHAN, 2012).

Figura 19: Rota do enxaimel, Pomerode-SC



Fonte: <<http://www.matraqueando.com.br/pomerode-rota-enxaimel>>

Vale ressaltar que, hoje, as cidades colonizadas por imigrantes alemães convivem com uma grande onda de incentivos, não só ligados à preservação do patrimônio enxaimel, como também às construções que remetem ao caráter dessa arquitetura, através de releituras ou cópias. Esses incentivos são justificados pelo desejo do desenvolvimento turístico ou pela construção e afirmação de uma identidade. Algumas

idades, estando desprovidas de enxaimel típico da imigração que caracterize a etnia predominante local, investem nas imitações para conferir o caráter requerido. Forquilha é uma dessas cidades.

Mas essa prática não é nova. Ela começou a ser seguida por volta dos anos 70. Na cidade de Blumenau, localizada no vale do Itajaí, em 1977, o prefeito da época, Renato Mello Viana, criou uma lei²⁰ que propunha o incentivo de novas construções concebidas em estilo enxaimel, ou como ele mesmo escreveu, em “estilo típico” (ALTHOFF, 2011), possivelmente empolgado com o sucesso com que duas construções desse estilo fizeram aos olhos dos turistas. Mas desde 1968, mesmo antes da lei de incentivo, as construções em estilo enxaimel já eram estimuladas através da disposição de plantas arquitetônicas “típicas”²¹ aos interessados.

De acordo com atas relacionadas com a redação da lei, sugeriu-se que o prefeito criasse um meio de julgar o que seria uma casa “típica” para efeito de incentivo fiscal, solicitou-se um projeto de lei proibindo a demolição de casas “típicas” e solicitou-se um levantamento das mesmas. No início dos anos 70, foram apresentadas sugestões para a preservação dos prédios “tipicamente alemães” e do patrimônio histórico, com redução de imposto predial e crédito ao proprietário para conservação (FLORES, 1997, p. 76). Nessa mesma época, um folder projetou Blumenau no cenário nacional como cidade europeia. Tratava-se de fotos da Rua Ângelo Dias, que foi publicada no *Reader's Digest*²² com o patrocínio das grandes lojas locais (Flamingo, Hering e Bürger) (ver figura 20).

²⁰ Lei nº 2.262 que em seu artigo primeiro determina: “Fica o executivo autorizado a conceder favores fiscais às edificações que forem construídas dentro do perímetro urbano de Blumenau, para fins comerciais, residenciais, isolados ou conjuntamente, e que apresentarem os estilos arquitetônicos típicos conhecidos como Enxaimel e Casa dos Alpes, nas seguintes bases: a- 50% do imposto predial urbano para edificações residenciais; b- 1/3 do IPTU para edificações destinadas ao comércio, obedecendo aos critérios de lançamento estabelecido pelo Código Tributário do Município”. A lei fixava o período de 10 anos de isenção, a partir do habite-se (ALTHOFF, 2011).

²¹ O conceito típico é um tanto questionável. Típico significa as características que definem uma pessoa ou um objeto, servindo de tipo e em Blumenau, as casas “típicas” alemãs, são feitas em estilo enxaimel, muito diferentes daquelas produzidas na Alemanha. Portanto, não são típicas.

²² *Readers Digest* é uma revista americana de interesse geral, publicada mensalmente, com sede em Nova York. No Brasil ela se chama Seleções.

Figura 20: Folder da Revista *Reader's Digest*.



Fonte: <<http://adalbertoday.blogspot.com.br/2008/09/que-pas-este.html>>

De acordo com Flores (2007), a comissão que organizou e publicou o encarte da revista *Seleções*, de circulação nacional, intitulou a matéria como "adivinha que país é este?", tornando Blumenau conhecida no resto do país, como uma "Alemanha brasileira". Com fotos de várias casas de "telhadinho em pé, todos juravam que era a Alemanha". O folder garantia:

“Sim, é Brasil. Blumenau é um pedaço diferente do Brasil que você conhece: casas saídas dos contos de fada, cercadas de flores, cortinas nas janelas e (às vezes você poderia jurar) paredes de confeitos e chocolate... Faça sua viagem ao exterior sem sair do Brasil" (FLORES, p.07).

Flores (2007, p.07) comenta ainda que a paisagem arquitetônica formada pelas fotografias impressas no folder dava a aparência de conjunto, mas na realidade esses traços germânicos eram apenas traços dispersos do que restava de uma arquitetura enxaimel, cuja técnica com encaixe de madeira já caíra em desuso há muito tempo (ver figura 21). Segundo a autora, o genuíno, o autêntico, a integridade não é posta em jogo. “Vem daí a força da teatralidade nessas construções arquitetônicas, assim como o apelo ao entretenimento, ao *kitsch* e à cultura de massa”.

Figura 21: Folder da Revista *Reader's Digest*.



Fonte: <<http://adalbertoday.blogspot.com.br/2008/09/que-pas-este.html>>

Outras cidades catarinenses também possuem em suas paisagens construções em estilo enxaimel, como Joinville, Brusque e Itajaí. Gramado, no Rio Grande do Sul, também é um caso emblemático, pois utiliza construções com influência germânica para explorar a atividade turística, que é a principal fonte econômica da cidade. É possível afirmar que a arquitetura do estilo enxaimel rompe com a ideia modernista, de racionalidade, de honestidade projetual²³, de funcionalismo, assumindo o desejo pela tradição, pela história, pela fragmentação e por elementos híbridos, características presentes nas concepções arquitetônicas desenvolvidas pela estética *kitsch* e pelo movimento pós-moderno.

2.2 ARQUITETURA *KITSCH* E PÓS-MODERNA

A escolha em abordar os temas ligados a estética *kitsch* e ao pós-modernismo pode ser explicada pelo fato de que esses dois movimentos utilizam elementos da tradição para conceber sua arquitetura, e a sua influência pode ter sido uma das molas propulsoras para o surgimento da arquitetura estudada nessa dissertação (edificações em estilo enxaimel). Além disso, tal abordagem parece fundamental para a compreensão da evolução das aparências arquitetônicas relacionadas ao uso da história na concepção das formas.

2.2.1 A estética *kitsch*

A estética *kitsch* é pouco estudada na arquitetura, mas devido ao seu crescimento constante nas cidades e, também, por estar relacionada ao uso da cultura erudita na criação de elementos decorativos ligados ao comércio e ao consumo, esta forma de expressão apresenta estreita relação com o estilo enxaimel.

O *kitsch*²⁴ nasceu entre os anos 1850 e 1914, no momento em que ocorre a busca pela imitação do artesanato por parte da produção industrial, reforçando a confusão entre o objeto único e o objeto

²³ Expressão utilizada pelos arquitetos modernistas, que defendiam que a forma arquitetônica deveria ser uma decorrência direta da lógica, da funcionalidade e da técnica construtiva, de acordo com os materiais, hábitos e costumes do nosso tempo (MONTANER, 1993).

²⁴ A provável origem da palavra *Kitsch* seria o verbo alemão *Kitschen*, que significa “tirar a lama da rua” ou “reformatar móveis para fazê-los parecer antigos”. Outra tradução para esse verbo seria “atranscar” (GUIMARAENS; CAVALCANTI, 1982).

reproduzido. Neste contexto, a globalização utiliza o *kitsch* como uma forma de democratizar a economia e a cultura (PIGNATARI, 1965).

Sua manifestação ocorreu na música, na literatura, na arquitetura, na decoração de ambientes, no vestuário, na publicidade. A indústria cultural foi a grande responsável pela sua propagação quando reproduzia em série as obras de arte para agradar a classe média. As regravações dos grandes sucessos de uma época, com novas interpretações ou ritmos musicais, as novelas, são consideradas *kitsch* assim como o mix de estilos, épocas e ritmos que, ao perderem sua originalidade, contribuem para constituir sua essência (SÊGA, 2009).

Pode-se considerar o *kitsch* como um fenômeno universal e atemporal, pois ele não coincide com um estilo definido, mas sim com uma atitude relacionada a certos estilos. Na maior parte dos estudos sobre o assunto ele está relacionado ao mau gosto. Mas, esse conceito não pode ser estendido necessariamente ao *kitsch*, porque mau gosto pode ser evidente aos olhos de alguns. O que se verifica é que em seus objetos há o intuito de alcançar um status sociocultural superior através da absorção de elementos típicos das classes mais altas. Nesse sentido, o *kitsch* define-se como um repertório amplo que simboliza um aumento do status, podendo até ser considerado como um processo de renovação das elites (GUIMARAENS; CAVALCANTI, 1982).

Apesar do *kitsch* estar quase sempre vinculado ao consumo de maneira passiva, Guimaraens e Cavalcanti (1982) defendem a existência também de um “*kitsch* criativo”. Para os autores, no *kitsch* criativo o produtor/consumidor realiza uma intervenção na concepção dos espaços/objetos. Nele, são encontradas sempre as “marcas” do autor na modificação do espaço. No entanto cabe ressaltar que mesmo que seja criativo, ele nunca será original na sua essência. O uso de elementos historicistas na arquitetura contemporânea pode ser considerado também uma influência da manifestação *kitsch*.

Um objeto ou um edifício é considerado *kitsch* se ele apresentar uma ou mais das seguintes características: imitação (de obra de arte), exagero (nos materiais, cores e proporções), função como fator não determinante (um abacaxi como pedestal para um abajur, por exemplo) e perda da função original dos elementos (SÊGA, 2009).

Essa necessidade de personalização aparece na arquitetura através do uso exagerado de elementos decorativos, da variedade dos materiais (frequentemente os azulejos e ladrilhos), e no uso de cor, empregada na maioria das vezes em tons berrantes. Também algumas distorções estruturais acontecem devido à aplicação de novos sistemas construtivos

sem o aprofundamento de seus princípios (ver figura 22) (GUIMARAENS; CAVALCANTI, 1982).

Figura 22: Residência Kitsch



Fonte: <<http://quandoacidade.wordpress.com>>

Nessas definições do *kitsch*, é possível encontrar uma semelhança com o movimento pós-moderno: a busca pelo simbólico e a reação contra as normas rígidas da padronização e do funcionalismo moderno, no sentido de buscar a diferenciação individual e a afirmação social. A negação do autêntico, a cópia e a artificialidade são os significados frequentemente associados às produções *kitsch*, mas que também podem ser associadas aos objetos pós-modernos. Isso leva a crer que essas duas manifestações estão relacionadas na sua essência porque possuem os mesmos princípios de concepção da forma arquitetônica. Como exemplo, podemos citar a loja de departamentos Havan, em Florianópolis, uma vez que reúne praticamente todas as características da arquitetura pós-moderna e *kitsch*: a imitação, a perda da função original das colunas e do frontão e o exagero na cópia fora de escala da estátua da liberdade, dos Estados Unidos (ver figura 23).

Figura 23: Havan de Florianópolis



Fonte: <<http://www.skyscrapercity.com>>

2.2.2 O pós-moderno e o historicismo na arquitetura

A globalização trouxe consigo a facilidade de comunicação, o consumismo e a variedade de informações. A partir dessas mudanças surge um novo conceito de cidade, adequado à nova maneira de viver. São feitas críticas aos preceitos da modernidade que já não combinam mais com os novos padrões. Essas novas exigências implicam também na mudança da arquitetura, que responde às novas práticas e ideais. As respostas fazem surgir um movimento que se define como pós-modernismo, baseado na multiplicidade, na fragmentação, na volta à história como ponto referencial e no pluralismo que surge com o efeito da globalização. Para entender melhor o movimento pós-moderno, buscaram-se explicações de alguns teóricos sobre o tema:

David Harvey (1992) afirma que o pós-modernismo é caracterizado pela ruptura com os preceitos modernos de planejamento e desenvolvimento em grande escala. Assim, o pós-modernismo define a cidade como algo fragmentado, um local destinado às formas passadas, superpostas umas às outras e uma colagem de usos. É um movimento sensível às tradições vernáculas, às histórias locais, às necessidades e fantasias particulares, gerando formas arquitetônicas “personalizadas” e utilizando o recurso da mistura de estilos arquitetônicos.

Frederic Jameson (2006) explica que a pós-modernidade é a sociedade do espetáculo ou das imagens, e em parte é definida pela transformação da beleza em objeto de consumo.

Mike Featherstone (1997) diz que o pós-modernismo pode ser resumido em quatro características principais: a primeira é o afastamento do conceito de universalidade em prol do conhecimento local, da fragmentação, do sincretismo, da alteridade e da diferença; a segunda característica é a dissolução do julgamento de gosto e de valor, em direção ao colapso na distinção entre alta cultura e cultura popular; em terceiro lugar está a tendência de diluir as fronteiras entre a arte e a vida cotidiana, indo em direção à cultura de consumo, simulada e de aparência; a quarta e última característica é a substituição do senso de unidade pelo jogo superficial de imagens e sensações.

Kenneth Frampton (1997) afirma que o princípio geral que caracteriza a arquitetura pós-moderna é a destruição consciente do estilo e a canibalização (nos termos do autor) da forma arquitetônica, como se nenhum valor pudesse opor-se por muito tempo à tendência da produção e do consumo.

Paolo Portoghesi (1999) enfatiza que a arquitetura pós-moderna revalida a ambiguidade e a ironia, a pluralidade dos estilos, o duplo

código que lhe permite atender ao mesmo tempo o gosto popular, através do vernáculo, e o gosto dos especialistas, através da transparência do método compositivo.

Apesar de tentar classificar as correntes do pós-modernismo, a pluralidade de seus significados faz dele um elemento de difícil entendimento, complexo e contraditório que se reflete na arquitetura, nas artes e nas cidades que de muitas maneiras estão interligadas. O que se sabe é que sempre essas expressões são representações fiéis do modo de viver das pessoas.

2.2.2.1 O nascimento da arquitetura pós-moderna

Na arquitetura, o movimento pós-moderno foi um dos mais controversos do século XX. Ele nasceu em meados dos anos 60, a partir de questionamentos aos preceitos da arquitetura moderna, defendendo o rompimento com a rigidez de padrões construtivos, racionais e sistêmicos, a favor da valorização da riqueza das concepções históricas.

Alguns fatores contribuíram para dar início ao novo movimento: em primeiro lugar a morte dos mestres da arquitetura moderna, Le Corbusier, em 1965, e em 1969, Mies Van der Rohe e Walter Gropius. Em segundo lugar, os projetos de jovens arquitetos mostravam uma mudança de ideais, resultando na mudança das formas arquitetônicas (MONTANER, 1993).

Para Charles Jenks²⁵ a "morte" da arquitetura moderna ocorreu na implosão do conjunto habitacional Pruitt-Igoe²⁶ (Saint Louis, Missouri, EUA), edifício símbolo dos princípios modernistas da construção universal, no dia 15 de julho de 1972 (ver figura 24) (ORTIZ, 1992).

Outro acontecimento marcante no novo quadro da arquitetura foi o incêndio da cúpula Geodésica (ver figura 25), do arquiteto Richard Buckminster Fuller para a exposição de Montreal, em 1976. Esse edifício representava um paradigma da arquitetura do futuro (MONTANER, 1993).

²⁵ Charles Jenks (Baltimore EUA, 1939) é paisagista, designer e teórico de arquitetura. Seus livros sobre história e crítica do modernismo e pós-modernismo foram amplamente lidos no campo da arquitetura.

²⁶ Projetado pelo arquiteto Minoru Yamasaki, nos anos de 1952-1955.



Figura 24: Pruitt-Igoe, 1972

Fonte: <<http://pt.wikipedia.org/>>



Figura 25: Cúpula geodésica, 1976

Fonte: <<http://pt.wikipedia.org/>>

2.2.2.2 Mas afinal, o que o movimento pós-moderno representava para os arquitetos da época?

Os pós-modernos rejeitavam o compromisso que o modernismo tinha com o desenvolvimento social. Em termos estéticos isto implicou na recusa da universalização das formas. Diante da padronização da indústria, eles valorizavam as diferenças. As primeiras ideias de Robert Venturi²⁷ pretendiam combater a monotonia da arquitetura universal, através da complexidade dos variados contextos sociais locais (ORTIZ, 2012). Esse compromisso com o local foi denominado pelos arquitetos da época de contextualismo.

Nesse sentido, as propostas do Grupo Archigram²⁸, na Inglaterra, o conceito de crítica tipológica de Aldo Rossi²⁹, na Itália, e o conceito de arquitetura como linguagem de Robert Venturi, nos Estados Unidos, no início dos anos 60, representavam o surgimento de novas propostas metodológicas para entender e projetar a arquitetura, marcando a entrada de uma nova época (MONTANER, 1993).

Em 1966, Robert Venturi publica o livro *Complexidade e Contradição em Arquitetura*, iniciando com um manifesto: “*less is bore*” (menos é chato), uma ironia ao lema do arquiteto moderno Mies Van de Rohe em “*less is more*” (menos é mais). Nesse manifesto ele defende uma arquitetura complexa, impregnada de simbolismo, tensões, ambiguidades e contradições. Venturi (1987, p.25-26) se posiciona dizendo que prefere os elementos híbridos aos puros, os comprometidos

²⁷ É um arquiteto norte-americano (Filadélfia, 1925) vencedor do Prêmio Pritzker de 1991.

²⁸ Grupo de arquitetos ingleses formado em 1961, com ideias futuristas para as cidades.

²⁹ Aldo Rossi (Milão, 1931 - 1997) foi um arquiteto e teórico italiano.

aos limpos, os distorcidos aos retos, os ambíguos aos articulados. “Defendo a vitalidade confusa frente a uma unidade transparente. Aceito a falta de lógica e proclamo a dualidade.” Na sua linguagem arquitetônica ele insere formas e ornamentos com a intenção de se comunicar com o usuário através de simbolismos. É o início do pós-modernismo como estilo.

No mesmo ano (1966), Aldo Rossi lança seu livro *A Arquitetura da Cidade*, que “foi o livro mais influente da arquitetura do século XX. Um texto que alcança um papel representativo similar ao dos tratados da época clássica” (MONTANER, 1993, p.139). O objetivo principal do livro era trazer a relação da arquitetura com a cidade: sua gestão política, a memória coletiva, traçados e estruturas da propriedade urbana. Esses temas foram tratados através de diferentes pontos de vista: antropologia, psicologia, geografia, arte, novela, economia e política. Aldo Rossi entende a cidade como um bem histórico e cultural, e apresenta o conceito de tradição, entendida como uma ordem que pode ajudar a alcançar algo novo através da crítica racional (MONTANER, 1993). Para ele, a tradição é parte importante, que deve ser experimentada no agora, através de permanências. Esse método das permanências mostra o que a cidade foi, mas também o que tem de diferente hoje. No entanto, é preciso ter cuidado com as permanências, porque se não forem bem utilizadas, elas podem se tornar aberrações (ROSSI, 2001). Nota-se a preocupação do arquiteto em deixar explícito que as tradições devem ser utilizadas de maneira consciente e como ponto de partida para novas propostas.

Nesse contexto, a memória é entendida por Rossi como um elemento chave que permite relacionar a arquitetura com a sociedade. Quando cada nova obra se apropria de referenciais conhecidos, ela utiliza conceitos de memória urbana coletiva (MONTANER, 1993).

Na sua obra *Teatro do Mundo* (ver figura 26), Rossi revela e acrescenta significações a Veneza: ao mesmo tempo em que resgata a história, é uma obra de invenção, visto que reinterpreta de maneira original os dados fornecidos pela história (ARANTES, 2000).

Outro conceito básico reutilizado no livro foi o de tipologia arquitetônica. Para Rossi (2001), o tipo não representa uma coisa a ser copiada tal e qual como é, servindo como modelo. É necessário sim um antecedente, pois nada vem do nada, mas esse não deve ser utilizado como uma imitação que a percepção não possa reconhecer. Algo copiado não é arquitetura. O tipo está ligado com o modo de vida e com as necessidades, que reage com a técnica, com as funções, com o estilo, com o caráter coletivo e o momento individual do fato arquitetônico.

Figura 26: Teatro do Mundo, Veneza, 1979

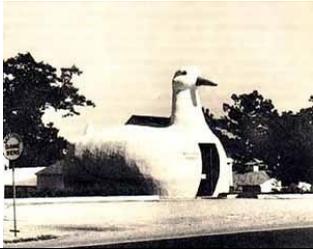
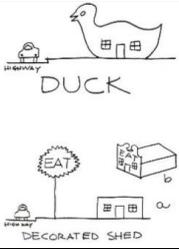


Fonte: <<http://fantasticjournal.blogspot.com.br/>>

Giulio Carlo Argan (2004, p.68) também contribuiu para o entendimento do conceito de tipo em seu livro *Projeto e Destino*. Ele afirma que “mediante a redução ao tipo, o artista se livra da influência de uma determinada forma histórica, neutraliza-a: assume o passado como um fato consumado, não mais suscetível de desenvolvimento”. É através do tipo que o conteúdo simbólico do passado é buscado de maneira consciente. Esse conteúdo forma um fator essencial do ponto de vista histórico e estético. É um objeto que qualquer pessoa pode conceber em suas obras sem que se assemelhem entre si (ARGAN, 2004).

A partir dessas definições, pode-se afirmar que o conceito de tipo em arquitetura pode ser visto como um método de projeto, em que o arquiteto se utiliza dele como base para a criação ou como um diálogo entre arquitetos e habitantes da cidade. Como processo projetual, o tipo organiza a concepção arquitetônica baseada em elementos históricos e seus valores culturais. Ele valida referências e significados atualizados no tempo e no espaço, com semelhanças sutis em decorrência das variações dos princípios que resulta e de soluções peculiares agregadas a significados culturais e afetivos. É usado no processo de concepção através da essência, e não da aparência (PERDIGÃO, 2009).

Em 1972, Venturi publica *Aprendendo com Las Vegas*. Neste livro, o autor reafirma uma arquitetura complexa e contraditória, rica em simbolismos, e também defende a imagem como sustentadora da arquitetura, já que esta é capaz de trazer alusões do passado e despertar associações e percepções. Foi aí que ele introduz o conceito de “pato” e “galpão decorado” como defesa do simbolismo da arquitetura considerada feia e banal. O “pato” é o edifício-escultura, que por si só é um símbolo, diferente do “galpão decorado” que é um edifício-abrigo convencional em que se aplicam símbolos (ver figura 27 e 28).

	
<p>Figura 27: O pato Fonte: VENTURI, 1978, p. 114.</p>	<p>Figura 28: O pato e o galpão decorado: croquis do autor Fonte: VENTURI, 1978, p. 118.</p>

É a partir desse momento que Venturi parte para o uso difundido de modelos arquitetônicos que se fundamentam no gosto popular e na apropriação de vários estilos. As teorias de Venturi contribuíram para a renovação da consciência da história, que acaba permeando todo o movimento pós-moderno. Mas nem todos os arquitetos que se apoiaram no historicismo foram bem sucedidos, já que o estímulo à volta do ecletismo acabou por se comparar “a uma caixa de Pandora de estilo” (NESBITT, 2008, p.91).

Em relação ao historicismo, Connor (1993) reconhece duas formas principais de utilização. A primeira é o resgate direto do passado, onde a arquitetura assume formas tradicionais ou faz simulações históricas. A Piazza d’Itália é um bom exemplo, pois ela faz uso irônico de vários elementos históricos, como o frontão e as colunas baseadas nas ordens gregas. (ver figura 29). A segunda forma é quando a arquitetura assume a história através de posturas críticas e conscientes, como no prédio da AT&T em Nova York, do arquiteto Philip Johnson, que utiliza um elemento tradicional de móveis antigos para fazer o coroamento do arranha-céu (ver figura 30).

	
<p>Figura 29: Piazza d’Itália, Charles Moore, New Orleans, 1978 Fonte: <http://www.idehist.uu.se></p>	<p>Figura 30: Edifício da AT&T, Phillip Johnson, Nova York, 1984 Fonte: <http://www.galinsky.com></p>

Algumas características aparecem na arquitetura, resultantes dos pensamentos pós-modernos: a fachada volta a ser valorizada com ornamentos e cores fortes, alguns até irônicos e exagerados, como a volta ao uso do frontão da arquitetura grega, mas fora de proporção. Já não é preciso inovar e ser original: os estilos arquitetônicos se misturam formando produtos sem um período definido. Esse “vale tudo” acarreta na falta de unidade, tornando a arquitetura fragmentada.

Nesse sentido, Venturi (1977) dá a receita das características que teriam os edifícios desta época: são pós-modernos os objetos híbridos e contaminados, ambíguos, complexos e distorcidos, em vez de diretos, triviais ou articulados, igualmente tediosos e interessantes, tradicionais e inovadores, corretos e equivocados. Com essa definição, talvez seja possível enquadrar algumas obras como as dos arquitetos Michael Graves, Charles Moore, James Stirling e claro do próprio Robert Venturi. Porém retratar o pós-modernismo como um movimento uniforme seria ir contra seu preceito de pluralidade.

Com a indefinição sobre os limites pós-modernos, fica a sensação de que nada se enquadra perfeitamente. Pode-se pensar que todas as obras de 1960 a 1980 são pós-modernistas, o que não é verdade. Por outro lado, há muitas arquiteturas consideradas contemporâneas que se enquadram perfeitamente nas características do movimento pós-moderno (CREMASCO, 2011). Um exemplo desta indeterminação são as obras esculturais de Frank Gehry (ver figura 31 e 32), onde o “gosto” popular é explorado e o “vale tudo” reflete-se nas formas.



Figura 31: Hotel Marques de Riscal, Elciego (Alava), Espanha, 2006.

Fonte: <<http://www.arctecart.com.br>>



Figura 32: Sátira da “inspiração” do projeto nos Simpsons³⁰.

Fonte:

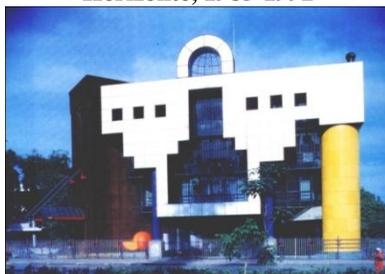
<<http://operachic.typepad.com>>

³⁰ Série de desenho animado que faz paródia do estilo de vida da classe média americana.

2.2.2.3 O pós-modernismo no Brasil

A arquitetura pós-moderna no Brasil não teve tamanha representatividade como na Europa e nos Estados Unidos. Possivelmente, as obras mais emblemáticas são as de Éolo Maia, Sílvio de Podestá e Jô Vasconcellos, em Minas Gerais (ver figura 33). “Esses arquitetos aderiram com muito bom gosto ao pluralismo estético dos anos 70 e 80” (MALARD, 2006, p.102). Suas obras aproximavam-se do gosto popular devido ao uso de cores vivas e tornaram-se fonte de inspiração para a arquitetura comercial, inspiração essa que muitas vezes foi apropriada “numa sequência repetitiva e monótona de paródias vulgares. Em tons pastel, evidentemente” (MALARD, 2006, p.104).

Figura 33: Secretaria Estadual de Esportes, Lazer e Turismo de Minas Gerais. Projeto de Éolo Maia, Jô Vasconcellos e Sílvio Podestá. Belo Horizonte, 1985-1992



Fonte: <<https://www.ufmg.br>>

A partir de todas as considerações feitas a respeito do pós-modernismo, considera-se que tanto o *Kitsch*, quanto as edificações em estilo enxaimel não fazem uso da ironia. No entanto, é possível classificar o estilo enxaimel na primeira vertente do historicismo, definido por Connor (1993), que é aquela que faz simulações históricas, sem adotar uma postura crítica e consciente.

A mistura de estilos do passado tornou a arquitetura pós-moderna uma arquitetura híbrida. Acredita-se que esse seja o ponto forte do pós-modernismo, uma vez que o hibridismo compõe a noção de diferença e de pluralidade. No entanto, esse hibridismo associado à ironia e aos elementos do passado faz com que a cenografia seja preponderante em relação ao tectonismo.

O movimento pós-moderno sempre foi acompanhado de muitas polêmicas que trouxeram algumas discussões importantes. O resultado positivo de tudo isso foi a contribuição do movimento pós-moderno no

rompimento com a rigidez, abrindo caminhos para a liberdade arquitetônica atual. Por outro lado, essa liberdade quando mal compreendida pode trazer a tona uma série de “revivals” inconsequentes.

Parece que a tentativa inicial do pós-modernismo para pensar e buscar a diferença está articulada com a memória local e com a retomada das tradições, que por consequência realça as particularidades. O resgate da memória foi feito pelos arquitetos pós-modernos através do uso de formas e elementos do passado, que em suas obras, tornavam-se atemporais. No entanto, a memória coletiva que Halbwachs se referia não era uma memória que dissociava o tempo do espaço, como será visto no capítulo a seguir. Pelo contrário, uma coluna e um frontão grego nada têm a ver com a vida contemporânea, de uma cidade contemporânea, tampouco resgata a memória das civilizações gregas.

2.3 MEMÓRIA E IDENTIDADE

Tratar de conceitos tão abrangentes e polissêmicos como os de memória e identidade é uma tarefa difícil, pois exige uma análise do que cada um representa e das suas conexões. Por isso, para defini-los, buscou-se respaldo em autores considerados referência no assunto. Procurou-se também relacionar memória e identidade com a cidade, no intuito de aproximá-los do tema da pesquisa.

Entende-se que a memória é uma evocação do passado através do presente. É uma capacidade humana de guardar o que foi salvando-se do esquecimento. Segundo Pierre Nora (1981), a memória é vida, está sempre presente em grupos e em estado de permanente evolução. É um fenômeno sempre atual, um elo vivido no presente. Para ele, a memória emerge de um grupo que ela une; tem natureza múltipla, coletiva e individualizada; a memória se fixa no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. Pollak (1992) afirma que a memória é seletiva, nem tudo fica guardado. Por isso, ela é um fenômeno construído, um verdadeiro trabalho de organização. A partir dessas afirmações pode-se considerar que por ser um fenômeno selecionado e construído, a memória passa por inúmeras mudanças, conforme a variação dos elementos que a significam.

Segundo Ecléa Bosi (2009), a memória é uma riqueza infinita da qual só guardamos um fragmento. Para a autora, a memória é trabalho, na medida em que lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, os conhecimentos do passado.

Bosi afirma ainda que devemos duvidar da sobrevivência do passado “tal como foi”, que se dá no inconsciente de cada indivíduo. Assim, se pressupõe que a lembrança é sempre constituída por elementos que estão disponíveis no agora, na nossa consciência atual.

Por outro lado, a função da lembrança é conservar o passado de um indivíduo da forma mais apropriada para ele. O material indiferente pode ser descartado, o desagradável pode ser alterado, o pouco claro às vezes é simplificado com definições limitadas. No fim, forma-se um quadro novo, mas sem a intenção de que seja falso (BOSI, 2009). Dessa forma, o passado é trabalhado pelo sujeito.

Marilena Chauí (2006) também compartilha dessa opinião quando afirma que a memória não é um simples lembrar, mas manifesta-se como uma das formas fundamentais da nossa existência, que é a relação com o tempo. É a memória que confere sentido ao passado e o que o distingue do presente e do futuro. Compreende-se então que a memória é um elemento muito enraizado no presente (ARANTES, 1984), e, portanto indissociável do tempo.

Le Goff (2003, p.149) afirma que “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas”. Mais que isso, para ele “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje” (GOFF, 2003 p.469). Por isso, os conceitos de memória e identidade são indissociáveis. A memória é um fenômeno social que constrói a identidade na medida em que ela é o suporte para as experiências vividas nos grupos sociais, e é o elemento que promove o sentimento de pertencimento, que por sua vez, confere identidade.

A priori costuma-se imaginar a memória como algo individual, mas deve-se considerar que ela é também um fenômeno coletivo, e que ambas são independentes, já que o indivíduo rememora a partir dos grupos sociais, embora não se confunda totalmente com eles. Além disso, as memórias são produzidas e sofrem mudanças ao longo das diferentes gerações, pois são concebidas dentro do tempo e do espaço em que os indivíduos se situam (HALBWACHS, 2006).

Halbwachs contribui para o esclarecimento de que a memória individual não pode ser entendida sem a memória coletiva do grupo ao qual o indivíduo pertence, e que é seu suporte. Entende-se dessa forma que a memória é formada de personagens, acontecimentos e lugares.

Outro ponto a ser considerado é que a memória é diferente da história. De acordo com Nora (1993), a história é a reconstrução incompleta do que não existe mais, é uma representação do passado que demanda análise e discurso crítico; a história pertence a todos e a ninguém, por isso é universal, diferente da memória que é viva e vulnerável a repentinas revitalizações.

A partir daí é possível afirmar que a história precisa da memória. Le Goff (2003, p. 471), contribui para esse esclarecimento quando enfatiza que “a memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta; procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”.

A apresentação desses vários conceitos mesmo que superficialmente contribui para a reflexão sobre memória urbana, disposta a seguir.

2.3.1 Memória e território

O conceito de território constitui a expressão de uma área dominada por um grupo de pessoas e, através desse domínio, a possibilidade de controlar ou influenciar o comportamento de outros (SACK, 1986, apud VALVERDE, 2004). Em suma, o território é o espaço com dono, submetido a uma relação de poder.

O território pode ser analisado a partir de três enfoques diferentes: o primeiro é o jurídico-político, onde o território é visto como um espaço delimitado e controlado sobre o qual se exerce poder de caráter estatal; o segundo enfoque é o cultural, que prioriza a dimensão simbólica, em que o território é entendido como produto da apropriação feita através da identidade social sobre o espaço; o terceiro enfoque é o econômico, que destaca a desterritorialização em sua perspectiva material, como produto espacial do embate entre classes sociais (BORDO, et al, 2006).

Seguindo pelo enfoque cultural, é possível afirmar que o território desempenha papel importante na configuração de memórias e representações sociais, envolvendo a compreensão de que os símbolos, os discursos e as práticas sociais consolidam determinadas territorialidades e interferem nas configurações socioespaciais (LITTLE, 1994). Assim, a memória coletiva é uma das maneiras mais importantes pelas quais os povos se localizam num espaço geográfico.

O imigrante alemão procurou estabelecer um espaço novo exclusivamente seu, procurando se realocar no território. O processo de criar um espaço novo tornou-se primordial, e se deu, em parte, pela manipulação múltipla e complexa da memória coletiva no processo de

ajustamento. Com isso, “a recuperação da terra originária fixou-se na memória como uma necessidade existencial”, criando lutas divergentes pelo espaço. Porém, todas essas reivindicações na verdade, são casos de reterritorialidade, já que são produtos de migrações. (LITTLE, 1994, p.11).

Surtem conflitos quando um grupo tenta se tornar superior na reivindicação pelo espaço acreditando que sua memória coletiva é mais legítima que a dos outros (LITTLE, 1994). Nesse caso, a territorialidade consiste em uma estratégia espacial usada para obter controle, envolvendo uma declaração de posse ou até mesmo a exclusão espacial.

2.3.2 A memória urbana

Na cidade encontramos arquiteturas, monumentos, vias, áreas livres. Esses componentes formam a malha urbana e representam a sua história (AYMONINO, 1984). Quando reunidos formam também a paisagem urbana, que é um importante elemento de ligação entre os indivíduos e as cidades.

Sabe-se que a cidade é um fenômeno complexo que se transforma continuamente no espaço e no tempo. Essa evolução espacial delimita e define o ambiente construído, que é reconhecido e vivenciado pelas pessoas. É no espaço urbano que se manifestam as permanências, as rupturas, as continuidades, as relações dialéticas do antigo com o novo. A cidade é então fruto de uma complexa construção histórica, e a memória urbana faz parte dessa dialética, constituindo-se numa ponte entre o passado e o futuro. A preservação dessas evidências irá alimentar as memórias e a história da cidade e de seus habitantes, que está vinculada a um projeto de cidade do futuro e não com a mera contemplação do passado (MEIRA, 2004).

A cidade é considerada também a partir da experiência individual, dos significados atribuídos a ela pelos seus moradores e de como esses significados se expressam nas lembranças. Considerando que os significados atribuídos à cidade são constitutivos da memória, e que a cidade habita a memória, entende-se que a cidade vive em cada um de seus moradores e é parte de cada um deles (MANCUSO, 2006). Por isso, a memória se conecta às morfologias dos espaços, aos modos como se organizam as práticas culturais e às redes de relações sociais. O afastamento das raízes das comunidades e dos sujeitos torna a existência humana esvaziada de sentido, distanciando-os de suas tradições (PELEGRINI, 2008).

Enfatizando essa relação dos lugares com a memória, Halbwachs (2009) afirma que um dos lugares em que memória coletiva está mais presente é nos bairros, nas cidades, nos conjuntos arquitetônicos. “Quando percorremos os velhos bairros de uma cidade sentimos uma satisfação particular” porque os lugares familiares se juntam às nossas lembranças. Fica evidente que a memória coletiva acontece dentro do espaço. Não há grupo social que não possua nenhuma relação com o lugar. Não seria possível lembrar o passado se o ambiente que circunda o indivíduo não estivesse conservado. Os grupos sociais, implantados nos limites de uma cidade, esboçam de algum modo sua forma sobre o solo e encontram suas lembranças coletivas dentro do contexto espacial (HALBWACHS, 2009).

Também as edificações contam uma parte importante das relações entre as cidades e os seus habitantes. A maneira de distribuí-las no espaço, os materiais e as técnicas empregadas colaboram para a ativação da memória dos indivíduos ou grupos que se relacionam naquele lugar (MAZIVIERO, 2008). Compreende-se então que a arquitetura é fundamental na composição da memória urbana, seja retratando a identidade local, seja configurando os chamados lugares de memória.

2.3.3 Lugares da memória

Uma característica comum das cidades atuais é a valorização do passado. No Brasil, essa tendência é nova e reflete uma mudança de valores e atitudes até agora predominantes. Depois de um grande período que só se valorizava o que era novo, o cotidiano urbano vê-se repleto de discursos do passado, que têm como justificativa preservar a memória urbana (ABREU, 1996). Essa emergência da memória aparece como uma das preocupações culturais e políticas centrais das sociedades contemporâneas (HUYSSSEN, 2000).

Hoje, preservar o que sobrou das paisagens urbanas é um objetivo que vem sendo perseguido por algumas cidades, até mesmo as mais novas, que por vezes adotam a prática de conservar os vestígios significativos de sua história. E naquelas em que a destruição da tradição urbana foi devastadora, os esforços para salvar e valorizar o que restou podem ser ainda maiores (ABREU, 1996).

A explicação para essa volta ao passado estaria na aceleração da história, que levou algumas cidades a se voltarem às próprias raízes de maneira nostálgica. “Daí a moda retro, o gosto pela história e pela arqueologia, o interesse pelo folclore, o entusiasmo pela fotografia,

criadora de memórias e recordações, o prestígio da noção de patrimônio” (LE GOFF, 2003, p.224-225). O sentimento de ruptura com o passado leva a sociedade a falar “tanto em memória porque ela não existe mais”. É por isso que nasce a curiosidade crescente pelos lugares onde a memória se fixa. Além disso, essa aceleração provocou o distanciamento da memória social da história “que é o que as nossas sociedades condenadas ao esquecimento fazem do passado. Se habitássemos ainda a nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares. Não haveria lugares, porque não haveria memória transportada pela história” (NORA, 1993, p.7-8).

A busca por locais que sejam representativos e que possam ser referências de identidade cria os chamados lugares de memória. Pierre Nora (1993) define como lugares de memória aqueles que devem dar conta do passado, como uma necessidade contínua de não poder esquecer. São lugares com efeito material, simbólico e funcional. Segundo o autor o que os constitui é um jogo de memória e de história “com a função principal de parar o tempo, bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado das coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial [...] e é isso que os torna apaixonantes” (NORA, 1993, p.22). E é diante do perigo da perda do passado que os lugares de memória começam a ser criados e recriados. Mas, na verdade, esses lugares não são mais de memória, mas sim da história, uma vez que os grupos sociais passam a reivindicar um direito ao passado (DECCA, 1992).

Além disso, Nora (1993, p.17). afirma que “a passagem da memória à história impôs aos grupos a obrigação de redefinir a sua identidade para a revitalização da sua própria história [...]. O dever da memória faz de cada um historiador de si mesmo”. O autor exemplifica essa questão com o caso das etnias e das minorias sociais que partem para a pesquisa para reencontrar suas origens. Esse exemplo é muito comum nas cidades de Santa Catarina, por ser um estado formado por imigrantes de etnias variadas. A memória histórica está em constante movimento, e gira em torno da identidade, procurando encontrar suas origens no passado. Esta memória vem do exterior. As pessoas a interiorizam como uma obrigação, pois ela já não é mais uma prática social.

No entanto, é preciso considerar que, nessas relações, há perda tanto do lado da memória quando da história. A memória perde a experiência do vivido no esforço de se historicizar e a história perde a dimensão crítica que deve ter em relação ao passado, quando se esforça em reescrevê-lo e não em preservá-lo. Ergue-se então no presente uma

“coisa híbrida”, que é a memória histórica. “Nem memória, porque é alheia à experiência do vivido, nem história, porque está destituída do seu valor crítico com relação ao passado” (DECCA, 1992, p.133). Muitas dessas memórias são imaginadas e, portanto, muito mais facilmente esquecíveis do que a memória vivida.

Outra característica comum dos lugares de memória é o uso das lembranças coletivas como uma forma de poder. Isso acontece porque a memória é seletiva; alguns fatos são esquecidos e outros são escolhidos para serem registrados em função de preocupações pessoais ou de políticas pertinentes de cada momento. Dessa forma, a memória pode se tornar um instrumento de dominação (POLLACK, 1992).

Huyssen (2000) afirma que essa dominação ocorre muitas vezes devido ao fato de a memória social ser negociada no corpo social de crenças e valores, rituais e instituições. No caso das sociedades contemporâneas, essa negociação se forma em torno de espaços públicos de memória, como o museu, o memorial e o monumento. A arquitetura muitas vezes colabora com a criação desses lugares de memória, explorando a memória histórica e o imaginário urbano para construir cenários atraentes.

Independentemente do que está por trás dessa valorização do passado, uma questão é tida como essencial: a memória urbana é hoje um elemento fundamental da constituição da identidade de um lugar.

2.3.4 Identidade

Com as definições de memória apresentadas anteriormente, é possível entendê-la como um elemento fundamental na construção da identidade, tanto dos indivíduos, quanto dos lugares. Por isso, torna-se importante destacar e definir o que é identidade, sobretudo a identidade étnica, tema deste estudo. Depois de conceituá-las, busca-se compreender como as identidades refletem e formam os lugares.

Partindo do ponto de vista histórico, o conceito de identidade foi visto em diferentes momentos, associados a três concepções de sujeito: sujeito do iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. Cada um deles possui uma concepção de identidade distinta (HALL, 2004).

O sujeito do iluminismo era baseado em uma pessoa totalmente centrada, dotada de razão. O centro do “eu” era a identidade da pessoa. Essa concepção entendia a identidade de maneira bem individualizada e fixa. A noção de sujeito sociológico compreendia o sujeito não autônomo que dependia da relação com as outras pessoas. Eram essas relações que mediavam os valores, sentidos e símbolos ao sujeito. A

identidade era formada então pela interação do “eu” com a sociedade, em uma espécie de “costura” com a estrutura. Nessa época o sujeito possuía uma identidade imutável para a vida toda, mudando de acordo com as condicionantes externas, de forma interativa com o meio. Já o sujeito pós-moderno não possui uma identidade fixa, essencial ou permanente. Nesse sentido, a identidade torna-se uma “celebração móvel”, formada e transformada continuamente de acordo com a maneira como somos representados no sistema cultural que nos rodeia. O sujeito dessa concepção pode ter identidades múltiplas, algumas delas contraditórias e que se manifestam em decorrência de vários fatores, externos ou internos (HALL, 2004).

Essa concepção de sujeito pós-moderno forma a essência do sujeito contemporâneo, que é aquele que reage e se comporta de maneiras diferentes em grupos diferentes. Alguns teóricos chegam a afirmar que a identidade está desaparecendo em decorrência de uma sociedade de massa midiaticizada, racionalizada e burocratizada (KELLNER, 1992 apud BARRETTO, 2007).

Com essa pluralidade de conceitos e perspectivas, é possível afirmar que na contemporaneidade não há identidades fixas. Nesse sentido Bauman (2004, p.17) afirma que:

“O pertencimento e a identidade não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis. [...] As decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age - e a determinação de se manter firme a tudo isso - são fatores cruciais tanto para o pertencimento quanto para a identidade”.

No ponto de vista conceitual, adotando a definição de Castells (1999, p.22), entende-se por identidade “a fonte de significados e experiências de um povo”. Para o autor, a identidade é o processo de construção de significados com base em uma característica cultural, ou ainda em um conjunto dessas características inter-relacionadas que prevalecem sobre outras formas de significados. Toda identidade assim como a memória, é construída. E, se ela é construída, ela está sujeita constantemente a mudanças.

A construção da identidade pode assumir três formas de acordo com a sua origem: legitimadora, de resistência e de projeto. A identidade legitimadora é aquela introduzida pelas instituições

dominantes com o intuito de aumentar a sua dominação em relação aos atores sociais. Identidade de resistência é aquela criada por atores que se encontram em situação desvalorizada ou em minoria. E, por fim, a identidade de projeto, que é aquela em que os atores sociais utilizam qualquer material cultural a que possam ter acesso para construir uma nova identidade, capaz de redefinir sua posição na sociedade e transformar a estrutura social (CASTELLS, 1999).

É importante ressaltar que uma identidade pode começar como uma forma de resistência e depois acabar resultando em identidade de projeto, ou mesmo se transformando em identidade legitimadora. Isso porque a identidade é dinâmica e não pode assumir uma essência ou se encerrar se estiver fora de seu contexto histórico (CASTELLS, 1999). Para Castells (2009), os diferentes tipos de identidade social e a maneira como elas são construídas estão sempre relacionadas a um contexto social, a uma situação histórica, e para completar o seu pensamento, diria ainda que esta construção está relacionada também com o lugar em que o sujeito está inserido.

Segundo Pollak (1992), identidade é uma imagem que se tem de si, para si e para os outros. Essa imagem se adquire ao longo do tempo, ela é construída ao longo da vida, se apresenta aos outros e a si próprio, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira que se quer ser percebida. Assim, compreende-se que a cidade constrói a sua imagem, e pode manipular a maneira como quer ser vista por outras cidades.

Na construção da identidade há três elementos essenciais: a unidade física ou as fronteiras de pertencimento aos grupos, a continuidade temporal e o sentimento de coerência. Qualquer ruptura com um desses elementos pode ocasionar fenômenos patológicos de identidade (POLLACK, 1992). Mais uma vez é possível perceber que a relação do indivíduo ou do grupo com a temporalidade é fundamental para a construção da sua identidade.

Deve se considerar também que a noção de identidade contém duas dimensões: a individual e a coletiva. Essas suas dimensões estão interconectadas e fazem parte de um mesmo fenômeno, situado em diferentes níveis de realização. O nível individual é estudado pela psicologia. O nível coletivo é onde a identidade social se constrói e se realiza (OLIVEIRA, 1976). Mesmo na identidade social, não se descarta a identidade individual, pois elas são um o reflexo da outra.

Os níveis de identidade social também podem variar entre o mais específico, como identidade local ou mais abrangente como a identidade nacional. A nacionalidade é considerada um elemento básico da

identidade de um indivíduo, podendo constituir um mediador das atitudes e comportamentos face ao ambiente. A identidade local é aquela ligada ao contexto e ao ambiente em que vivemos (LOUREIRO E PRINCIPE, 2002).

Além disso, internamente temos várias identidades que podem entrar em conflito. Externamente, podemos escolher uma identidade com a qual nos identificamos, de acordo com cada circunstância. Assim, existem as identidades de classe, política, profissional, étnica (HALL, 2004). A identidade étnica é tema relevante para o objeto de pesquisa, uma vez que Forquilha é uma cidade de origem alemã, inserida em um estado de imigrantes de etnias variadas. Por esse motivo, abordá-la torna-se fundamental para a compreensão adequada do tema proposto.

2.3.5 Identidade étnica

O étnico é um elemento de diferenciação social que exerce influência na percepção e na organização da sociedade. Essa diferença manifesta-se em símbolos, representações e valores, e é o que confere identidade aos grupos sociais. É importante entender o étnico como um processo e não como um gene recebido no nascimento (KREUTZ, 1999). Assim como outras identidades, a identidade étnica é construída nas práticas e nas relações sociais.

Uma das principais características desse tipo de identidade é a ideia de origem comum, que pode ser real ou fictícia. O que a diferencia de outros tipos de identidade coletiva, é a sua orientação para o passado como uma espécie de filiação compartilhada. “É a crença na origem comum que substancializa e naturaliza os atributos, tais como cor, língua, religião, ocupação territorial e fazem-nas percebidas como traços essenciais e imutáveis de um grupo” (POUTIGNAT; STREIFF-FERNART, 1998, p.162).

A identidade étnica torna-se importante também para reivindicar os direitos étnicos onde se faz necessário muitas vezes a comprovação da própria descendência. Porém, na maioria das vezes, as exibições de algumas características ligadas a uma origem são suficientes para presumir um laço genealógico. Essa é a crença que dá sentido de unicidade ao grupo. Mas, para que exista identidade étnica, são necessários determinados índices e critérios definidores desse pertencimento (BALLER, 2008). Esses critérios de definição são recursos que podem ser utilizados para manter ou criar o mito de origem comum. São os chamados marcadores de pertença (POUTIGNAT; STREIFF-FERNART, 1998).

Para compreender a identidade étnica é preciso ter a noção do que é fronteira. São as fronteiras que definem os grupos e não a cultura que eles envolvem. Se um grupo conserva a sua identidade quando os indivíduos interagem uns com os outros, isso implica em determinar alguns critérios de pertença e qual será o meio de manifestá-los. Além disso, a identidade só pode existir quando se está em confronto com o outro. São essas fronteiras que definem o grupo e possibilitam a sua manutenção, que está baseada no reconhecimento e na validação das distinções étnicas decorrentes das interações sociais. A cooperação dos membros para a manutenção das fronteiras é uma condição necessária para manter a etnicidade (POUTIGNAT; STREIFF-FERNART, 1998). Com o tempo as fronteiras podem enfraquecer e desaparecer em decorrência de mudanças internas ou externas, e podem até mesmo ser manipuladas pelos atores sociais.

“Os traços étnicos nunca são evocados, atribuídos e exibidos por acaso, mas manipulados estrategicamente pelos autores [...] para exprimir a solidariedade ou a distância social, ou para vantagens imediatas que o autor espera obter pela apresentação de uma identidade étnica particular” (POUTIGNAT E STREIFF-FERNART, 1998, p.168).

O conceito de realce também é central nos estudos sobre identidade étnica. O realce expressa-se através de um rótulo étnico. Quando esse rótulo se encontra selecionado é que os comportamentos e características que se referem a um grupo passam a ser reconhecidos como étnicos. Assim, a etnicidade pode ser realçada por meio de símbolos utilizados para caracterizar um grupo (BALLER, 2008).

A manipulação da identidade étnica acontece quando se abrem aos indivíduos ou grupos a oportunidade de escolha (de identidades étnicas) à base de critérios de “ganhos e perdas”. Por isso, é necessário destacar que tanto as fronteiras quanto o realce podem assumir um caráter negativo: a manipulação de fronteiras pode dar à identidade um caráter artificial e o rótulo étnico pode provocar exclusão social (BALLER, 2008).

Outra característica da identidade étnica é que ela se afirma “negando” outra identidade. Por isso, fica evidente que ela possui um caráter contrastivo ao conter um forte teor de oposição com vistas à afirmação individual ou grupal. Quando um indivíduo ou um grupo se

afirmam como tais, o fazem como meio de diferenciação em relação à outra pessoa ou a sociedade com que se defrontam. Por isso a identidade étnica é uma identidade de oposição, já que ela implica na afirmação de “nós” para os “outros”, e nunca de maneira isolada (OLIVEIRA, 1976).

Existem muitos estudos sobre etnicidade, que são amplos e podem se abrir de acordo com a necessidade de cada pesquisa. Abordá-los, mesmo que de maneira simplificada permite a compreensão também da chamada identidade teuto-brasileira, que é um dos temas que irá permear a pesquisa.

O teuto-brasileiro seria aquele indivíduo nascido no Brasil, que tem origem alemã. Isso dá aos imigrantes alemães uma noção de origem comum, já comentada nesse capítulo. Estudos sobre imigração alemã no Brasil mostram que os alemães vieram de várias regiões da atual Alemanha. Os que chegaram aqui antes de 1871 ainda pertenciam a uma Alemanha não unificada. Portanto, o termo “alemães” na verdade, designava grupos étnicos com diferenças significativas. Esses alemães de origens diferentes, quando assentados em um país com outra cultura e uma realidade muito distinta, acabaram desenvolvendo entre eles um sentimento comum de pertença (MALTZAHN, 2009).

A identidade teuto-brasileira foi construída no momento da emancipação das colônias de imigrantes, com o interesse dos grupos ao direito de cidadania, na busca pela participação política. O processo de produção de identidade dos teuto-brasileiros foi definido por oposição à outros grupos étnicos (SEYFERTH, 2003).

“A identidade étnica teuto-brasileira foi construída etnocentricamente por oposição aos brasileiros. Ela é dada pela origem alemã e se atualiza através da língua, da cultura e de um modo de vida diferente, resultante da experiência da imigração, da conservação de costumes germânicos e do pioneirismo” (SEYFERTH, 2003, p.59-60).

No entanto, sabe-se que para o nacionalismo brasileiro, essa noção de germanidade representava uma ameaça. Assim, os brasileiros buscaram incorporar nos imigrantes os preceitos nacionais, em uma espécie de assimilação forçada, que provocou muitas vezes o isolamento étnico (BALLER, 2008). Mas, em alguns casos, esse isolamento fortaleceu ainda mais os laços entre esses grupos, pois proporcionou aos imigrantes à organização de uma sociedade étnica própria, tendo a escola, a família e a religião como alicerces de uma consciência étnica

coletiva, que se intensificou a partir de meados do século XIX (MALTZAHN, 2009).

Dessa forma, não se pode afirmar que houve uma assimilação absoluta, isto é, uma perda total pelo imigrante de seus valores culturais para aceitação integral dos valores brasileiros. Pelo contrário, observou-se, um processo em que foi constante a troca de elementos culturais e de valores, o que incentivou as populações brasileiras, a não perderem o contato com os imigrados e com as suas bases de formação (Diegues, 1980).

A respeito dessa informação, Maltzahn (2009, p.7) também afirma que “a Campanha de Nacionalização não conseguiu descaracterizar o grupo étnico teuto-brasileiro, que somente modificou alguns critérios usados como marcadores de sua identidade étnica”.

Embora muitas características culturais tivessem sido evidenciadas quando os grupos étnicos alemães definiam suas fronteiras em relação aos “outros”, não é possível afirmar que se trata de uma etnia alemã no Brasil, já que no decorrer do tempo foi construída uma nova identidade étnica, na medida em que o contato entre grupos provocou a transformação e a incorporação de outros elementos culturais. Assim, a noção de germanidade afirma duas identidades: de um lado a origem alemã, com sua entidade étnica definida pela cultura e pela língua; de outro o pertencimento à nacionalidade brasileira como entidade territorial e política (MALTZAHN, 2009).

Hoje, verifica-se entre os teuto-brasileiros uma constante procura em resgatar as suas origens através de encontros de famílias, na criação de lugares de memória que prometem reconstruir suas identidades, através de festas típicas como a *Oktoberfest* de Blumenau, que atrai turistas por acontecer dentro de uma cidade identificada como de colonização alemã. Essa busca reflete-se também nas paisagens urbanas, através da exaltação da arquitetura enxaimel feita pelos imigrantes ou até mesmo nas construções novas feitas em estilo enxaimel. Este reflexo pode ser visto claramente em várias cidades de Santa Catarina, inclusive em Forquilha.

2.3.6 A identidade e a cidade

A arquitetura sempre esteve profundamente presente na formação das identidades. Assim como a memória, a identidade também é construída pelos indivíduos a partir de um suporte espacial.

Ao construir seu cotidiano na cidade, os grupos sociais misturam sua trajetória com os processos espaciais, mesclando também a sua

história com a daquele lugar. Nesse processo, os elementos espaciais são apropriados e transformados e as características do espaço físico (disposição, localização e ordenação) são confrontadas com o conteúdo e com o comportamento dos grupos que ocupam esse espaço. Assim, os indivíduos passam a significar os espaços, transformando-os em lugares. Torna-se possível então identificar uma sociedade a partir de seus elementos urbanos (SCHLEE et al., 2009). Por isso é importante preservar os lugares para que a identidade urbana seja igualmente preservada.

As formas arquitetônicas também são importantes para a construção de identidades, pois elas asseguram a continuidade do tempo, através da sucessão dos eventos, que mudam o seu sentido. Dessa forma, em cada época, podemos encontrar diferentes elementos urbanos representativos da sua cultura e da sua história. A manutenção desses elementos é importante para a relação do indivíduo com o lugar (SANTOS, 2006, p. 156). Em outras palavras, é a cultura a responsável pela formação do elo comum entre a identidade e a cidade. O indivíduo se reconhece no elemento urbano por ele apreendido, identificando valores e signos na constituição do espaço.

A identidade dos lugares relaciona-se também a conceitos de origens, sejam elas psicológicas referentes ao bem estar, à segurança, onde convergem e se constroem elementos identitários. A construção da imagem simbólica de um país, cidade, bairro, rua, pode ser lida através de sua arquitetura (GONSALEZ, 2012).

Do mesmo modo, as edificações participam da formação da identidade dos indivíduos, no momento em que a memória é acionada. As impressões que temos dos lugares a partir de suas formas são possibilitadas pela memória, seja pelas experiências vividas naquele lugar ou em outros semelhantes com os quais também nos relacionamos afetivamente. É a vinculação entre forma e memória que possibilita ao homem conferir identidade aos lugares (MAZIVIERO, 2008).

Para a compreensão da identidade dos lugares, é necessário considerar dois atributos. O primeiro é da configuração espacial, que permite às pessoas a noção de localização. O segundo é da percepção, que é a base para a formação de outras representações espaciais (como por exemplo, a imagem mental de um lugar). É através da percepção que se captam informações sensíveis e que se realizam deslocamentos no espaço (KOHLSDORF, 2007). Assim, é possível presumir que os lugares podem assumir uma variedade de identidades formadas a partir da arquitetura e das suas formas, que por sua vez também contribuem

para a formação da memória urbana, fundamental para a manutenção da identidade.

Sem memória, sem a leitura dos restos do passado, não pode haver o reconhecimento da diferença, nem a tolerância das ricas complexidades e instabilidades de identidades pessoais e culturais, políticas e nacionais. Compreende-se então que os indivíduos e a sociedade precisam do passado para sustentar suas identidades e nutrir a perspectiva do futuro (HUYSSSEN, 2000).

O passado pode ser encarado como uma das extensões mais importantes da singularidade. Consolidado na paisagem, preservado nos lugares, ou ainda vivo na cultura, é ele que dá o suporte mais sólido na procura pela diferença. A busca da identidade dos lugares tem acontecido através de uma busca de raízes. Tal procura, sem dúvida importante em termos da preservação das tradições, pode ser perigosa quando levada a extremos (ABREU, 1996).

Essa procura pelo reforço da diferença pode acontecer não só a partir de elementos constituintes da memória urbana local, mas também através de elementos fictícios, criados no presente. Tanto a identidade étnica, quanto a arquitetura, podem ser “exploradas” como elementos constituintes de um cenário que valoriza o passado, mediante relatos chamados de tradições inventadas.

2.4 AS TRADIÇÕES INVENTADAS

O conceito de tradição inventada é amplo, mas bem definido. Para tratá-lo, buscou-se apoio em Eric Hobsbawn, autor do termo³¹ que objetiva trabalhar a questão da interpretação da memória e da tradição enquanto possível invenção, portanto manipulável. Para Hobsbawn, muitas vezes “tradições” que parecem antigas são bastante novas, ou até mesmo inventadas. Além disso, para o autor, não é necessário recuperar nem inventar tradições quando os velhos usos se conservam.

Deve-se considerar que toda tradição é inventada em algum momento, toda tradição muda com o tempo, adaptando-se a novas situações. Nesse sentido, Barretto (2007, p.105) afirma que a maior parte dessas tradições tem um respaldo histórico baseado em um referencial do passado, “e quanto mais remoto é o passado e quanto mais igual a tradição se mantém, mais autêntica parece ser”.

³¹ Em seu livro, *A invenção das tradições*, (1984).

Para Hobsbawn e Ranger (1984, p.9), tradição inventada é entendida como um “conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas”. Para os autores, essas práticas de natureza simbólica visam estabelecer certos valores e comportamentos baseados na repetição, “o que implica automaticamente em uma continuidade em relação ao passado”. Sempre que possível, procura-se estabelecer essa continuidade com um passado histórico apropriado.

O conceito de tradição inventada inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e institucionalizadas de maneira formal, quanto àquelas que surgiram num período limitado e em determinado tempo (às vezes em poucos anos), e se estabeleceram rapidamente (HOBSBAWN E RANGER, 1984).

Quando o termo tradição inventada é utilizado, fala-se também de memória, mas de outra memória, a controlada, a fabricada, que manipula o passado visando determinados fins. Essa memória social, implica em um processo seletivo que ressalta algumas informações e elimina ou desconsidera outras, como se não tivessem importância ou jamais tivessem existido. Estas memórias estariam no domínio das tradições inventadas, onde o conhecimento e o “aprisionamento” do passado pelo presente dão a chave privilegiada para acessar um determinado imaginário (PESAVENTO, 1993).

Nesse mesmo sentido, Flores (1997, p.35) afirma que inventar tradições significa criar rituais e regras que buscam uma continuidade com o passado, criando uma memória que funciona como um estoque de lembranças. “Nem tudo que a tradição inventada abarca é realmente passado; várias manifestações são recentes, mas surgem para as pessoas como algo que há muito existe”.

Essa continuidade mantida com o passado caracteriza-se por manter um caráter bem artificial. O atributo mais marcante da tradição inventada é a invariabilidade (HOBSBAWN E RANGER, 1984). No entanto sabe-se que a tradição não é invariável, assim como a vida não é. Nem as pessoas, nem a cultura, nem as cidades permanecem iguais para sempre. Manter cristalizadas as tradições e a identidade local pode significar o engessamento do processo natural de evolução.

O passado real ou inventado a qual as tradições inventadas se referem impõe práticas fixas que são repetidas. Essa repetição gera certo número de convenções e rotinas, formalizadas com o propósito de transmitir os costumes (HOBSBAWN E RANGER, 1984). De tanto repetir, as tradições inventadas passam a ser reconhecidas como legítimas. Muitas vezes as tradições são inventadas não porque os

velhos costumes já não estejam disponíveis, mas porque eles não mais usados, nem adaptados para as situações atuais.

As tradições inventadas podem se classificar ainda em três categorias que são importantes para esta pesquisa: a) aquelas que estabelecem coesão social; b) aquelas que estabelecem ou legitimam instituições, status ou relação de autoridades e c) aquelas que cujo propósito principal é a inculcação de padrões de comportamento social (HOBSBAWN E RANGER, 1984).

Existem muitos exemplos de tradição inventada. Um caso ilustrativo é o *kilt* escocês. O saiote de lã xadrez, cuja cor representa o “clã” a que pertence o usuário, é utilizado para celebrar a identidade nacional entre os escoceses. O *kilt* que aparece como algo muito antigo, é na verdade bem moderno. Foi idealizado por um industrial inglês, que impôs aos montanhese a vestimenta, não para preservar a tradição deles, mas sim para facilitar a transformação desse modo de vida em um produto feito em fábrica (TREVOR-HOPER, 1984, p.32).

Outro exemplo de tradição inventada, mais próximo do tema desta pesquisa, é a invenção das festas germânicas baseadas em um marketing que visa o retorno das origens, que muitas vezes desconsidera as transformações dos lugares e a inserção e contribuição de outras etnias.

Com esta apresentação do conceito de tradição inventada, fica uma reflexão: se a tradição pode ser criada e manipulada, a memória e a identidade, que são intrínsecas a ela, também podem ser forjadas a partir de ficções sem respaldo histórico e cultural, o que conseqüentemente, acarreta em profundas mudanças na paisagem urbana.

2.5 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A noção de representação social foi elaborada por Serge Moscovici³² em 1961. Para entender o conceito, é fundamental identificar a “visão de mundo” que os indivíduos ou os grupos têm para agir em determinada situação e também compreender a relação sujeito/objeto. A questão da identidade também deve ser considerada como ponto central da teoria das representações sociais.

Segundo Moscovici (1978) representação social é a organização de imagens e linguagens. Ela é uma representação de alguma coisa produzida por alguém. Para o autor, representar não consiste somente

³² Serge Moscovici (1928) é um psicólogo social romeno, naturalizado francês.

em selecionar, mas também edificar uma doutrina que facilite a tarefa de decifrar, predizer ou antecipar os atos dos grupos. “As representações individuais ou sociais fazem com que o mundo seja o que pensamos que ele é ou deve ser” (MOSCOVICI, 1978, p.59).

Desse modo, as representações sociais são fenômenos dinâmicos, que podem se modificar ao passar do tempo. São heterogêneas, identificando grupos específicos. As representações são vivas, produzidas coletivamente e contribuem para processos de formação de condutas (MOSCOVICI, 1976, apud JUSTO, 2012).

O processo de representar possui uma sequência lógica: primeiro, os objetos novos tornam-se familiares por meio de um mecanismo de amarração – “amarrar um barco a um porto seguro”, conceito que evoluiu para “ancoragem” –, depois vem a objetivação, que é o processo pelo qual indivíduos ou grupos atrelam imagens reais, concretas e compreensíveis, retiradas de seu cotidiano, aos novos esquemas conceituais que se apresentam e com os quais têm de lidar (MOSCOVICI, 2003).

Além de Serge Moscovici, outros autores abordam o tema como base de suas pesquisas. Para Wagner (1998), por exemplo, representação social é uma teoria sobre construção social. Segundo o autor, as representações sociais são construídas por meio de discursos públicos nos grupos. A maneira como os indivíduos pensam sobre as coisas (reais ou não) do seu mundo, é resultado dos processos discursivos e socialmente construídos. Em segundo lugar, esse conhecimento é criado pelo grupo. Se um grupo de pessoas se comporta como se a loucura fosse causada por uma possessão espiritual, essa loucura se torna real em seu mundo.

Vale lembrar que, embora a representação social seja construída através de discursos públicos, a mesma se distingue do conceito de opinião pública. Opinião pública seria aquela que os indivíduos expressam a favor ou contra determinada condição. A representação social procura desvendar o que constrói essa opinião (GUARESCHI, 1995).

Agindo dentro do sistema de representação social, um grupo cria o objeto representado e atribui a ele significado e realidade. A representação social é sempre uma unidade do que as pessoas pensam e do modo como fazem. Ela compreende mais que uma imagem estável: ela compreende um comportamento e a prática interativa de um grupo (WAGNER, 1998).

Para Jodelet (1993) as representações sociais são fenômenos complexos constantemente ativos na vida social. Muitos elementos

constituem esse fenômeno: informativos, cognitivos, ideológicos, normativos, crenças, valores, atitudes, opiniões, imagens, etc. Esses elementos são sempre organizados em uma espécie de saber que diz alguma coisa sobre a realidade.

Designado como “saber do senso comum”, “saber ingênuo” ou “natural”, as representações sociais são uma forma de conhecimento que se distingue do conhecimento científico, mas que é tida como um objeto de estudo tão legítimo quanto o científico, por sua importância na vida social, pelos esclarecimentos que traz acerca das interações sociais (JODELET, 1993).

As representações sociais funcionam como uma maneira de interpretação da realidade que rege as relações dos indivíduos com o seu meio, que vai determinar seu comportamento e suas práticas. Ela pode ser considerada também um guia para a ação que orienta as práticas sociais. Além disso, as representações sociais são fundamentais na dinâmica das relações sociais porque respondem a quatro funções essenciais: a) Função de saber, que possibilita compreender e explicar a realidade. É o saber prático do senso comum que permite que os atores sociais adquiram conhecimentos que sejam assimiláveis pelo grupo, facilitando de modo geral, a comunicação social. b) Função identitária, que define a identidade e protege as especificidades dos grupos. Assim, a representação de seu próprio grupo é sempre marcada por uma avaliação de suas características e produções, garantindo uma imagem positiva do grupo de inserção. c) Função de orientação, que guia os comportamentos e as práticas de ação. d) Função justificadora que explica as tomadas de posição e de comportamento (ABRIC, 1998).

Além dessa classificação por funções, há também uma que se refere à abordagem. A primeira delas, a mais tradicional, foi proposta por Moscovici (1976) e denominada de abordagem dimensional. Esta abordagem considera que as representações sociais são organizadas por meio de proposições e avaliações de cada grupo. Esse campo é dividido ainda em três novas dimensões: a) informação, que é a qualidade e quantidade de conhecimento que o grupo tem sobre o objeto; b) atitude, que está relacionada às posições favoráveis ou não a determinado objeto; c) e campo representacional, que permite a organização dos conhecimentos e atitudes em teoria (JUSTO, 2012).

A segunda é a abordagem dinâmica, que estuda como as representações sociais são construídas e como elas interferem no cotidiano das pessoas. Por último, a abordagem estrutural é a que se dedica ao estudo da estrutura das representações sociais (JUSTO, 2012). Essas três abordagens não são excludentes, mas se complementam entre

si. Cabe ainda dizer que as representações sociais se manifestam em palavras, sentimentos e condutas que se institucionalizam. A visão de mundo dos diferentes grupos expressam as contradições e os conflitos presentes nas condições sociais. Tanto o “senso comum” como o “bom senso” são formas de representações sociais empíricas, capazes de revelar a natureza contraditória da sociedade onde os indivíduos estão inseridos. Mas, é importante e necessário lembrar que as representações sociais não conformam a realidade (MINAYO, 1995).

Algumas representações sociais são mais abrangentes em termos da sociedade e mostram a visão de mundo de determinado momento. São muitas vezes, as concepções das classes dominantes dentro da história da coletividade. Mas essas mesmas ideias abrangentes possuem elementos do passado na sua conformação e projetam o futuro em uma relação de dominação (MINAYO, 1995).

A produção de conhecimentos coletivos constitui e reforça a identidade dos grupos e isto influi em suas práticas e nos seus pensamentos. A teoria de representação social contribui para os estudos relacionados com a identidade coletiva, já que esta é condicionada por uma oposição e suscita a elaboração de representações sobre os objetos que ocasionam essa oposição (SOBRINHO, 1998).

O que confere sentido a representação de um objeto não é tanto o seu conteúdo, os elementos que a formam, mas as relações entre esses elementos (ANDRADE, 1998). A representação social, diferentemente das outras formas de conhecimento, supõe uma relação específica entre o sujeito e o objeto de conhecimento: o indivíduo projeta a sua identidade no objeto que representa (MOSCOVICI, 1976, apud ANDRADE, 1998). Sendo assim, torna-se possível afirmar que a representação que um indivíduo faz de um objeto dá indícios de sua identidade. Isto significa também que a identidade é uma questão chave na representação de qualquer objeto, na estruturação de seu campo de representação.

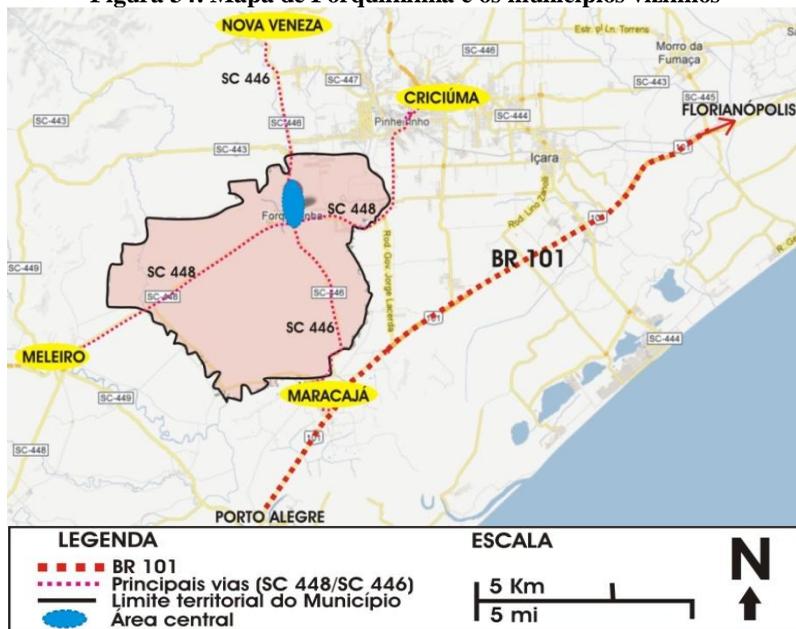
3. O ESTUDO DE CASO: FORQUILHINHA

O referencial teórico apresentado no capítulo anterior procurou desenvolver conceitos, levantando uma série de informações e considerações que irão embasar, junto com o estudo de caso, as reflexões, análises e respostas ao problema principal da pesquisa. A seguir, apresenta-se a cidade de Forquilha.

3.1. DESCRIÇÃO DO LOCAL DE ESTUDO

A cidade de Forquilha está localizada no sul do estado de Santa Catarina, a 220 km da capital Florianópolis. Situa-se na região Carbonífera – AMREC, fazendo parte da microrregião de Criciúma. Tem como limites urbanos: ao norte os municípios de Nova Veneza e Criciúma, ao sul o município de Maracajá, ao leste o município de Criciúma e ao oeste o município de Meleiro (ver figura 34).

Figura 34: Mapa de Forquilha e os municípios vizinhos



Fonte: <maps.google.br> adaptado pela autora, 2012.

3.2. ASPECTOS HISTÓRICOS DA COLONIZAÇÃO

Forquilha foi colonizada por alemães vindos do vale do Rio Mosela³³, que fixaram residência nas colônias de São Martinho de Capivary (atual município de São Martinho) e Teresópolis (atual município de São Bonifácio). Em 1912, informados de que as terras da

³³ Em destaque para a região de Bremen, norte da Alemanha.

planície do Rio Araranguá eram férteis, um grupo de homens resolveu conhecer estas terras e passaram a comprá-las de antigos moradores (NUERNBERG, 2000). Zanelatto e Osório (2012, p.66) afirmam que “essa busca por novas áreas de terra estava associada geralmente à escassez dos lotes em São Martinho de Capivary devido à cultura de formação de famílias numerosas”.

Os primeiros imigrantes alemães fixaram residência em Forquilha ao longo do Rio Mãe Luzia. Tinham como principais fontes de subsistência a agricultura, a caça e a pesca. Nesta época a comunidade pertencia ao Distrito de Nova Veneza, que por sua vez, pertencia ao município de Araranguá (ZANELATTO; OSÓRIO, 2012).

Em 1915 e 1920 respectivamente, tiveram início os projetos de construção da escola e da igreja católica para a comunidade alemã. No ano de 1935, chegam as Irmãs Escolares de Nossa Senhora, para trabalhar na escola que mais tarde funcionaria também como internato. Na mesma época (1912 a 1915), vieram os imigrantes italianos para Forquilha, oriundos principalmente dos distritos de Nova Veneza ou Criciúma. Estes se instalaram em terras situadas no entorno do núcleo colonizador alemão, formando uma espécie de cinturão. Em 1920 chegaram os imigrantes poloneses e os teuto-russos, e em 1960 os imigrantes japoneses (ZANELATTO; OSÓRIO, 2012).

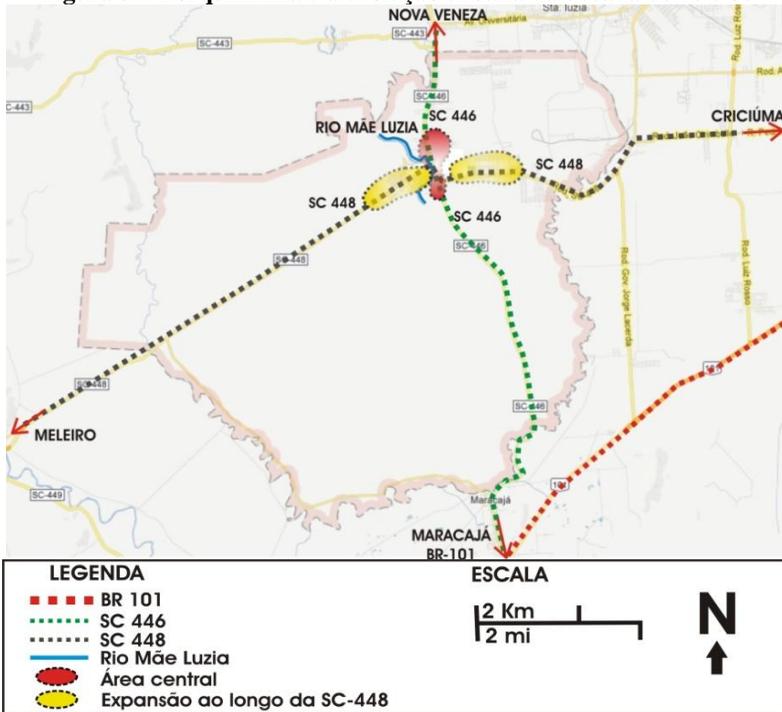
3.3. EVOLUÇÃO URBANA E ECONÔMICA

Forquilha foi distrito de Criciúma até 1989. Em 26 de abril foi realizado um plebiscito, cujo resultado aprovou a sua emancipação. Por ser um município novo, boa parte dos loteamentos urbanos não foram cadastrados ou foram aprovados pelo município de Criciúma, quando Forquilha ainda era distrito. Segundo informações da Prefeitura Municipal, “não existe um cadastro único de localização dos loteamentos, tampouco uma planilha com os anos, e muito menos um mapa da evolução urbana do município” (Prefeitura Municipal de Forquilha, 2012). Essa falta de informação dificulta a identificação e a cronologia, e conseqüentemente a confecção de um mapa de evolução urbana. Outro dado importante é que o mapa cadastral do município foi elaborado em 2007, provando o quão recente é a atividade de registro cadastral no município.

O que se sabe sobre a evolução urbana do município foi obtido através de pesquisas bibliográficas, as quais atestam que, até 1970, o distrito de Forquilha se assentava às margens do rio Mãe Luzia,

estruturando-se ao longo da rodovia SC-446 (trecho Avenida 25 de julho). Com o acentuado crescimento urbano de Criciúma durante a década de 80, surgem vários parcelamentos ao longo da rodovia SC-448, trecho Gabriel Arns, que liga Forquilha a Criciúma e dá acesso à BR-101. Na mesma época inicia-se um processo de expansão pela outra margem do rio Mãe Luzia, ao longo da rodovia SC-448, trecho Antônio Valmor Canela, que liga Forquilha ao município de Meleiro (ver figura 35) (NUERNBERG, 2000).

Figura 35: Forquilha e a evolução urbana da década de 70 e 80



Fonte: Prefeitura Municipal de Forquilha, 2008, adaptado pela autora, 2012.

Foram encontrados alguns dados a respeito da evolução econômica e populacional de Forquilha, distribuídos em quatro momentos principais:

1- Anos de 1895 a 1929: as atividades eram de subsistência, onde a plantação, a criação de animais, a caça e a pesca eram fontes de alimentos. O comércio existente eram as bodegas com café e sal grosso

e os engenhos de açúcar e farinha de mandioca (ZANELATTO; OSÓRIO, 2012).

2- Anos de 1929 a 1959 – Criação da cooperativa Sociedade União Colonial: devido à crise que os moradores de Forquilha vinham passando, reflexo da crise econômica brasileira de 1930 provocada pelo Movimento Constitucionalista no governo Getúlio Vargas, alguns moradores alemães criaram a cooperativa Sociedade União Colonial, em junho de 1935, com apoio do padre Paul Linnartz que enviou um relatório à Berlim solicitando reforço financeiro para a comunidade (ZANELATTO; OSÓRIO, 2012).

A cooperativa se instalou no prédio que pertencia a Gabriel Arns, e funcionava da seguinte forma: os sócios entregavam a sua produção, que era pesada e registrada para que estes pudessem trocar os “créditos” em outros produtos que lhes eram necessários. A Sociedade União Colonial teve grande importância no desenvolvimento econômico de Forquilha, pois ela substituiu as casas de comércio particulares (ver figura 36 e 37).



Figura 36: Sociedade União Colonial

Fonte: Acervo do Museu Anton Eyng, 2012.



Figura 37: Colônia de Forquilha em 1951

Fonte: Acervo do Museu Anton Eyng, 2012.

3- Anos de 1959 a 1989 – Início da Industrialização: nesse período, o sul catarinense foi deixando a agricultura como principal fonte de economia, e a exploração do carvão passou a ser uma atividade econômica expressiva. Em decorrência deste fator, Forquilha foi perdendo as suas características coloniais: em 1959 foi declarada Distrito de Criciúma e em 1966 a Sociedade União Colonial foi fechada. No ano de 1963 a empresa FRISULCA – Frigorífico Sul Catarinense, atual SEARA – se instalou em Forquilha (ver figura 38 e 39). A implantação desta indústria, além de ter sido pioneira no distrito,

dinamizou a economia e integrou as comunidades ao núcleo central alemão (ZANELATTO; OSÓRIO, 2012).



Figura 38: Implantação da FRISULCA, 1963.

Fonte: Acervo do Museu Anton Eyng, 2012.



Figura 39: Centro de Forquilha, 1966.

Fonte: Acervo do Museu Anton Eyng, 2012.

Na década de 70 ocorre a expansão do setor cerâmico, em decorrência do aumento da construção civil. Hoje, a atividade cerâmica ainda representa um importante segmento econômico da cidade.

4- Anos de 1989 a 2012 – Emancipação e integração socioeconômica: com a emancipação política, o comércio e a indústria ganham mais força, aproximando as comunidades, que anteriormente estabeleciam relações econômicas com outros municípios, e que passam a frequentar agora o centro de Forquilha (ZANELATTO; OSÓRIO, 2012). Com o crescimento do comércio, dos serviços e das indústrias, aumenta também a população, e parte desse aumento se dá pela migração de pessoas de outras cidades, devido à criação de novos postos de trabalho. Esse crescimento pode ser visto na tabela 2:

Tabela 2: Crescimento populacional de Forquilha (1970-2010)

Ano	População	Urbana	Rural
1970	7.094	479	6.615
1980	10.869	2.701	8.168
1990	14.058	4.397	9.661
2000	18.349	14.557	3.792
2010	22.548	18.426	4.122

Fonte: IBGE, 2010.

Mesmo com a urbanização crescente, a produção de arroz continua tendo grande papel na economia do município. O crescimento industrial em boa parte deve-se ao fato da proximidade de Forquilha com a BR-101, que é uma importante via de escoamento de produção e de integração com outros municípios e estados. Outro elemento importante para a desenvolvimento da cidade é o Aeroporto Diomício Freitas, que também representa um polo integrador do município com outras regiões.

3.4. OCUPAÇÃO E USO DO SOLO

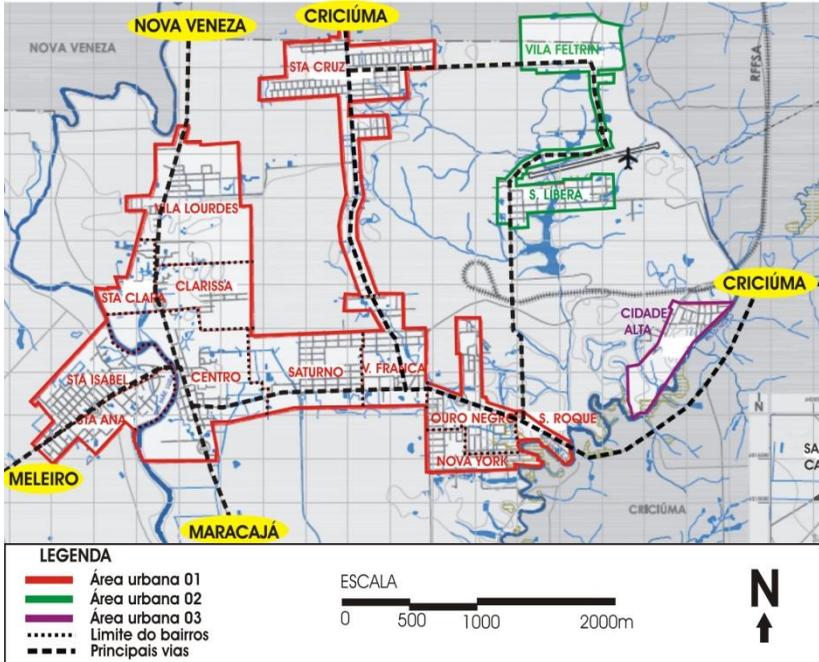
No início, a ocupação do solo de Forquilha se deu de maneira linear, ao longo das rodovias e dos cursos d'água. Atualmente a expansão está ocorrendo para o interior. Apesar disso, o município possui ainda vários vazios urbanos decorrentes da ocupação não homogênea. Hoje, esses vazios sofrem forte pressão imobiliária devido ao crescimento da construção civil e do surgimento de novos loteamentos.

O perímetro urbano de Forquilha é definido pela Lei Municipal nº 445 de dezembro de 1997. Sua área é de 13,36km², o que representa 7,3% do município. O uso e ocupação do solo são regidos pela Lei Municipal nº 1207 de 26 de julho de 2006. Quanto aos usos, o residencial é predominante, com gabarito de até quatro pavimentos. O uso comercial e de serviços desenvolvem-se ao longo dos principais eixos viários e em geral apresentam uso misto. O uso industrial está organizado em seis núcleos, porém, na legislação de zoneamento, não existe a definição de atividades permissíveis para cada núcleo.

Uma das singularidades do município em termos de ocupação, é que sua área urbana é fragmentada e conectada pelas principais vias. Com isso, é possível detectar três áreas urbanas bem definidas (ver figura 40).

No aspecto ambiental, o município não possui áreas verdes significativas. Dentre as poucas existentes destaca-se o Parque Ecológico Municipal São Francisco de Assis, que possui cerca de 80.000m² de área verde preservada, e ainda serve de suporte para atividades educacionais. Também há carência de equipamentos de cultura e lazer.

Figura 40: Mapa do perímetro de Forquilha e as três áreas urbanas: área 01: Centro, Santa Ana, Santa Isabel, Clarissa, Vila Lourdes, Saturno, Vila Franca, Ouro Negro, Nova York e Santa Cruz; área 02: Santa Líbera e Vila Feltrin; área 03: Cidade Alta.



Fonte: Prefeitura Municipal, 2008, adaptado pela autora, 2012.

3.5. OS CASOS DE ARQUITETURA EM ESTILO ENXAIMEL

A primeira etapa da pesquisa de campo teve o objetivo de identificar as construções feitas em estilo enxaimel. Inicialmente foi realizado um levantamento fotográfico dessas edificações. Depois, buscaram-se, através de pesquisa feita na prefeitura, dados sobre as mesmas.

Considerou-se construções em estilo enxaimel todas aquelas feitas em alvenaria comum e que imitam o sistema construtivo alemão - o enxaimel - através de tratamento na fachada feito com reboco e pintura em formato de “X”, para lembrar os sistemas de encaixe de madeira. (ver figura 41 e 42). Todas as construções apresentadas aqui são feitas com esse procedimento, exceto a construção intitulada como obra 07 (Cervejaria *Saint Bier*), em que o enxaimel foi imitado através de uma

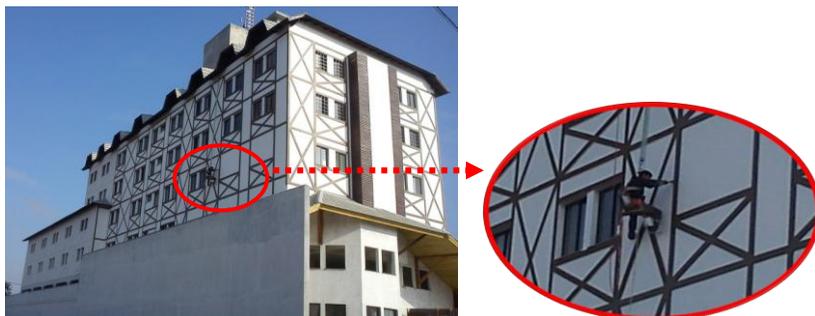
aplicação de ripas de madeira na fachada, mas sem função estrutural (o que também a classifica como sendo em estilo enxaimel).

Figura 41: Hotel Oma Zita e o estilo enxaimel feito com reboco



Fonte: Autora, 2011.

Figura 42: Hotel Oma Zita, etapa de pintura do estilo enxaimel



Fonte: Autora 2012.

Outra informação que deve ser mencionada é que a maioria das construções aqui apresentadas foram projetadas e concebidas em estilo enxaimel, porém, há dois casos em que a “transformação” para este estilo foi posterior: na obra 03 (edifício comercial e residencial), o proprietário resolveu, depois da obra concluída, tratar a fachada do edifício com o estilo enxaimel para que este pudesse ser aprovado na prefeitura (relato presente na entrevista concedida pelo proprietário

Benvenuto Herdet, p.96). Algo semelhante aconteceu na obra 04, onde fotos de diferentes anos evidenciam que o edifício só recebeu “pintura enxaimel” em 2012, quanto o município se preparou para festejar os 100 anos de colonização alemã.

Ao todo, foram identificados nove casos de edificações em estilo enxaimel, sendo três residências multifamiliares (obra 01, 03 e 08), quatro edifícios públicos (obra 02, 04, 05 e 06³⁴) um estabelecimento de serviço e comércio (obra 09) e um estabelecimento industrial e comercial (obra 07). Todos os casos identificados estão no perímetro urbano e próximo das vias principais (marcadas com pontilhado amarelo nas imagens aéreas apresentadas a seguir), sendo que a maior concentração de edificações em estilo enxaimel encontram-se ao longo da Avenida 25 de julho (SC-446), principal via da cidade. No entanto, há um caso que está mais afastado, em uma região exclusivamente residencial (obra 01). Quanto à localização nos bairros da cidade, dos nove casos, quatro estão no centro (obra 02, 03, 05, 08) e cinco estão dispersos em outros bairros (ver mapa do perímetro urbano de Forquilha, p. 105).

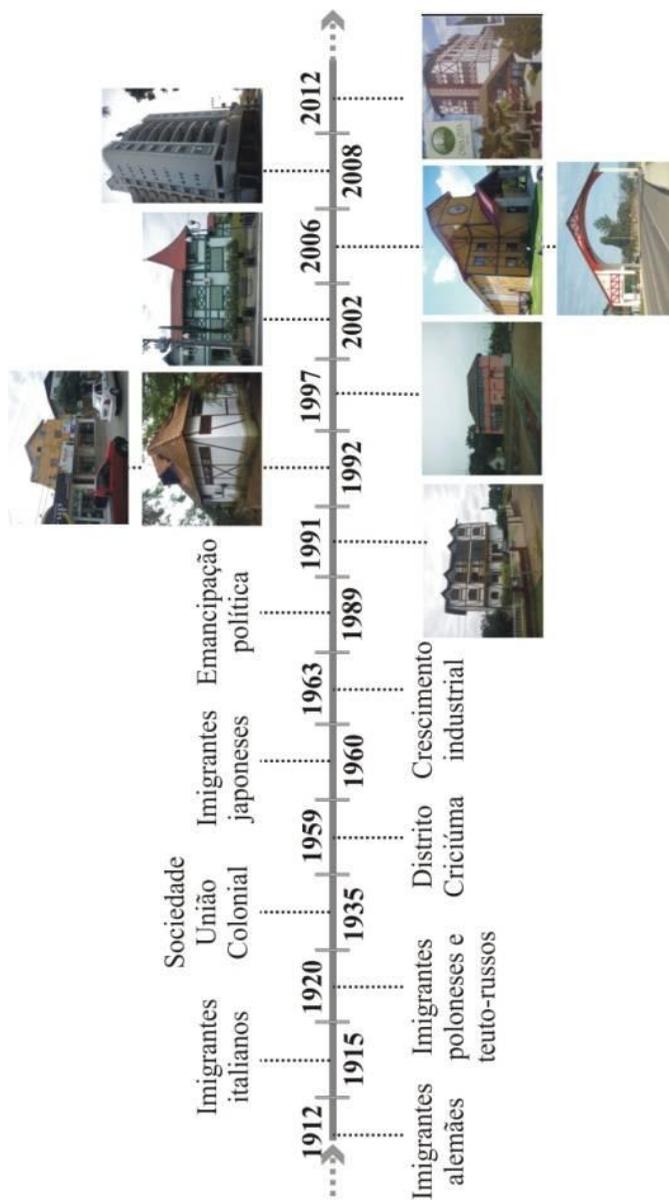
Constatou-se também, através do levantamento realizado, que nenhuma construção em estilo enxaimel de Forquilha seguiu as características visuais de um dos três tipos de enxaimel existentes na Alemanha (alemânico, baixo-saxão e franco). As construções de Forquilha assemelham-se mais com o sistema construtivo franco, devido ao uso da Cruz-de-Santo-André e das paredes não serem feitas com avanço progressivo. No entanto, não são iguais. Outro aspecto relevante e contraditório é que o sistema construtivo franco é originário do planalto central da Alemanha e os colonizadores alemães de Forquilha vieram do norte.

A seguir, apresenta-se uma síntese da evolução urbana de Forquilha (já descrita no capítulo anterior) através de uma linha do tempo que marca os principais eventos da cidade, desde a chegada dos imigrantes alemães até os casos de estilo enxaimel (ver figura 43).

Em seguida são apresentadas as construções em estilo enxaimel, junto com seus dados (uso, tipo de propriedade, ano de construção, autor do projeto, localização) e com uma imagem aérea marcando o entorno imediato. Por fim, apresenta-se um mapa geral de Forquilha, localizando na malha urbana, todas as construções em estilo enxaimel.

³⁴ Pórtico de entrada do Município via Criciúma.

Figura 43: Linha do tempo de Forquilha



Fonte: Autora, 2013.

DADOS DA OBRA 01: EDIFÍCIO RESIDENCIAL



Figura 44: Obra 01
Fonte: Autora, 2012.

Uso: Residencial multifamiliar.
Propriedade: Donato Steiner.
Ano de construção: 1991.
Nº pavimentos: 03.
Administração da época: Prefeito Vanderlei L. Ricken.
Autor: Eng. Ademar Back.
Localização: Rua Bonifácio Back, Bairro Santa Isabel.



Figura 45: Entorno imediato
Fonte: <maps.google.com> adaptado pela autora, 2012.

Legenda:

- 1- Uso residencial
- 2- Uso Institucional
- 3- Vazios Urbanos
- 4- Uso Comercial

DADOS DA OBRA 02: ESTAÇÃO DE MONITORAMENTO DO RIO MÃE LUZIA



Figura 46: Obra 02

Fonte: Autora, 2012.

Uso: Institucional.
Propriedade: Pública.
Ano de construção: 1992.
Nº de pavimentos: 01.
Administração da época: Prefeito Vanderlei L. Ricken.
Autor: Arq. Tadeu Vassoler.
Localização: Avenida 25 de Julho, Centro.



Figura 47: Entorno imediato

Fonte: <maps.google.com> adaptado pela autora, 2012.

Legenda:

- 1- Uso comercial
- 2- Uso misto (comércio/serviços e residencial)
- 3- Vazios urbanos
- 4- Edificação sem uso (antigo hotel Steiner, 1945)
- 5- Ponte que liga o centro aos bairros e aos outros municípios
- 6- Passarela de pedestres e ciclistas e praça do lazer

DADOS DA OBRA 03: EDIFÍCIO RESIDENCIAL E COMERCIAL



Figura 48: Obra 03. Fonte: Autora, 2012.

Uso: Misto.

Propriedade: Benvenuto Herdet.

Ano de construção: 1992.

Nº de pavimentos: 03.

Administração da época: Prefeito Vanderlei Luiz Ricken.

Autor: Morador (construção sem projeto).

Localização: Avenida 25 de Julho, Centro.



Figura 49: Entorno imediato

Fonte: <maps.google.com> adaptado pela autora, 2012.

Legenda:

1- Uso misto (comercial/serviço e residencial)

2- Uso Institucional

3- Vazios urbanos

4- Uso Comercial

5- Uso residencial

6- Ponte que liga o centro aos bairros e aos outros municípios.

DADOS DA OBRA 04: SALÃO DE FESTAS PARQUE ECOLÓGICO



Figura 50: Obra 04

Fonte: Autora 2012.

Uso: Institucional.
Propriedade: Pública.
Ano de construção: 1997.
Nº de pavimentos: 02.
Administração da época:
 Prefeito Vanderlei L. Ricken.
Autor: Arq. Tadeu Vassoler e
 Eng. Ademar Back.
Localização: Rodovia Gabriel
 Arns (SC-446), Parque
 Ecológico São Francisco de
 Assis, bairro Saturno.



Figura 51: Entorno imediato

Fonte: <maps.google.com> adaptado pela autora, 2012.

Legenda:

- 1- Uso residencial
- 2- Praça do centenário
- 3- Vazios urbanos
- 4- Anel viário
- 5- Parque Ecológico São Francisco de Assis

DADOS DA OBRA 05: PASTORAL DA CRIANÇA



Figura 52: Obra 05

Fonte: Autora, 2012.

Uso: Institucional.

Propriedade: Família Arns.

Ano de construção: 2002.

Nº de pavimentos: 02.

Administração da época: Prefeito Paulo Hoepers.

Autor: Arq. Olinir Borba Passos e Arq. Liana Arns Passos.

Localização: R. Alameda Felipe Arns, Centro.



Figura 53: Entorno imediato

Fonte: <maps.google.com> adaptado pela autora, 2012.

Legenda:

- 1- Praça dos Imigrantes
- 2- Uso Institucional
- 3- Vazios urbanos
- 4- Uso Comercial

DADOS DA OBRA 06: PÓRTICO DE ENTRADA DO MUNICÍPIO



Figura 54: Obra 06
Fonte: Autora, 2012.

Uso: Pórtico de entrada do Município (via Criciúma).
Propriedade: Pública.
Ano de construção: 2006.
Administração da época: Prefeito Paulo Hoepers.
Autor: Arq. Andrea Back Barbosa.
Localização: Rodovia Gabriel Arns (SC 446), Bairro Ouro Negro.

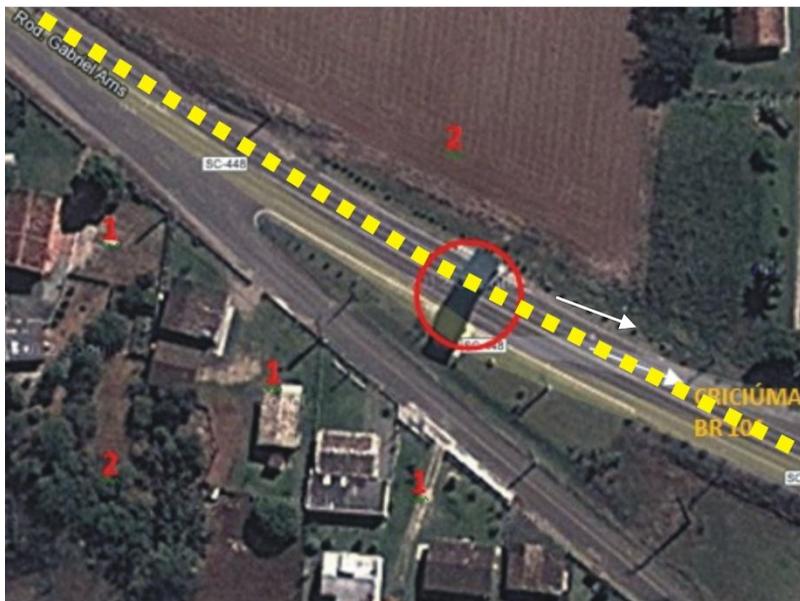


Figura 55: Entorno imediato

Fonte: <maps.google.com> adaptado pela autora, 2012.

Legenda:

- 1- Uso residencial
- 2- Vazios urbanos

DADOS DA OBRA 07: CERVEJARIA SAINT BIER



Figura 56: Obra 07. Fonte: Autora, 2012.

Uso: Misto (comercial e industrial).

Propriedade: Abrahão Paes Filho.

Ano de construção: 2008.

Nº pavimentos: 02.

Administração da época: Prefeito Paulo Hoepers.

Autor: Desenhista César Eyng e Eng. Anivaldo Back.

Localização: Avenida 25 de Julho, Bairro Vila Lourdes.



Figura 57: Entorno imediato

Fonte: <maps.google.com> adaptado pela autora, 2012.

Legenda:

- 1- Uso residencial
- 2- Uso institucional
- 3- Vazios urbanos
- 4- Uso misto (comércio/serviços e residencial)
- 5- Uso industrial

DADOS DA OBRA 08: EDIFÍCIO RESIDENCIAL ALEXANDER PLATZ



Figura 58: Obra 08

Fonte: Construtora Pavei, 2012.

Uso: Residencial multifamiliar.

Propriedade: Privada.

Ano de construção: 2008.

Nº pavimentos: 09.

Administração da época: Prefeito Paulo Hoepers.

Autor: Construtora Pavei (Criciúma).

Localização: Rua Prof. Arlindo Junkes.



Figura 59: Entorno imediato

Fonte: <maps.google.com> adaptado pela autora, 2012.

Legenda:

- 1- Uso residencial
- 2- Uso institucional
- 3- Vazios urbanos
- 4- Uso misto (comércio/serviços e residencial)
- 5- Uso comercial
- 6- Praça dos imigrantes

DADOS DA OBRA 09: GALERIA COMERCIAL E HOTEL OMA ZITA



Figura 60: Obra 09. Fonte: Autora 2012.

Uso: Misto.

Propriedade: Paulo Hoepers.

Ano de construção: 2012.

Nº pavimentos: 07.

Administração da época: Prefeito Vanderlei Alexandre.

Autor: Arq. Maria de Lourdes Tonetto e Arq. Eduardo Vieira Bittencourt.

Localização: Avenida 25 de Julho, Centro.



Figura 61: Entorno imediato

Fonte: <maps.google.com> adaptado pela autora, 2012.

Legenda:

- 1- Uso residencial
- 2- Uso institucional
- 3- Vazios urbanos
- 4- Uso misto (comércio/serviços e residencial)
- 5- Uso industrial
- 6- Uso comercial

MAPA A3

4. RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO

Com a pesquisa de campo obteve-se os subsídios necessários para responder ao problema de pesquisa, na medida em que seus resultados faziam parte dos objetivos determinados para essa dissertação, e que para os quais não foram encontrados documentos escritos. Analisando todas as informações colhidas, ficou perceptível que elas pertenciam a três visões diferentes: o da administração pública, o da população e o dos arquitetos da cidade. Cada dimensão mostra como a problemática é vista em diferentes campos de representação social. É necessário lembrar que os resultados estão na voz dos protagonistas, e que não significam verdades absolutas.

4.1 A VISÃO DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

Para compreender os resultados dessa categoria, primeiramente faz-se necessário apresentar a listagem dos prefeitos e vice-prefeitos de desde a emancipação de Forquilha: 1989 a 1992 – Vanderlei Luiz Ricken e Nelson da Soler; 1993 a 1996 – Nelson da Soler e Valberto Arns; 1997 a 2000 – Vanderlei Luiz Ricken e Paulo Hoepers; 2001 a 2004 – Paulo Hoepers e Valberto Arns; 2005 a 2008 – Paulo Hoepers e José Cláudio Gonçalves (Neguinho); 2009 a 2012 – Vanderlei Alexandre e Félix Hobolt; 2013 a 2016 (administração atual) – Vanderlei Alexandre e José Ricardo Junkes.

É válido relacionar também os prefeitos que tiveram casos de construções em estilo enxaimel em seus mandatos. Na administração de Vanderlei Ricken (1989 – 1992), foram construídas as três primeiras obras neste estilo: a casa multifamiliar de Donato Steiner, a estação de monitoramento do Rio Mãe Luzia e o prédio residencial e comercial de Benvenuto Herdet. Já no mandato de Nelson da Soler (1993-1996), não houve nenhum caso. Essa constatação é pertinente, se levado em conta que Nelson da Soler é de origem italiana, diferente de Vanderlei Ricken, que tem origem alemã.

Após a saída de Nelson da Soler da prefeitura, Vanderlei Ricken assume novamente (1997 -2000). Nessa época foi construído o salão de festas do Horto Florestal que hoje é um caso de estilo enxaimel, mas que quando foi construído tinha apenas o telhado com linguagem alemã. A pintura em “X” na fachada foi feita em 2012 para a festa do centenário de colonização alemã.

Em 2001 Paulo Hoepers assume a prefeitura e permanece por oito anos consecutivos. Nesses oito anos foram feitas quatro construções em estilo enxaimel: a Pastoral da Criança, o pórtico de entrada do município, a cervejaria Saint Bier e o prédio residencial multifamiliar Alexander Platz. Após o mandato de Paulo Hoepers, assume Vanderlei Alexandre, que é do mesmo partido (PP), mas não tem origem alemã. Na primeira administração de Vanderlei Alexandre (2009-2012) foi construído o Hotel Oma Zita, que é o único caso de estilo enxaimel ocorrido em Forquilha desde que Vanderlei Alexandre tornou-se prefeito.

A partir desses dados, foi realizada a segunda etapa da pesquisa de campo que teve como objetivo descobrir qual foi a motivação que deu início à construção de edificações em estilo enxaimel em Forquilha. Para isso, foram entrevistados três ex-prefeitos da cidade: Vanderlei Ricken, Nelson da Soler e Paulo Hoepers. Esses três políticos estiveram presentes na prefeitura, entre os anos de 1989 a 2008, o que é muito significativo, pois são 19 anos de representação política em uma cidade que hoje, tem 24 anos. Outro dado a considerar é que o ex-prefeito Paulo Hoepers ainda é muito influente na cidade, não mais como político, mas como empresário da construção civil e proprietário do hotel e galeria comercial Oma Zita, construído em estilo enxaimel e inaugurado em 2012.

4.1.1 As ideias e as motivações

A primeira informação obtida na pesquisa de campo esclareceu alguns aspectos no tocante à origem das construções em estilo enxaimel, que surgiu em 1990, através do incentivo do primeiro prefeito de Forquilha, Vanderlei Ricken, junto com o Secretário de Obras e Planejamento da época, o arquiteto Tadeu Vassoler.

Os entrevistados informaram que a principal intenção por trás da ideia de construir em estilo enxaimel era promover o resgate cultural das etnias formadoras do município, em especial a alemã e a italiana. Essa ideia era uma tentativa de fazer com que os munícipes investissem na melhoria do padrão construtivo da cidade em expansão. Segundo Vanderlei Ricken (entrevista, 2012), Forquilha não tinha vocação turística destacada, pois não possuía atrativos para tanto. “Então, a ideia gravitava no sentido de resgate cultural das etnias, que também passava pelo plano arquitetônico”.

Coube a Tadeu Vassoler a idealização do plano arquitetônico. O arquiteto foi o primeiro secretário de obras e planejamento da Prefeitura

de Forquilha. Nessa época Tadeu tinha um papel efetivo e representativo na prefeitura, o que o fez participar junto com o prefeito Vanderlei Ricken na concepção do projeto. O arquiteto afirma que naquela época, eles pensaram que pelo fato de Forquilha ter sido colonizada por imigrantes alemães, era necessário resgatar a cultura e transferi-la para as obras arquitetônicas. Segundo o entrevistado, a ideia nasceu em conjunto: “nós éramos as pessoas mais vivenciadas em termos de cultura. A nossa ideia era mesmo resgatar a tradição alemã” (entrevista, 2012). Durante a entrevista, o arquiteto Tadeu Vassoler salientou que, na época, o projeto não tinha nada a ver com turismo.

Da mesma forma, Valmir Hobolt, que trabalha no setor de serviços urbanos da prefeitura desde 1990, afirmou que a motivação da época era manter a tradição germânica da cidade e resgatar a memória da colonização. Também segundo Valmir (entrevista, 2012), “nunca foi pensado para o turismo”.

Nelson da Soler, vice-prefeito de Vanderlei Ricken no primeiro mandato e prefeito entre os anos de 1993 a 1996, também confirmou que a motivação principal era resgatar a memória dos primeiros colonizadores alemães. De acordo com Nelson (entrevista, 2012), a cidade não tinha vocação turística, pois não tinha um foco atraente. “Na época não pensávamos em turismo”. A ideia era mesmo valorizar as origens, resgatar a tradição alemã. “Lembro-me de quando fui vice do Vanderlei. Ele falava muito nisso, em resgatar a tradição. Falava tanto que às vezes era questionado por pessoas que não tinham origem alemã”.

Em 2001 Paulo Hoepers assume a prefeitura. Já havia passado 10 anos das primeiras iniciativas tomadas para incentivar construções em estilo enxaimel. Segundo o entrevistado, quando ele assumiu a prefeitura, o projeto da cidade germânica estava em “*stand by*”. De acordo com Paulo Hoepers, partiu de Vanderlei Ricken a ideia de começar a construir na cidade edificações em estilo enxaimel ou europeu, puxando para o germânico (nas palavras dele). No entanto, o mesmo desenvolveu a ideia de maneira muito tímida e não conseguiu dar continuidade à proposta. Segundo Paulo, no mandato do Nelson da Soler, por ele ser italiano, o projeto ficou abandonado. Então, quando Paulo Hoepers assumiu a prefeitura, decidiu retomar a iniciativa. O primeiro passo para essa retomada foi a criação da festa das origens, a *Heimatfest*, que acontece no mês de outubro, de dois em dois anos, desde 2003.

De acordo com Paulo Hoepers, a escolha do nome *Heimatfest* deve-se ao fato de que *heimat* em alemão significa origem, lar, raiz.

Além disso, nas músicas alemãs da época da imigração, tal palavra era muito recorrente. O entrevistado afirma ainda que a *Frühlingsfest*³⁵, só não foi bem aceita pelos Forquilhinhenses devido ao tema primavera ser muito limitado. Segundo Paulo (entrevista, 2012), a palavra *origem* abre muitas possibilidades, “é uma conversa sem fim, além disso, falar em origens não deixa ninguém de fora, mesmo que o nome seja alemão, cada um pode levar em conta a sua origem”. O entrevistado afirma ainda que *origem* não causa aversão da população e fica mais fácil para as pessoas entenderem que não é só “coisa de alemão”. De acordo com Paulo Hoepers, a *Heimatfest* foi instituída para trabalhar o “lado alemão da cidade³⁶”, e hoje é um sucesso. No entanto, o entrevistado demonstrou um pouco de insatisfação em relação à administração atual, quando afirma que: “nas últimas edições eu ache que tenha saído um pouco fora de foco, porque falta sensibilidade do atual prefeito que não tem na veia o sangue alemão. O que tem que ser focado nas festas é a história e a cultura” (entrevista, 2012). Segundo Paulo, o atual prefeito Vanderlei Alexandre, ainda tem a intenção de fazer a festa baseada na cultura e na história, mas como ele não é de origem alemã, ele tem mais dificuldade de promover isso.

“Eu trabalho com Vanderlei (Alexandre) sobre essas questões de maneira incessante, para que a ideia não se perca e para que ele seja incluído nesse clima. Porque, mesmo que ele tenha essa intenção, ele não tem a raiz germânica e por isso algumas coisas escapam pelo fato de ele não perceber a importância. Acho que é por aí que a cidade deve caminhar” (Paulo Hoepers, entrevista, 2012).

³⁵ Em português, festa da primavera. Essa festa foi criada pelo prefeito Vanderlei Luiz Ricken, e só aconteceu uma vez, no ano de 1991.

³⁶ Flores (1997) afirma que a referência a herança comum não deve ser vista como uma forma de solidariedade, e sim como algo construído para promover um conjunto de ideias e símbolos que reivindicam uma identidade oposta a outra. Halbwachs (1990) também afirma que a crença na origem comum faz com que o grupo passe a levar em consideração seu passado, fazendo sentir que este permaneceu o mesmo e deste modo, o grupo toma consciência de sua identidade através do tempo.

Foi também com a *Heimatfest* que nasceu o slogan “a cidade mais germânica do sul do estado”³⁷, utilizado até hoje para referenciar Forquilha nas notícias.

Outra iniciativa de Paulo Hoepers, para retomar a germanidade, foi “semear a ideia” (entrevista, 2012) nas escolas, para que o tema fosse discutido nas aulas. Além disso, Paulo procurou trazer algumas atividades para o município que tivessem relação com a etnia alemã, como a cervejaria *Saint Bier*.

“Quando veio a *Saint Bier* para cá, por exemplo, trouxe um diferencial com a cerveja artesanal e o *chopp*, que é coisa de alemão e as pessoas reconhecem. Foram essas ligações que eu procurei trabalhar durante a minha gestão” (Paulo Hoepers, entrevista 2012, grifo nosso).

Outro ponto importante da problemática foi abordado durante a entrevista com Paulo Hoepers, quando ele lembra que nas cidades vizinhas, as pessoas só veem coisas italianas e quando chegam a Forquilha encontram um diferencial: “em Forquilha, tem o alemão que é algo diferente, e era isso que procuramos trabalhar”³⁸ (entrevista, 2012).

Hoje Paulo Hoepers é um empresário da construção civil e em seus empreendimentos continua buscando e evidenciando a etnia alemã. Sobre o Hotel Oma Zita, inaugurado recentemente, Paulo Hoepers afirma que optou por construir em estilo enxaimel porque queria trazer características visuais fortes, que nas palavras dele “as pessoas possam chegar aqui em Forquilha e ver algo diferente” (entrevista, 2012). De acordo com o entrevistado, hoje não existe turismo em Forquilha, mas no futuro poderá existir. Paulo afirma ainda que a oferta de atrativos turísticos no sul do estado é pequena, mas se Forquilha oferecer algo diferenciado, como o estilo alemão, poderá se destacar no

³⁷ Augé (2005) diz que as palavras frequentemente são formadoras de imagens. Segundo o autor, a palavra cria a imagem, produz um mito e também o faz funcionar. Ela muitas vezes não concede espaço à história, que eventualmente é transformada em obstáculo.

³⁸ Zukin (2000, p.101) afirma que a pós-modernidade oferece uma chance de escolher uma identidade a partir de imagens projetadas. “Nessas imagens, consumimos o que imaginamos e imaginamos o que consumimos”.

futuro. “Puxar para o lado germânico pode dar um diferencial para a cidade, pode ser um nicho no mercado³⁹,” (entrevista, 2012).

O entrevistado contou que irá construir uma galeria comercial no centro da cidade, com lojas e sobrelojas. O projeto já está em estágio de aprovação na prefeitura. Quando Paulo Hoepers concedeu essa informação, mostrou uma imagem que havia tirado da internet e que servia como referencia para o projeto das fachadas da galeria comercial. Para a surpresa da pesquisadora, a imagem mostrada por ele era do Parque Vila Germânica de Blumenau, que é um caso famoso de arquitetura em estilo enxaimel feita para compor um cenário destinado à *Oktoberfest*. Paulo quer “trabalhar” só a fachada em estilo alemão, o resto da construção será convencional. “É como se fosse um cenário de novela. Serão cinco frentes que terão cores e telhados diferentes, para as pessoas olharem e pensarem que aqui tem um lugar diferenciado⁴⁰,” (entrevista, 2012).

4.1.2 As inspirações

Após a ideia ter sido concebida, Vanderlei Ricken e o arquiteto Tadeu Vassoler foram visitar Nova Petrópolis⁴¹ para ver sua arquitetura. Segundo Tadeu Vassoler a escolha por Nova Petrópolis deve-se ao fato de que a cidade tem características germânicas acentuadas: “vimos que lá realmente tinha uma tradição alemã” (entrevista, 2012).

Quando retornaram a Forquilha, a primeira iniciativa foi idealizar uma festa alemã a partir de informações obtidas sobre a *Oktoberfest* de Blumenau. “Pensamos em uma festa que resgatasse a cultura alemã, assim como a *Oktoberfest*” (entrevista, 2012). Nasceu a *Frühlingsfest*. De acordo com Tadeu, a festa era uma tentativa de fazer

³⁹ Michel de Certau (2004 p.49) afirma que a conveniência oprime o que não convém e gerencia o simbolismo quando nos mostramos. “A conveniência é simultaneamente o modo pelo qual se é percebido e o meio obrigatório de se permanecer submisso a ela”.

⁴⁰ Zukin (2000, p.91) afirma que a arquitetura da fantasia age como palco para o consumo, exagera nas imagens comuns de um passado que não existiu. Para ela, os cenários são uma “fantasia particular compartilhada e um espaço limiar que faz a mediação entre natureza e artifício, mercado e lugar”.

⁴¹ Nova Petrópolis é uma cidade localizada na serra Gaúcha, a 100 km da capital Porto Alegre. Foi colonizada por imigrantes alemães e possui patrimônio da imigração ainda conservado, bem como construções contemporâneas em estilo enxaimel.

as pessoas gostarem da ideia e adotarem o lado alemão de Forquilha⁴².

A ideia de construir em estilo enxaimel e de fazer a festa estava relacionada com o fato de que quando assumiram a prefeitura, não existia nada⁴³. Segundo o arquiteto, o município era novo e precisavam começar tudo do zero.

“Começamos praticamente sem nada, tínhamos muita dificuldade. Como não tínhamos nada, precisávamos resgatar a tradição e a história para dar um diferencial para aquele lugar⁴⁴. Então pensamos em começar com a festa para que as pessoas pudessem se identificar com a ideia. Depois começamos com as obras” (Tadeu Vassoler, entrevista, 2012).

Valmir Hobolt, afirma ainda que na época uma equipe foi à Gramado para ver como o estilo alemão era utilizado nas construções da cidade. Com a visita, a equipe trouxe ideias para utilizar em Forquilha. No entanto foram apenas inspirações visuais. Não foi criado nenhum documento ou manual que servisse de referência para quem quisesse construir em estilo enxaimel. Também não teve nenhum tipo de estudo do sistema construtivo para aplicar nas construções feitas em Forquilha. Tampouco buscaram modelos e informações na Alemanha e nem foram colocadas plantas a disposição dos interessados, como foi feito em Blumenau⁴⁵.

Essas informações confirmam-se quando o entrevistado Paulo Hoepers afirma que não houve nenhum tipo de planejamento. Segundo o

⁴² As festas, de maneira geral, caracterizam-se pela repetição, pela sua particularidade de reunir a coletividade, pelo momento de exacerbação da vida social (FLORES, 1997).

⁴³ A capacidade de ter história faz com que a cidade possa situar-se na disputa entre cidades, equiparando-se na produção de imagens. As referências são locais, mas tem como alvo disputas regionais. A cultura é tomada como elemento capaz de promover identificação e diferenciação dos locais, o que possibilita a cidade competir com outras (MOTTA, 2000).

⁴⁴ Zukin (2000, p.88) reflete sobre essas questões quando diz que “as cidades novas carecem de monumentos históricos autênticos de um passado distante”. Segundo a autora, essa carência faz com que as regiões mais novas transformem a história em um mito que é fabricado a partir de imagens do passado.

⁴⁵ De acordo com Barretto (2003), a germanidade foi estimulada em Blumenau colocando projetos “típicos alemães” à disposição para os interessados.

entrevistado, “algumas cidades serviram de bom referencial, no entanto, em Forquilha a coisa foi tomando corpo ao natural” (entrevista, 2012). Tadeu Vassoler também sugere que não houve nenhum tipo de estudo e instrução à população, quando diz que “muitas pessoas não tinham muito conhecimento e faziam de qualquer jeito, sem muito planejamento” (entrevista, 2012).

4.1.3 Consulta à população

Do início do projeto aos dias atuais, não houve nenhum tipo de consulta à população a respeito da valorização da cultura alemã através da arquitetura. O ex-prefeito Vanderlei Ricken afirmou durante a entrevista que na época não consultou a população porque o ambiente político era de extrema efervescência, já que a oposição não se conformava em ter perdido a eleição. De acordo com o entrevistado, “tudo era precário e improvisado, inclusive o conceito de preservação e de estímulos a iniciativas culturais” (entrevista, 2012). Vanderlei Ricken explicou que a concepção do projeto e a responsabilidade eram dele, por isso não havia motivo para consultar a população.

O vice de Vanderlei Ricken, Nelson da Soler, também admitiu que não houve nenhum tipo de consulta a população, o que para Nelson foi um erro, porque dessa maneira as pessoas não “despertaram o gosto pelo estilo” (entrevista, 2012). O entrevistado Valmir Hobolt confirmou que na época a população não foi consultada. Segundo Valmir, a iniciativa era uma vontade política, que nasceu pelo simples fato de que o primeiro prefeito da cidade era de origem alemã (referindo-se ao Vanderlei Ricken).

O entrevistado Tadeu Vassoler explicou o motivo pelo qual a população não foi consultada. Tadeu afirma que na ocasião, o projeto foi levado primeiro ao Conselho de Engenharia e Arquitetura, o CREA, e que depois seria estendido à população. Mas, segundo o entrevistado, isso não chegou a acontecer porque o CREA se mostrou contrário ao projeto⁴⁶. “Na época o Conselho achou que nós não deveríamos fazer

⁴⁶ É compreensível que o Conselho formado por engenheiros e arquitetos, o CREA, tenha se posicionado contra a ideia, pois construções atuais que são feitas a partir da imitação de outras épocas são normalmente criticadas pelos arquitetos. No entanto, mesmo com a opinião contrária do CREA, dentro da esfera política o projeto foi levado adiante, quando o prefeito Vanderlei Ricken e o arquiteto Tadeu Vassoler resolverem escrever um projeto de lei para incentivar construções típicas alemãs.

isso, pois não tinha sentido trabalhar só a fachada para que parecesse alemã⁴⁷” (entrevista, 2012).

Segundo o arquiteto, quando apareceram na cidade as primeiras obras em estilo enxaimel, muitas pessoas diziam: “se você começar a fazer obras só em estilo alemão, quando algum prefeito italiano assumir, nós iremos pedir para demolir tudo” (entrevista, 2012). Tadeu afirma que depois disso, ao projetar a sede da prefeitura municipal de Forquilha, ele tentou trabalhar o lado germânico de modo mais leve, para que a ideia fosse recebida aos poucos pela população.

De acordo com o entrevistado, naquela época houve um pouco de resistência por parte dos alemães, primeiro porque estes achavam que iam gastar mais, e segundo porque estes temiam construir em estilo alemão e futuramente a obra ser tombada, impossibilitando alterações. No entanto, segundo relatos, a resistência maior foi por parte dos italianos. O depoimento de Tadeu comprova este fato:

“Em minhas obras particulares, por exemplo, se eu apresentasse aos clientes um telhado mais ‘alpino’, eles diziam que não queriam um telhado alemão, daí eu tinha que provar que era apenas um telhado com um ponto mais alto, para não haver problemas futuros com infiltração. Essa resistência na época travou bastante a nossa ideia” (Tadeu Vassoler, entrevista, 2012).

Tadeu Vassoler afirma que na prefeitura, todos tinham muito receio da rixa entre alemães e italianos.

⁴⁷ A Carta de Atenas, documento redigido pelo arquiteto Le Corbusier em 1933 contém preceitos de arquitetura e urbanismo que ainda norteiam muitas cidades. Nela tem um parágrafo específico sobre o emprego de estilos do passado nas cidades contemporâneas que diz que “copiar servilmente o passado é condenar-se a mentira, é erigir o falso como princípio, (...) que leva ao simulacro desprovido de qualquer vida”. Esse trecho da Carta de Atenas pode justificar o posicionamento contrário dos arquitetos a respeito da prática de cópias arquitetônicas. Além disso, erigir o falso pode ser considerado um problema de ética profissional, que também é uma responsabilidade do CREA.

“Às vezes as pessoas me falavam: você Tadeu, um italiano, porque está querendo tanto resgatar a cultura alemã? E eu respondia: não é porque sou italiano que não reconheço que os alemães foram os primeiros a chegarem a Forquilha. Eu sempre dizia para as pessoas que era necessário dar um resgate para essa cidade, para fazer com que ela se identifique no contexto urbano, perante as outras cidades. Acho isso importante porque traz identidade” (Tadeu Vassoler, entrevista, 2012).

Tadeu Vassoler acredita que a ideia só foi posta em prática pelo fato de o primeiro prefeito ser alemão, já que, com os outros prefeitos, a ideia foi se perdendo. “Acho que qualquer outra cultura não iniciaria esse projeto e tampouco daria continuidade. Realmente, só iria pra frente se tivesse lei” (entrevista, 2012).

O entrevistado Paulo Hoepers também afirmou que não foi feito nenhum tipo de consulta pública em sua administração. Em sua concepção, levar a questão à população não funcionara.

“Isso precisa ser despertado nas pessoas. Nós temos aqui a colonização alemã que nos dá diferenciais. Mas chegar na rua e dizer: escuta, você acha que devemos estimular isso? As pessoas iriam responder que não... vão mandar a gente cuidar da saúde. O nosso público ainda é muito incipiente. Quando queremos criar uma cultura que traz riquezas, primeiros temos que plantar a ideia, e depois vamos colher” (Paulo Hoepers, entrevista, 2012).

Paulo Hoepers também mencionou a discórdia entre alemães e italianos. “No início, esta rixa causou uma forte resistência, pois na época em que Vanderlei Ricken teve a ideia, implantou-a sem consultar ninguém. Não foi uma coisa planejada, com convencimento. Foi uma coisa imposta” (entrevista, 2012)⁴⁸.

⁴⁸ Essa afirmação é contraditória, pois Paulo Hoepers afirma que Vanderlei Ricken teve a ideia, mas não consultou a população, por isso teve bastante rejeição. No entanto, Paulo também não consultou a população porque segundo ele, não dá para sair nas ruas “perguntando sobre esses assuntos”.

De acordo com Paulo Hoepers, o município hoje não possui mais que 10% de alemães e, por isso mesmo, não há possibilidade de impor o estilo alemão em tudo. Segundo o entrevistado, essa ideia deve ser construída aos poucos, vencendo as resistências:

“Por exemplo, quando implantamos a festa, eu chamava o pessoal e dizia: colocamos o nome alemão para ganhar dinheiro. Porque para italianos temos que falar em dinheiro. Naquela época eu precisava criar uma identidade alemã sem machucar ninguém” (Paulo Hoepers, entrevista, 2012).

4.1.4 A tentativa do incentivo fiscal

Para que o projeto ligado à idealização da cidade germânica fosse levado adiante, o prefeito Vanderlei Ricken acreditava que era necessário criar uma lei que incentivasse as pessoas a construírem em estilo enxaimel. Para redigir o texto, o prefeito fez contatos com a prefeitura de Blumenau, que já possuía uma lei semelhante⁴⁹. “Pensei que seria justo isentar o IPTU por um tempo determinado, das construções diferenciadas que exigiam também maior investimento para serem construídas”, afirma Vanderlei (entrevista, 2012).

Tadeu Vassoler contradiz Vanderlei Ricken quando afirma que na prefeitura, mesmo antes do projeto de lei ser escrito, já era incentivado este tipo de construção, a fim de manter a cultura da cidade. “Fazíamos uma política mais privada” (entrevista, 2012).

⁴⁹ Lei nº 2.262/1977 que em seu artigo primeiro determina: “Fica o executivo autorizado a conceder favores fiscais às edificações que forem construídas em estilos arquitetônicos típicos conhecidos como Enxaimel e Casa dos Alpes, nas seguintes bases: a- 50% do imposto predial urbano para edificações residenciais; b- 1/3 do IPTU para edificações destinadas ao comércio, obedecendo aos critérios de lançamento estabelecido pelo Código Tributário do Município”. A lei fixava o período de 10 anos de isenção, a partir do habite-se (ALTHOFF, 2011). A diferença principal da lei de Blumenau para o projeto de lei proposto por Vanderlei Ricken é que em Forquilha a isenção do IPTU seria total, independente do uso da edificação. Na redação do projeto também não consta nada falando em Enxaimel ou Casa dos Alpes como na lei de Blumenau. Em Forquilha, aparentemente seria mais amplo, designando apenas como construções típicas.

O projeto de lei foi redigido e encaminhado para a Câmara dos Vereadores em 24 de junho de 1991⁵⁰. Ele visava a isenção total do imposto sobre a propriedade predial e territorial urbana (IPTU) de construções típicas e das que tinham valor histórico e arquitetônico. A isenção proposta era de 10 anos após a expedição do habite-se. Sua redação era bem simples e não continha critérios que determinavam quais características as construções deveriam possuir para serem consideradas típicas ou com valor histórico. O próprio Vanderlei Ricken, autor do projeto, reconhece que sua redação era incompleta: “vejo que a semente foi plantada, mas que hoje, o projeto de 1990 deveria ser reeditado obedecendo a critérios mais detalhados e rigorosos, para se evitar estilos apenas maquiados” (entrevista, 2012).

De acordo com Tadeu Vassoler, na época foram listados cinco critérios que definiam uma construção típica alemã, mas o entrevistado não soube dizer quais eram. Segundo Tadeu, esses pontos foram estabelecidos para que não ocorresse um “vale-tudo”. No entanto, nada disso está redigido.

Na justificativa do projeto consta que a iniciativa era uma das mais importantes para a cidade, uma vez que visava resgatar e incentivar a cultura da “nossa gente”, marcada pelo estilo das edificações. As pessoas que possuíssem interesse em receber o incentivo deveriam apresentar um projeto arquitetônico de uma construção típica a uma Comissão Técnica que iria fazer a análise. Essa comissão seria formada por um arquiteto da prefeitura (que provavelmente seria Tadeu Vassoler, que era o único profissional da área), um vereador indicado pelo poder legislativo e pelo Secretário de Saúde, Educação e Cultura do município. Segundo Vanderlei Ricken, essa comissão era importante para que os projetos não fossem baseados em “achismos”.

De acordo com Vanderlei, o foco principal do projeto de lei era incentivar construções germânicas, mas para não despertar ciúmeiras e críticas de outras etnias, o projeto contemplava o benefício para quem construísse no estilo de qualquer etnia. Dessa forma, “o projeto não era excludente” (entrevista, 2012).

Sobre a rejeição, o ex-prefeito Vanderlei Ricken afirma que se uma iniciativa simples, sem maiores especificações, que serviria de embrião para outras, não foi aceita pelo legislativo, “imagina se o projeto fosse sofisticado e repleto de exigências”. Segundo Vanderlei, até hoje ele não sabe qual foi o motivo verdadeiro que levou a Câmara à rejeição, “já que o projeto não era discriminatório” (entrevista, 2012).

⁵⁰ O projeto de lei encontra-se no anexo A desta dissertação.

Após a rejeição unânime da Câmara, Vanderlei Ricken decidiu que o estilo germânico surgiria, então, através das obras públicas construídas em seu mandato: “por conta da rejeição do projeto, entendi que ao menos algumas obras públicas poderiam ser planejadas de acordo com o espírito do projeto” (entrevista, 2012). Mesmo sem lei de incentivo, as construções em estilo enxaimel continuaram a aparecer ou por motivo político ou por motivação própria.

4.1.5 A rejeição da câmara dos vereadores

O projeto de lei que visava isentar o pagamento de IPTU de construções “típicas” e com valor histórico, chegou à câmara de vereadores em 24 de junho de 1991 e foi rejeitado por unanimidade em 19 de agosto do mesmo ano, conforme consta em documento arquivado na câmara dos vereadores.

Nesta época, a câmara era composta por nove vereadores: José Forgiarini (presidente) do PFL, Líbero Alexandre do PDS, Agenor Casagrande do PMDB, Zeferino Vitali do PMDB, José Lino Junkes do PDS, Alcides Dondossola do PMDB, Antenor Colombo do PMDB, José Cláudio Gonçalves (Neguinho) do PFL e Edgar José Tiscoski do PDS.

Destes nove, cinco estavam presentes e assinaram o documento de rejeição, vetando o projeto por unanimidade. Assinaram na ordem: José Cláudio Gonçalves (Neguinho) do PFL, Edgar José Tiscoski do PDS, José Lino Junkes do PDS, Agenor Casagrande do PMDB e Líbero Alexandre do PDS. Em relação às etnias dos mesmos, dois eram de origem alemã, um de origem italiana e dois de origem luso-brasileira.

Procurando saber qual foi o motivo que levou os vereadores da época a votarem contra o projeto, foram realizadas entrevistas com os cinco ex-vereadores que assinaram a declaração. O primeiro a ser entrevistado foi Líbero Alexandre. Apesar de Líbero ter tido dificuldade de lembrar-se do fato, o mesmo afirmou que na época as pessoas que estavam na câmara alegaram que em Forquilha já não apresentava tantos representantes da cultura alemã e que, por isso, o projeto não se justificava. Outro fato importante comentado por Líbero estava ligado à figura de José Cláudio Gonçalves, outro integrante da Câmara, conhecido na cidade como Neguinho, o qual sempre votava contra os projetos de lei criados pelo prefeito Vanderlei Ricken. Segundo Líbero, José Cláudio acreditava que se votasse a favor dos projetos, Vanderlei Ricken nunca mais sairia da prefeitura, “e o Neguinho sempre quis ser prefeito” (entrevista, 2013). De fato, Neguinho concorreu às eleições

para a Prefeitura de Forquilha várias vezes, sendo que só foi eleito como vice-prefeito uma única vez.

O segundo entrevistado foi o José Lino Junkes, que apresentou de forma diferente o motivo que levou à vetoação. De acordo com o entrevistado, na época existia uma rixa muito forte entre alemães e italianos. “Acho que se esse projeto de lei fosse aprovado, iria aumentar ainda mais essa rixa, então votei contra para não causar intriga” (entrevista, 2013). Ainda nesse sentido, José Lino diz não se arrepender do fato de ter sido contra. “Não tem cabimento isso, porque poderia abrir uma ferida antiga que está cicatrizada” (entrevista, 2013). O entrevistado afirma que na época ele procurou olhar para todos da cidade, e não apenas para uma etnia. “Sou alemão, mas acho que a cidade é para todos. Não tem só alemão aqui” (entrevista, 2013).

José Lino afirma que, desde o início, foi contra o projeto por acreditar que seria injusto beneficiar somente os alemães. “Acredito que quem tem dinheiro para construir em estilo alemão tem também para pagar impostos” (entrevista, 2013). Segundo o entrevistado, a proposta não tinha cabimento porque diminuiria muito a arrecadação do município, que estava nascendo e que precisava da receita gerada pelo IPTU. “Acredito que todo mundo tem seus deveres e tem que pagar seus impostos. Não acho que construir de um jeito ou de outro tira essa obrigação” (entrevista, 2013).

Somando a essas motivações, está também a causa política. Na época, os vereadores presentes na câmara que assinaram contra o projeto eram quase todo de oposição à administração. No entanto, José Lino afirma que esse motivo era secundário. O que pesou mais na sua decisão foi o fato de ele achar injusto com quem é de outras origens. “E olha que também sou alemão, (risos)” (entrevista, 2013).

Agenor Casagrande foi o terceiro entrevistado. Os seus depoimentos demonstraram uma posição contrária ao incentivo de construções alemãs, além de sugerir a existência de rixa ainda hoje. O entrevistado explica que votou contra por que tudo isso fazia parte da briga que sempre existiu entre italianos e alemães da cidade. Agenor é de origem italiana e afirma que Vanderlei Ricken privilegiava só os alemães. “Não acho certo isso” (entrevista, 2013). Além disso, o entrevistado comenta que na época brigava com Vanderlei porque não concordava com as ideias do prefeito.

“Eu acreditava que Forquilha não podia ser vista só como alemã, pois tem muitas comunidades antigas italianas que também são importantes para a tradição e a história da cidade. Então porque fazer essa diferenciação?” (Agenor Casagrande, entrevista, 2013).

Dando ênfase à diferenciação que ocorria na época, Agenor Casagrande afirma que chegaram a acontecer coisas muito peculiares.

“Imagina só: se um italiano pedisse um caminhão de pedra brita na prefeitura, tinha seu pedido negado. Mas, se um alemão pedisse, logo recebia a pedra. Então tinha italiano pedido para um alemão fazer o pedido por ele. Isso era o cúmulo!” (Agenor Casagrande, entrevista, 2013).

Fugindo um pouco do questionamento feito ao entrevistado, mas servindo de ênfase à rixa citada, Agenor Casagrande comenta que:

“Nessa mesma época, Fidélis Back, um alemão que tinha bastante dinheiro, mandou demolir o prédio mais bonito da Forquilha antiga, que era a Sociedade União Colonial. De um dia para outro ele colocou abaixo, sem pensar na história. Mas, para se sair bem, ele colocou a culpa em mim. Imagina, realmente não tinha justificativa um alemão fazer isso, né? Olha, essa briga entre italianos e alemães é antiga...” (Agenor Casagrande, entrevista, 2013).

O quarto entrevistado foi Edgar José Tiscoski, que concedeu a entrevista por telefone. De todos os ex-vereadores, Edgar foi um dos que menos falou e teve bastante dificuldade para lembrar-se do acontecido. De acordo com Edgar, quando o projeto de lei chegou à Câmara, houve muita discussão. Existia muita briga política e isso era decorrente do fato de a câmara ser formada em boa parte de oposição. Além desse motivo, Edgar afirma também que, na época, os vereadores não concordavam em favorecer apenas uma etnia. “Não achávamos justo para a cidade, que também tem muitos italianos, até mais que alemães” (entrevista, 2013). Uma informação relevante para este contexto é a de que Edgar José Tiscoski é de origem alemã, no entanto, não achava justo

favorecer apenas os alemães, pois reconhecia a existência de italianos em grande quantidade no município.

O quinto e último entrevistado foi José Cláudio Gonçalves, conhecido como Neginho. José Cláudio confirmou que existia uma rixa política forte entre ele e o prefeito Vanderlei Ricken. O entrevistado assume que era uma espécie de teimosia das duas partes. “Votei contra em praticamente todos os projetos do Vanderlei” (entrevista, 2013). Essa declaração confirma o depoimento do primeiro entrevistado, Líbero Alexandre. Após fazer essa declaração, José Cláudio fez uma espécie de desabafo dizendo que hoje vê que, por teimosia, o município pode ter perdido muito, “mas foi o que aconteceu na época, fazer o quê?” (entrevista, 2013). Além desse motivo, que para ele parece ser o que prevaleceu, José Cláudio afirma que na época eles (os vereadores) não concordavam que o incentivo fosse apenas para uma etnia. “Achávamos que outras etnias podiam ser favorecidas, principalmente a italiana” (entrevista, 2013).

4.1.6 As primeiras construções em estilo enxaimel

Apesar de o projeto de incentivo fiscal ter sido rejeitado, duas obras particulares foram construídas em estilo enxaimel entre os anos de 1991 e 1992: a de Donato Steiner e a de Benvenuto Herdet, ambos de origem alemã. Se não houve incentivo fiscal, qual teria sido a motivação para estas pessoas optarem em construir nesse estilo? Esse foi o questionamento feito em entrevista aos dois proprietários.

Donato Steiner afirma que construiu em estilo enxaimel porque é de origem alemã e, além do mais, considera bonito esse estilo. “Quando íamos à Blumenau, Joinville e Pomerode, sempre víamos essas construções lá, e eu achava a coisa mais linda do mundo, então resolvi construir assim”, (entrevista, 2012).

O entrevistado comenta que quando encaminhou o projeto para a análise, o prefeito da época, Vanderlei Ricken, prometeu um incentivo fiscal para Donato já que a obra em questão privilegiava o estilo alemão. No entanto, Donato afirma não ter recebido nenhum incentivo. De acordo com o entrevistado, depois desse episódio, ele soube que foi encaminhado um projeto para câmara que pretendia estimular construções feitas em estilo germânico, mas que foi rejeitado pelo fato de os italianos serem contra. Talvez fosse essa a justificativa que o poder público dava na época, pois através dos resultados obtidos na pesquisa de campo soube-se que não foram só os vereadores de origem

italiana que votaram contra o projeto de lei. A câmara tinha representação étnica bem equilibrada.

Já os motivos que levaram o proprietário Benvenuto Herdet a construir em estilo enxaimel foram outros. Segundo Benvenuto, no início, a construção era pra ser “normal”, com térreo comercial e segundo piso de apartamentos. Depois, o entrevistado resolveu construir um terceiro pavimento. Enviou o projeto para análise na prefeitura, mas o mesmo não foi aprovado. “O Tadeu não queria daquele jeito”, (entrevista, 2012). Sabendo que construções em estilo enxaimel eram de interesse da prefeitura, o entrevistado resolveu modificar as fachadas dentro do estilo “adequado” para receber a aprovação. “Meu filho era técnico em edificações e morava em Blumenau, então pedi pra ele desenhar as fachadas. Depois de pronto, peguei o projeto e levei na prefeitura para o Vanderlei Ricken ver, e ele aprovou” (entrevista, 2012). Apesar de Benvenuto ter construído em estilo enxaimel apenas para ter seu projeto aprovado, o mesmo afirma que não recebeu qualquer tipo de incentivo fiscal.

Para Benvenuto, as construções em estilo enxaimel são bonitas porque são diferentes. “Em termos de memória, nós já estamos muito distantes dos nossos antepassados. Na verdade, construí assim porque gosto de arquitetura diferente” (entrevista, 2012). Benvenuto é pedreiro. Ele mesmo construiu o prédio em estilo enxaimel e a sua residência, que curiosamente tem estilo inspirado nas casas asiáticas.

4.1.7 A questão do turismo

Os ex-prefeitos e idealizadores do projeto negaram que o incentivo a construções em estilo enxaimel estivesse relacionado ao turismo. Através dos depoimentos apresentados até aqui, é possível perceber que realmente no início não foi pensado nessa relação.

No entanto, parece que no mandato de Paulo Hoepers, prefeito entre os anos de 2001 a 2008, houve pequenas ações nesse sentido, como a criação da Secretaria de Cultura e Turismo. De acordo com Paulo, a criação dessa secretaria deve-se ao fato de que “na época pensamos que o turismo não deveria sempre ficar em segundo plano” (entrevista, 2012). O intuito era engajar mais pessoas para que a ideia fosse comprada. Mas, segundo Paulo, “isso ainda é muito incipiente aqui, porque o município ainda é muito novo” (entrevista, 2012).

Mesmo com essas declarações, era necessário investigar se hoje as construções em estilo enxaimel estão envolvidas com o turismo, como acontece na maioria das cidades que possuem edificações desse

tipo. Para isso, foi realizada uma entrevista com a atual chefe do departamento de cultura e turismo da Prefeitura Municipal de Forquilha, Isabela Niehues dos Santos, que está nesse setor desde 2004.

Antes da entrevista, algumas informações já tinham sido levantadas. Na lista de cidades com demanda turística fornecida pela SANTUR (Santa Catarina Turismo S/A)⁵¹, Forquilha não aparece em nenhum dos anos. Também não existe nenhum outro dado estatístico sobre a demanda turística do município.

De acordo com os levantamentos do Plano Diretor, Forquilha não possui inventário turístico. Somando-se a isso, Forquilha não possui nenhum bem tombado como patrimônio histórico cultural, e, portanto, não está no circuito catarinense de conjuntos históricos. Até mesmo no site da Prefeitura não consta nenhuma informação sobre pontos turísticos.

Sabendo dessas informações, realizou-se a entrevista. Sobre o turismo no município, Isabela afirmou que o pouco de movimentação turística que acontece hoje é gerado pela *Heimatfest*. “Ainda não pensamos em nada baseado nas edificações. Também não temos nenhum patrimônio tombado” (entrevista, 2012). Segundo a secretária, as edificações em estilo enxaimel também não geram turismo. “Essas edificações foram pensadas para resgatar a cultura alemã, e não para o turismo” (entrevista, 2012).

Confirmando as informações anteriores, Isabela afirma que Forquilha nunca vislumbrou um projeto turístico. Para a entrevistada, o turismo pode ser uma atividade importante para Forquilha no futuro, mas para isso, precisará se estruturar.

“Acredito que no futuro possamos pensar mais no turismo, principalmente na gastronomia típica alemã. Temos muito interesse nesse setor, porque as pessoas procuram. Mas para isso, vamos precisar ter mais estrutura e pessoal capacitado para trabalhar. Não temos restaurantes especializados, nem pousadas e hotéis” (Isabela Niehues, 2012).

Os depoimentos dos ex-prefeitos negando que suas ações estavam ligadas ao turismo e as declarações da Secretária atual de Turismo

⁵¹ Disponível em <<http://www.santur.sc.gov.br/estatistica-do-turismo-catarinense-santur.html>>. Acesso em 19 de março de 2013.

confirmam que a escolha do tema de pesquisa foi pertinente, ao direcionar a problemática ao resgate da memória e da identidade através da arquitetura e não ao turismo.

4.2 A VISÃO DA POPULAÇÃO

Entende-se que provocar emoções é uma das razões de ser da arquitetura. O valor simbólico prevalece em um edifício, já que eles são também reflexos da memória dos usuários. Além disso, o valor simbólico da arquitetura encontra-se na relação entre o objeto e quem usufrui, ocorrendo o mesmo com o valor estético. Então, a arquitetura além do aspecto funcional, tem um lado simbólico que representa algo para as pessoas.

Após indagar quais foram as motivações que deram início às construções em estilo enxaimel em Forquilha, foi iniciada a terceira etapa da pesquisa de campo, que se propunha investigar o que a arquitetura de estilo enxaimel representa para a população da cidade. Para alcançar o objetivo proposto, foi utilizada a técnica de entrevista com grupos focais, cujos resultados foram organizados em categorias.

4.2.1 História, memória e tradição

Nestas categorias foram agrupados os discursos obtidos nos três grupos, que responderam que as construções em estilo enxaimel de Forquilha representam história, memória, cultura, colonização, origens e tradição.

O grupo focal composto pelos jovens foi o que menos apresentou discursos relacionados com essas palavras, foram apenas dois: “Essas edificações marcam a história de Forquilha”. “As construções em estilo enxaimel valorizam e resgatam a cultura antiga” (entrevista, 2012).

No grupo focal composto pelas mulheres, houve um número considerável de discursos relacionados à história: “Essas construções representam a tradição alemã” (pessoa de origem alemã). “Elas representam a colonização alemã, que foi a primeira do município”. (pessoa de origem alemã). “Representam construções típicas alemãs” (pessoa de origem italiana). “As antigas foram derrubadas. Agora estão fazendo essas novas para resgatar a tradição. Acho ótimo para a cidade”. (pessoa de origem alemã). “Representam a colonização. Faz lembrar os antepassados”. (pessoa de origem alemã) (entrevista, 2012).

Alguns idosos também falaram que as construções em estilo enxaimel representam a história: “Essas construções nos fazem lembrar a Alemanha” (pessoa de origem alemã). “Condiz com a minha origem” (pessoa de origem alemã). “Lembra antigamente”. “Essas construções representam os primeiros colonizadores”. “Essas construções representam a história da cidade, sem dúvida” (pessoa de origem alemã) (entrevista, 2012).

4.2.2 Padrões estéticos

Nesta categoria, consideraram-se todos os discursos relacionados com a forma, beleza e aparência das construções em estilo enxaimel⁵².

No grupo de jovens foi coletado um discurso que referenciava a estética das construções em estilo enxaimel: “Essas construções trazem charme para a cidade. É uma coisa diferente. Saí daquela coisa monótona de telhados retos. É um charme mesmo sendo antigo” (pessoa com origem italiana) (entrevista, 2012).

No grupo de mulheres foram dois discursos dessa ordem: “Eu acho bonitas essas construções, além disso, as pessoas podem chegar aqui na cidade e ver casas com estilo” (pessoa com origem italiana). “Não importa se é alemão. Nós queremos a cidade bonita, e essas construções a deixam a cidade bonita” (pessoa com origem italiana) (entrevista, 2012).

No grupo de idosos foram três discursos: “O estilo germânico embeleza a cidade” (pessoa com origem italiana). “Eu sou italiana, mas já faço parte dessa cidade e acho muito bonitas essas construções” (pessoa com origem italiana). “Embeleza a cidade, por isso são importantes. Nós achamos isso mesmo sendo de origem italiana”. (pessoa com origem italiana) (entrevista, 2012).

4.2.3 Identidade

Houve apenas um discurso feito por uma integrante do grupo das mulheres, que se enquadrou no tema identidade: “Elas referenciam a

⁵² Entende-se que a arquitetura é uma “aparência” que incorpora lugares e este nos remetem significados. Há, no entanto elementos de comunicação no espaço que podem ser decodificados e compreendidos pelos membros de uma mesma cultura. Além disso, são as aparências que marcam a presença do objeto arquitetônico no mundo e o tornam conhecido, apreciado ou polêmico (MALARD, 2006).

cidade como alemã. Dá um diferencial” (pessoa de origem alemã) (entrevista, 2012).

4.2.4 Incentivo

Três integrantes do grupo das mulheres se mostraram a favor das construções em estilo enxaimel, e acham, inclusive, que a prefeitura deveria incentivar para que tenham mais construções desse tipo na cidade. “Deveriam construir mais assim. Quanto mais, melhor”. “A prefeitura devia incentivar para que fosse construído mais nesse estilo” (pessoa de origem alemã). “Precisava ter mais, porque em Blumenau, por exemplo, você chega à cidade e vê logo que ela é de origem alemã. Aqui não, porque tem poucas construções assim” (pessoa de origem alemã) (entrevista, 2012).

4.2.5 Relação com o uso das edificações

Algumas pessoas, quando questionadas sobre o que as construções em estilo enxaimel representavam para elas, tomaram, primeiramente, como referência, o uso das edificações. A Pastoral da Criança⁵³ de Forquilha, por exemplo, feita em estilo enxaimel, tem uso importantíssimo para a cidade, pois nessa edificação acontecem muitos eventos e cursos relacionados à saúde da criança e da família. Em virtude disso, algumas pessoas sentem simpatia pela edificação por levarem em conta a função que ela abriga.

4.2.6 Questionamentos contrários

O grupo de jovens foi o que mais apresentou opiniões contrárias, sobretudo em relação aos motivos que levaram Forquilha a optar só pelo estilo alemão, uma vez que há muitos representantes de outras etnias na cidade. Os discursos foram: “Os alemães de Forquilha se acham demais”. “Se tem mais italianos que alemães, porque só querem construir em estilo alemão?” “Eu acho legal essas construções, mas se continuar e for só assim daqui pra frente vai enjoar. Porque tudo o que é

⁵³ A Pastoral da Criança é reconhecida como uma das mais importantes organizações em todo o mundo a trabalhar em ações de combate à mortalidade infantil e melhoria da qualidade de vida das crianças e suas famílias. A fundadora e coordenadora internacional da Pastoral da criança, Zilda Arns, é natural de Forquilha e faleceu em 2010, em um terremoto ocorrido em Porto Príncipe, Haiti.

demais irrita! Vai parecer que moramos na antiguidade!”. “Seria interessante misturar os estilos para que todo mundo pudesse se sentir representado, e não só os alemães”. “Os alemães fundaram o centro e os italianos o rural. Por isso os alemães se acham mais e dominam o centro”. “Todas as culturas deveriam se misturar, porque a cidade é misturada. Porque, por exemplo, não vemos uma casa em estilo japonês? Aqui também têm japoneses”. “Deveriam também lembrar a cultura italiana. Meu pai é de origem alemã, mas minha mãe é de origem italiana⁵⁴.” (fala da única descendente de alemães no grupo) (entrevista, 2012).

No grupo de mulheres, houve apenas um discurso contrário às edificações em estilo enxaimel, e foi feito por uma pessoa de origem luso-brasileira que disse: “Mas se não têm só alemães, porque não fazem em outros estilos? Deviam resgatar a cultura italiana também, fazer misto” (entrevista, 2012).

No grupo de idosos não foi apresentado nenhum comentário negativo em relação às construções em estilo enxaimel, pelo contrário, apesar de ter duas pessoas de origem italiana, todos os integrantes se mostraram a favor: “Nós aprovamos essas construções por unanimidade” (entrevista, 2012).

4.2.7 A representação da história nas construções em estilo enxaimel

Como visto anteriormente, alguns integrantes dos grupos focais responderam que as construções em estilo enxaimel representam a história de Forquilha. Para entender o significado dessa afirmação, realizou-se uma segunda rodada de entrevistas, que dessa vez, foi feita individualmente. O objetivo desta investigação foi desvendar por que as construções em estilo enxaimel remetiam à história da cidade e que história elas fazem lembrar. Os depoimentos dos nove entrevistados relacionam-se com a memória individual e coletiva e também com a associação por aparência das edificações.

4.2.7.1 A memória individual

Nesta categoria estão os discursos que associaram as edificações em estilo enxaimel às lembranças individuais. A memória individual é

⁵⁴Essa mistura de etnias retrata bem o que é a constituição de Forquilha. Boa parte da população possui essa característica

aquela guardada por um indivíduo, que se referem as suas próprias experiências, mas que também contém aspectos da memória coletiva onde este indivíduo se formou.

Maristela Junkes Ricken, 55 anos, é de origem alemã e fez parte do grupo focal das mulheres. Para Maristela, as construções em estilo enxaimel fazem lembrar a história da fundação de Forquilha e também a história de sua família. “Quando as vejo, eu me lembro da minha família, que é toda de origem alemã” (entrevista, 2013). A entrevistada contou ainda que seu avô possuía uma casa em um estilo um pouco parecido, “assim, meio rústico alemão” (entrevista, 2013). Maristela descreve a casa dizendo que ela possuía uma varanda, era feita com tijolos aparentes e com algumas peças de madeira nas fachadas, “mas não tinham esses ‘X’ que tem nessas construções de hoje” (entrevista, 2013).

A respeito da casa do avô, Maristela lembra que esta foi demolida quando ainda era criança, por isso ela não sabe muitos detalhes. A entrevistada contou que a casa do avô do seu marido, também de origem alemã, tinha o mesmo estilo. Todas as duas ficavam na área rural de Forquilha e ambas foram demolidas há pelo menos 50 anos. Maristela fez questão de reafirmar que a aparência dessas construções que estão fazendo em Forquilha (em estilo enxaimel) faz lembrar a sua origem, a sua família e a casa do seu avô.

No depoimento de Maristela, descobriu-se que existiram casas feitas com a técnica enxaimel em Forquilha⁵⁵, ao contrário do que se pensava no início da pesquisa. No entanto, pela descrição da entrevistada, parece que o enxaimel era menos elaborado que o enxaimel da Alemanha.

Marino Preis, 71 anos, é de origem alemã, e era um dos integrantes do grupo dos idosos. Para Marino, as construções em estilo enxaimel lembra a casa dos seus pais. “Na verdade a casa era do meu avô, depois meu pai e minha mãe ficaram morando lá” (entrevista, 2013). Sobre a casa, o entrevistado contou que ela era feita com tijolos de barro comum, maciços, que ficavam aparentes. Entre o meio desses tijolos, haviam peças de madeira encaixadas entre si. Os tijolos preenchiam os vãos. A casa tinha os esteios de madeira desde o chão. Essas peças eram todas falquejadas e não tinham pregos. Marino afirma que essas construções novas são um pouco diferentes daquelas que

⁵⁵ Através dos depoimentos, estima-se que existiram apenas duas ou três casas enxaimel.

conheceu, “mas me fazem lembrar a história da minha família, da minha origem” (entrevista, 2013).

O depoimento de Marino comprova que realmente existiram casas feitas com a técnica enxaimel em Forquilha, ainda que feitas com um enxaimel mais simplificado. Da mesma forma que Maristela, Marino também consegue reconhecer que as construções atuais em estilo enxaimel não são iguais às de antigamente, mas, por serem parecidas, ativam nas pessoas a lembrança de história.

Perguntou-se se o avô de Marino veio da Alemanha e trouxe a técnica de lá. Ele disse que não, que o avô nasceu no Brasil e veio de São Martinho do Capivary para Forquilha. Segundo ele, “os alemães de Forquilha trouxeram a técnica da região de São Pedro de Alcântara e de São Martinho, porque lá já faziam assim” (entrevista, 2013).

O fato de a técnica enxaimel aplicada em Forquilha ter vindo de São Martinho do Capivary e não diretamente da Alemanha, pode ser a causa da simplificação do enxaimel, pois os imigrantes já haviam passado por um processo de hibridação cultural, assimilando algumas características da paisagem e da arquitetura brasileira.

Questionou-se também se Marino se lembrava da época em que as casas em estilo enxaimel começaram a aparecer na cidade (década de 90). Marino afirmou lembrar-se bem desse aparecimento. “Começou com o primeiro prefeito, o Vanderlei Ricken. Ele sempre dizia que estavam construindo assim para resgatar a nossa história” (entrevista, 2013).

O entrevistado contou ainda que Paulo Hoepfers quando foi prefeito também queria isso. “Você acha que o Paulo Hoepfers construiu o Hotel Oma Zita em estilo alemão por quê? porque ele é alemão. Cada um puxa ‘a sardinha para o seu lado’. Eu acho bom lembrar a história” (entrevista, 2013).

Maria Eyng, 71 anos, também é de origem alemã, é esposa de Marino Preis e fez parte do grupo focal de idosos. Maria afirma que quando vê as construções em estilo enxaimel de Forquilha, sempre se lembra da sua origem. “Lembro-me da minha família, do meu avô. Lembro-me do passado” (entrevista, 2013). Maria conta ainda que conheceu casas que tinham peças de madeira nas paredes e algumas que tinham apenas a varanda na frente. No entanto, a entrevistada afirma que a casa dos pais não foi feita com enxaimel. “A nossa casa já era mais moderna” (entrevista, 2013).

Maria justifica seu gosto pela história e pelas construções em estilo enxaimel dizendo: “A gente que é mais velho gosta de história,

dessas coisas velhas. Gosta de contar e lembrar como era antigamente” (entrevista, 2013).

4.2.7.2 A memória coletiva

Nesta categoria estão os discursos que associaram as edificações em estilo enxaimel às lembranças coletivas. A memória coletiva é aquela formada através do indivíduo e de suas relações com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão, enfim com grupos de convívio e de referência.

Iraci Kùlkamp, 65 anos, é de origem alemã e era uma integrante do grupo focal de idosos. Iraci afirma que a sua mãe contava histórias sobre como eram as casas na Alemanha.

“Minha mãe sempre contava que lá, as casas eram assim, como as daqui. Minha mãe ouvia muitas histórias do meu avô a respeito da Alemanha e ela sempre me contava. Ela dizia que as casas tinham janelas bem grandes e que a cozinha era separada da casa” (Iraci Kùlkamp, entrevista, 2013).

Segundo Iraci, quando sua família veio de São Martinho do Capivay para Forquilha, eram todos muito pobres, e por isso as casas que construíam eram muito simples. “Não dava pra fazer bonitinho. As famílias tinham muitos filhos e trabalhavam na roça só para o sustento” (entrevista, 2013).

Maria Cordela Zanoni, 59 anos é origem italiana e participou do grupo focal das mulheres. Para Maria, as construções em estilo enxaimel fazem lembrar que Forquilha foi colonizada por imigrantes alemães.

“Eu não sei muito sobre a história alemã de Forquilha porque não sou alemã. O que sei é que quando começaram a aparecer essas primeiras casas na cidade, eles diziam que eram casas em estilo alemão, a gente não sabia o que era, pois era diferente do que tinha aqui. Então, quando eles falavam que eram casas em estilo alemão eu entendi que essas casas faziam parte da história do povo alemão, pois elas retratavam essa etnia” (Maria Cordela Zanoni, entrevista, 2013, grifo nosso).

Questionou-se a Maria quem eram as pessoas que afirmavam que se tratava de casas em estilo alemão. Maria respondeu que era o povo em geral que comentava.

“Era o que a gente escutava na cidade. E também os proprietários que construíam assim, comentavam que tinham uma casa em estilo alemão. Então a partir daí eu fiquei sabendo como era uma casa assim e passei a reconhecer as próximas que foram feitas na cidade” (Maria Cordela Zanoni, entrevista, 2013, grifo nosso).

Maria afirma também que o que ela sabe sobre o assunto e sobre a história dos alemães foi o que ela ouviu das pessoas ao longo do tempo.

“Essas construções em estilo alemão me fazem lembrar que são a história deles e da colonização da cidade, que foi feita por eles” (referindo-se aos alemães) (Maria Cordela Zanoni, entrevista, 2013, grifo nosso).

A entrevistada diz achar bonitas as construções em estilo enxaimel, mas que não se interessaria em construir assim porque não é da sua origem.

“Eles fazem nesse estilo porque é da origem deles, e lembra a história deles. Se eu fosse escolher um estilo antigo, seria o italiano, porque eu não tenho nada com alemão. Acho o estilo bonito, porque é diferente. Valoriza a cidade porque a deixa bonita, sofisticada, só por isso” (Maria Cordela Zanoni, entrevista, 2013, grifo nosso).

Jonathas Pirola Gonçalves, 19 anos, é de origem italiana e luso-brasileira e participou do grupo focal dos jovens. Jonathas afirma que para quem conhece só um pouco da história de Forquilha, já sabe que os primeiros a chegarem à cidade foram os alemães. “Então isso traz a tona essa história, faz lembrar que os imigrantes vieram da Alemanha, por isso essas construções fazem lembrar a história” (entrevista, 2013).

Os depoimentos de Maria e Jonathas demonstram que as pessoas sabem que Forquilha foi colonizada por alemães, então associam as construções em estilo enxaimel com a história da cidade. Diferente de Iraci, que ouvia histórias da mãe sobre as casas da Alemanha. Já Maria, que é de origem italiana, afirma que acha o estilo enxaimel bonito, mas que não se sente representada por ele. Além disso, dá para perceber que

são duas formas diferentes de construir a memória coletiva: a de Iraci é por meio da família e a de Maria e a de Jonathas é por meio dos grupos de convívio.

4.2.7.3 As associações por aparência

Dilma Cavaler Padoin, 52 anos, é de origem italiana, e participou do grupo focal composto pelas mulheres. Dilma afirmou que as construções em estilo enxaimel fazem lembrar a história devido a sua aparência.

“Para mim, a aparência dessas construções me faz lembrar que Forquilha foi colonizada por alemães. Sei que na Alemanha é assim, porque meu filho já foi lá e mostrou fotos, então associo a aparência dessas construções de Forquilha com a história da colonização da cidade, mas a história mais geral, porque sou italiana e não sei muito sobre os alemães” (Dilma Cavaler Padoin, entrevista, 2013).

Durante a entrevista, Dilma disse que o seu marido é de origem alemã, e sempre conta que a casa do seu avô era feita em “estilo alemão”, mas bem diferente das que são feitas hoje. Em virtude desse depoimento, considerou-se importante entrevistar também Idelfonso Ricken, 58 anos, que possui origem alemã e é marido de Dilma. Essa entrevista foi conduzida sem roteiro para que o entrevistado falasse à vontade a respeito das suas memórias. Idelfonso fez importantes declarações, por isso abriu-se esse parêntese em meio às categorias.

Idelfonso contou que a casa do seu avô era feita com estrutura de madeira, e depois era preenchida com tijolos de barro. A madeira aparente. De acordo com o entrevistado, essas construções que tem hoje em Forquilha, não tem nada a ver com as de antigamente.

“Aqui é só uma pintura no reboco. Na casa do meu avô era de madeira mesmo, e era a madeira que segurava a casa. Não tinha nenhum prego, era tudo encaixado com pinos de madeira. E também não tinham esses ‘X’ que fazem nas construções de agora” (Idelfonso Ricken, entrevista, 2013).

O depoimento de Idelfonso reafirma a descoberta de que realmente existiram casas feitas com enxaimel em Forquilha. O

entrevistado também confirma que as casas eram mais simples e com um aspecto diferente das que são reproduzidas hoje na cidade.

Segundo o entrevistado, existiram apenas duas ou três casas feitas com enxaimel, todas localizadas na zona rural. Infelizmente, já foram demolidas há muito tempo. “A do meu avô foi demolida quando eu tinha seis anos. Para mim, essas construções atuais em estilo alemão fazem eu me lembrar dos traços da casa do meu avô, embora sejam muito diferentes” (entrevista, 2013).

Idelfonso afirma não saber o motivo pelo qual Forquilha insiste em resgatar somente a cultura alemã se já não tem mais tantas pessoas de origem alemã na cidade. “Não sei por que afirmam que é a cidade mais germânica do sul do estado. Forquilha já é muito mista. Depois da construção da indústria Frisulca⁵⁶ veio muita gente de fora, de todas as origens” (entrevista, 2013).

De acordo com o entrevistado, boa parte dos alemães que saíram de São Martinho do Capivary para Forquilha sonhava e ainda sonha com as histórias que os antigos contavam, dos que vieram da Europa. Esta nostalgia se dá pelo fato de acreditarem que naquele tempo tudo era melhor. No entanto, Idelfonso afirma que essas pessoas não sabem a história completa, porque ninguém conta a história verdadeira. Todo mundo só conta o que importa e o que é mais bonito. “A minha mãe, quando lia alguma coisa sobre a história de Forquilha dizia o que era realmente era verdade e o que era mentira, porque ela viveu aquilo, ela realmente sabia” (entrevista, 2013).

Idelfonso acredita que, em Forquilha, ninguém está interessado realmente em cultura. “Porque vê, aqui tem um grupo folclórico alemão⁵⁷. Eles vivem a duras penas, porque não tem nenhuma ajuda por parte da prefeitura” (entrevista, 2013). O entrevistado cita também o prédio da Sociedade União Colonial, que foi demolido na década de 80. “Esse prédio era muito bonito e representava a história daqui, mesmo sem ter os X” (entrevista, 2013). Idelfonso faz mais um questionamento pertinente quando diz que:

⁵⁶ Frigorífero Sul Catarinense instalado em Forquilha na década de 60.

⁵⁷ O *Immerfroh* (que em português significa “sempre alegre”) é um grupo de dança folclórica representante da etnia alemã, formando por forquilhenses desde 1989.

“Aqui pensam que valorizar a cultura alemã é só construir prédios em estilo alemão. Mas acho que isso não adianta, porque estas construções não são iguais as do passado. Também acho que não dá para dizer que é a cidade mais germânica do sul do estado. Na época foi, mas agora não é, e todo mundo sabe disso” (Idelfonso Ricken, entrevista, 2013).

O entrevistado reconhece que por trás das ações de resgate e valorização da memória alemã está o poder político:

“Cada um ‘puxa’ para o seu lado. Tudo depende de quem está no poder. Os governantes é que escolhem essas coisas. As pessoas não tem muita voz nisso. Essas coisas tem muita relação com a política, e não com a cultura, como dizem aqui” (Idelfonso Ricken, entrevista, 2013).

A entrevista com Iraci Kulkamp não se enquadrou apenas na categoria memória coletiva, mas também na categoria aparência. Segundo Iraci, “na Alemanha construíam nesse estilo, com esse telhado inclinado para escorrer a neve. Então a aparência dessas casas daqui, faz lembrar a Alemanha e a minha origem” (entrevista, 2013). Perguntou-se a Iraci como ela sabia que na Alemanha as construções tinham os telhados inclinados e ela respondeu que já viu na televisão e em livros. De acordo com a entrevistada, também existiam revistas que vinham de lá. “Alguns parentes assinavam e nós víamos. Nessas revistas tinham fotos de casas, e eram parecidas com as que fazem aqui” (entrevista, 2013).

Assim como Iraci, Maria Cordela Zanoni também mencionou a aparência das edificações em estilo enxaimel: “a gente vê pela televisão outras cidades que tem casas em estilo alemão, isso também ajudou a reconhecer e entender as daqui. Mas, como eu disse, não tenho origem alemã” (entrevista, 2013).

Alex Cechinel, 18 anos, é de origem italiana, e participou do grupo focal dos jovens. Alex disse na entrevista que a aparência das construções em estilo enxaimel faz lembrar a Alemanha e o fato de Forquilha ter sido colonizada por alemães. De acordo com o entrevistado, é isso que faz lembrar a história. “Eu sei que as construções novas da Alemanha não são assim, sei que eram as mais

antigas que eram feitas nesse estilo, enxaimel, né? Mas o que eu faço é associar” (entrevista, 2013).

Questionou-se ao como Alex sabe que na Alemanha se construía em enxaimel. Ele respondeu:

“Eu estudei, já vi em livros, mas bem superficial, e lembro que o nome era esse, enxaimel. Foi um professor da quinta série, na disciplina de geografia. Ele estava ensinando sobre paisagem urbana e mostrou um prédio da Alemanha feito assim. Daí, dessa época pra cá eu comecei a comparar com as daqui” (Alex Cechinel, entrevista, 2013).

Alex afirma ainda que o que ele faz são associações.

“Como eu já vi em livros que na Alemanha era assim, quando vejo construções parecidas em Forquilha associo com a história da colonização alemã. Mas não sei muito sobre ela. Não cheguei a estudar a história de Forquilha. Eu apenas associo imagens” (Alex Cechinel, entrevista, 2013).

Além disso, foi questionado se o professor de geografia mencionado pelo entrevistado era de Forquilha e se tinha origem alemã, mas Alex afirma não lembrar. Ele comentou que na escola pouco aprendeu sobre a história da colonização de Forquilha.

No final da entrevista, Alex sugeriu que as pessoas mais velhas são mais apegadas às tradições. Mas que hoje, com os mais novos, não é mais assim, porque se tem mais liberdade. “Não acho que hoje precisamos seguir as tradições antigas ao ‘pé da letra’, não vejo porque construir assim em Forquilha, seguindo o passado. Não precisa ser só assim” (entrevista, 2013).

Vanessa Padoin, 19 anos, é de origem italiana, e foi integrante do grupo focal dos jovens. Vanessa foi bem direta ao demonstrar que considera as construções em estilo enxaimel representantes da história deles (referindo-se dos alemães). Ela disse que, na verdade, não sabe bem se a palavra que ela quis dizer era história, mas para ela, essas construções fazem as pessoas associar que Forquilha foi colonizada por alemães. De acordo com Vanessa, “essas construções parecem com as da Alemanha” (entrevista, 2013). Foi questionado como Vanessa sabia da aparência das construções alemãs. A entrevistada respondeu

que nunca foi para a Alemanha, mas sabe por que vê na televisão, na internet e dá para associar a aparência. Além disso,

“(…) Esses “X” são uma espécie de ícone das construções alemãs. Todo mundo sabe disso, porque também tem em outras cidades como Blumenau, por exemplo. Então basta fazer um “X” em uma construção normal que dá pra dizer que é estilo alemão” (Vanessa Padoim, entrevista, 2013).

A entrevistada afirma que como não tem a origem alemã, não pode dizer que as construções em estilo enxaimel fazem lembrar a história da sua família.

“Mas, para os alemães, deve lembrar. Cada um sempre vai ‘puxar’ para o seu lado. Com certeza os alemães se identificam com essa arquitetura. Por outro lado, eles contam a história deles através dessas construções, a história da cidade que eles querem. Minha avó me contou que desde o início tinha alemães e italianos, mas quem ocupou o centro e o comércio foram os alemães. Os italianos acabaram indo para áreas rurais. Por isso acredito que os alemães conseguiram escrever a história deles mais ‘forte’, da maneira que quiseram, porque eles tinham mais poder” (Vanessa Padoim, entrevista, 2013, grifo nosso).

Vanessa diz claramente que não gosta da ideia de Forquilha fazer essas construções em estilo alemão. “E nós italianos? Eu não gostaria de ver minha cidade vestida de alemão” (entrevista, 2013).

Jonathas Pirola Gonçalves também falou em aparência durante a entrevista. De acordo com Jonathas, é a aparência das construções em estilo enxaimel que faz lembrar que Forquilha foi colonizada por alemães. “É mais visual, a gente vê e lembra um pouco da história, dessa história mais geral, que todo mundo sabe, que é sempre contada”. O entrevistado mostrou uma posição bem contrária às edificações em estilo enxaimel quando diz que não gosta muito dessas construções. “Porque valorizar só a etnia alemã? Deveriam resgatar a italiana também, porque se for ver tem mais italianos do que alemães hoje no município” (entrevista, 2013). Jonathas acredita que se a cidade ficar toda alemã vai ficar chato porque acaba ficando tudo igual, vai parecer um cenário de novela.

“Precisamos desmistificar isso. Aqui também tem colônia de japoneses, mas ninguém se lembra. Esse que é o problema: pelo fato do começo da cidade ter sido feito por alemães, agora eles só querem trazer isso. É só alemão. A história de Forquilha pra sempre vai ser só alemã” (Jonathas Pirola, entrevista, 2013, grifo nosso).

Jonathas afirma que a origem germânica sempre aparece nos discursos políticos⁵⁸. De acordo com o entrevistado, as construções em estilo enxaimel fazem parte da criação da ideia da “cidade mais germânica do sul do estado”. Jonathas acredita que isso também acaba sendo um crédito que o político ganha por ser o prefeito de uma cidade que é bem conservada, que cuida do patrimônio e das tradições. “Com certeza isso fica de ‘crédito’ para os prefeitos, independente se algum deles não tiver origem alemã” (entrevista, 2013).

“Até no comércio a gente vê isso. Por exemplo, a *Saint Bier*, é uma fábrica de *Chopp*. *Chopp* vem da onde? Da Alemanha, todo mundo sabe. Até a escolha do produto que eles vão produzir e vender na cidade é alemão. Tudo isso ajuda a criar esse estereótipo. A *Heimatfest* também. Eles falam que é a festa das origens de todas as etnias, mas o nome é alemão. Fazem tudo com as cores da Alemanha, cheio de chapeuzinhos verdes com a pena, que também é alemão. E daí? Querem que as pessoas de outras origens se identifiquem com a festa. Fica muito estranho, né? E também tem a política. Se pegar um prefeito que seja totalmente alemão, com certeza ele vai querer dar continuidade a esse projeto. Daqui a pouco fica como Blumenau, e começa a ter turistas. Se aquilo do incentivo de IPTU fosse aprovado, nossa ia ser um colapso! Todo mundo ia querer construir assim só para não pagar imposto. Até os italianos (risos). Ia ficar uma bagunça!” (Jonathas Pirola, entrevista, 2013, grifo nosso).

⁵⁸ Os discursos políticos que exaltam a identidade étnica têm a capacidade de fazer vibrar as emoções coletivas e de mobilizar a sociedade em defesa comum da sua memória (JEUDY, 2005).

Jonathas reconhece que há símbolos utilizados pelo poder público para promover o estereótipo da cidade mais germânica do sul do estado. Foi questionado ao entrevistado como ele sabia que na Alemanha tem construção deste tipo. Jonathas respondeu que isso dá para vê em vários lugares, principalmente na internet. “Acho que esse “X” é o que é diferente e faz as pessoas associarem. Porque não tem nenhum outro estilo que usa isso” (entrevista, 2013).

4.3 A VISÃO DOS ARQUITETOS DA CIDADE

4.3.1 Ao estilo de Gramado e Blumenau

A arquiteta Andrea Back Barbosa afirmou durante a entrevista que acha a prática de construir em estilo enxaimel interessante, e citou inúmeras vezes as cidades de Gramado e Blumenau como referências positivas. De acordo com a entrevistada, em Gramado, a população se mobilizou e a cidade foi “montada” para atrair turistas. “Quando é assim, eu acho válido. Em Blumenau é a mesma coisa, a população se envolveu para atrair turistas, em um investimento pensado e baseado nas características germânicas” (entrevista, 2012).

No entanto, de acordo com Andrea, em Forquilha essa prática de construir em estilo enxaimel não se sustenta, porque na cidade não querem vincular essas construções ao turismo, que na opinião da arquiteta, seria a condição ideal:

“Acho que se a população e o poder público entendessem que essa arquitetura não está relacionada somente com a valorização da cultura alemã, e que daria para atrair turistas também, valorizaria mais o município. Acho que a população e a prefeitura deveriam pensar em turismo e não apenas em resgate da memória e da tradição” (Andrea Back Barbosa, entrevista, 2012).

Outro aspecto que Andrea mencionou foi que em Forquilha não existe nada de patrimônio cultural germânico⁵⁹.

⁵⁹ Andrea Back Barbosa é Presidente do Conselho de Patrimônio do município de Forquilha.

“O que existe são todas construções atuais, que não acho que resgata a memória. Então o foco, em minha opinião seria atrair turistas mesmo. Porque não vejo como as construções em estilo enxaimel poderiam formar uma identidade para a cidade” (Andrea Back Barbosa, entrevista, 2012).

A arquiteta sustenta que Forquilha deveria valorizar a cultura alemã espelhando-se em Blumenau⁶⁰.

“Acho que aqui devia ser feito ao estilo de Blumenau, porque daí não seria uma coisa ‘forçada’ como Gramado que é bonito, mas que não é real. Parece uma casinha de boneca. Blumenau eu acho que não é ‘forçado’, porque tem enxaimel original também. Além disso, essas construções só são exploradas no período das festas⁶¹” (Andrea Back Barbosa, entrevista, 2012, grifo nosso).

Em razão dessas declarações, foi indagado se Andrea considera válido misturar o estilo enxaimel com o patrimônio em enxaimel autêntico. A entrevistada afirmou que não só acha válido, como acredita que é essa mistura que faz Blumenau dar certo, diferente de Forquilha que não tem enxaimel original. “Acredito que quando tem enxaimel original não fica forçado e para incentivar o turismo, acho válido” (entrevista, 2012).

Andrea acredita que em Forquilha, a ideia de construir em estilo enxaimel não será levada adiante.

⁶⁰ Esta afirmação é um pouco contraditória, porque segundo a entrevistada, para não ficar parecendo um cenário, é interessante misturar o autêntico enxaimel com construções feitas em estilo enxaimel. Mas em Forquilha, não existe enxaimel original e mesmo assim a arquiteta defende essas construções, alegando que elas são importantes para o turismo. Sob esse ponto de vista, Forquilha também seria um cenário como Gramado.

⁶¹ Essas declarações também são contraditórias. No início da entrevista, a arquiteta cita Gramado e Blumenau como duas referências positivas para Forquilha. Já neste último parágrafo, ela diz que em Gramado o germanismo é “forçado” e forma nitidamente um cenário (“parece uma casinha de boneca”), e em Blumenau não é assim, porque lá tem enxaimel original. Parece que ela mesma, em alguns momentos entende que essas cidades são cenários feitos apenas para o turismo.

“Embora ache essa prática válida, vejo que ela não terá muita continuidade, porque o prefeito da cidade é de origem italiana, e com a disputa que tem com essa coisa de origem, ele acaba barrando esses projetos” (Andrea Back Barbosa, entrevista, 2012, grifo nosso).

4.3.2 A releitura e as linguagens arquitetônicas

O arquiteto Dehiert Brilinger afirma que durante a faculdade os professores sempre deixavam bem claro que a arquitetura baseada na cópia de fachadas era considerada pastiche.

“Essas fachadas são uma ilusão. Eu acho que Forquilha ao invés de utilizar a cópia para resgatar a tradição alemã deveria utilizar a releitura, que emprega elementos atuais para fazer uma reinterpretação da tradição, e não uma cópia mal feita, porque o enxaimel era uma forma de estrutura e não um tratamento de fachada. Isso é o ideal para mim (falando em releitura), porque não concordo com pastiches” (Dehiert Brilinger, entrevista, 2012).

A arquiteta Ariana Alexandre também cita a releitura e as linguagens arquitetônicas, quando afirma que se a prefeitura realizasse um estudo sobre as construções em enxaimel e distribuísse para a população um material explicativo ensinando a forma adequada de construir para resgatar a cultura, sem precisar copiar, seria uma iniciativa interessante e que poderia render bons frutos.

“A prefeitura não deve simplesmente sair dizendo que as pessoas devem fazer “X” nas fachadas e pintar de uma cor mais ou menos parecida com a madeira, para ter uma casa com a linguagem alemã. O que fazem aqui além de ser cópia é uma cópia muito mal feita. Não acho válido o arquiteto utilizar esse recurso em suas obras” (Ariana Alexandre, entrevista, 2013).

Ariana acredita que não é errado valorizar e estimular a cultura alemã no município, já que a colonização da cidade realmente foi essa. No entanto, a arquiteta entende que isso deve ser feito de outra maneira:

“Se você observar as residências alemãs mais antigas da cidade, verá que elas não foram feitas em enxaimel. Foram feitas com a linguagem daqui, de acordo com o estilo da época. Acho que sim, poderiam usar uma linguagem para fazer o resgate da tradição, mas não necessariamente de uma arquitetura que só existe lá na Alemanha, enquanto que em Forquilha o que existiu era outra coisa, uma linguagem própria daqui” (Ariana Alexandre, entrevista, 2013).

A arquiteta também questiona o fato de que as obras feitas em estilo enxaimel de Forquilha não têm unidade. Segundo a entrevistada, vários detalhes mostram que além de tudo, as cópias são mal feitas (a arquiteta citou o exemplo da estação de monitoramento do Rio Mãe Luzia, que é uma construção feita em estilo enxaimel, onde a cópia do travamento em madeira perpassa a janela, o que evidencia que de fato, não é um elemento estrutural) (ver figura 62).

Figura 62: Estação de tratamento do Rio Mãe Luzia



Fonte: Autora, 2012.

Ariana mostra-se a favor de estimular a cultura germânica, desde que isso seja feito de outra forma.

“Isso deve ser feito após estudos, pesquisas para entender o que os colonizadores faziam quando chegaram aqui, e não o que eles deixaram para trás há muito tempo na Alemanha. Essa pesquisa tem que ser muito bem embasada para depois propor algo que realmente retrate a cultura da cidade, através de conceitos de arquitetura e não de cópias” (Ariana Alexandre, entrevista, 2013).

Assim como Dehiert, Ariana também acredita que o caminho para a solução desse impasse seria a releitura⁶², para que o poder público e a população compreendam que o resgate da cultura alemã na arquitetura não acontece simplesmente através de “X” pintados nas paredes.

4.3.3. O papel do arquiteto

A arquiteta Andrea Barbosa afirmou durante a entrevista que se algum cliente seu pedisse um projeto em estilo enxaimel, ela faria.

“Acredito que o projeto não é do arquiteto, é do cliente⁶³. Claro que busco trabalhar dentro de uma estética legal, respeitando o entorno e essas questões referentes à insolação, mas, o projeto é do cliente, e o arquiteto deve atender às expectativas dele” (Andrea Back Barbosa, entrevista, 2012).

Ao contrário de Andrea, Dehiert Brilinger afirma que se algum cliente lhe pedir uma obra em estilo enxaimel, ele procura sempre explicar o que essa decisão representa, e sempre que possível busca a solução através da releitura.

⁶² Barbosa (2000, p.16) contribui sobre essa questão quando afirma que na releitura, o arquiteto pode ler um edifício em suas partes (composição, volumetria, cores, materiais construtivos e assim por diante), contudo não deve perder a noção do todo, fundamental para que não se torne um amontoado de elementos fragmentados que não darão referência ao produto novo. Além disso, “quando um arquiteto faz a releitura de um precedente, este precedente é a sua ideia, a ideia é o elemento que gera o reconhecimento das coisas, é a constante (...) que existe nas entrelinhas do produto final e permanece inalterada na sua origem”.

⁶³ Mahfuz (2001) reflete sobre esse problema quando diz que a arquitetura presta serviços à sociedade, mas não é definida como uma profissão da área dos serviços, como alguns parecem entendê-la. Ainda segundo o autor, o arquiteto quando se torna apenas um prestador de serviços deixa de ser o criador da arquitetura pertinente como síntese dos aspectos específicos e fundamentais do problema arquitetônico – programa, lugar e construção – para transformar-se em um gestor comercial.

“Em termos de contexto cultural acho essa arquitetura que fazem aqui muito falsas. Eu sei que enquanto arquiteto não devo fazer isso, então, procuro sempre criar algo adequado com nosso tempo e lugar, a partir da releitura. Procuro sempre passar isso aos meus clientes. Acredito que esse seja o papel do arquiteto. Isso é fazer arquitetura” (Dehiert Brilinger, entrevista, 2012).

Dehiert Brilinger considera ainda que os arquitetos não deveriam utilizar este recurso.

“Nós, arquitetos temos que tomar muito cuidado com as nossas proposições para não descaracterizar nenhuma cultura. Por isso sou contra o pastiche, porque acho que ele faz exatamente isso, descaracteriza. É engraçado dizer, mas tem arquiteto aqui na cidade fazendo construções desse tipo. Talvez para esse profissional, faltou cuidado ou faltou atenção nas aulas de história e patrimônio. Talvez ele até saiba que é errado, mas pela pressão econômica, faça assim mesmo. Não sei e não vou julgar, no entanto acredito que todos os arquitetos sabem que é errado pelos ensinamentos que recebemos em nossa formação e não poderíamos fazer de maneira alguma fazer obras assim” (Dehiert Brilinger, entrevista, 2012).

O arquiteto reforçou que não aprova as construções em estilo enxaimel, e acredita que elas não resgatam a memória, pois não tem fundamentos históricos, “pelo contrário, elas fazem uma bagunça na noção de tempo e história na cabeça das pessoas” (entrevista, 2012).

“Nós, profissionais de arquitetura devemos ter uma visão crítica sobre essas coisas. Nós sabemos também que essas construções não resgatam a tradição, porque elas são apenas um cenário, vazios de significado. Mas, a população que é leiga no assunto acredita que elas (as construções em estilo enxaimel) representam realmente os alemães” (Dehiert Brilinger, entrevista, 2012, grifo nosso).

Dehiert fez uma crítica ao poder público, quando este insiste em afirmar que Forquilha é a cidade mais germânica do sul do estado. “Criou-se a festa e incentivou-se às construções em estilo alemão para reforçar a germanidade, mas já não tem mais tanto alemão assim” (entrevista, 2013). De acordo com o arquiteto, “dizem que a *Heimatfest* é uma festa que resgata todas as origens, no entanto deram um nome alemão para ela. Isso não é por acaso. Eles querem retratar a cidade sempre como germânica” (entrevista, 2013).

“Dizem que os alemães chegaram aqui primeiro, mas eu já ouvi dizer que antes disso já havia algumas famílias italianas aqui. Não sei. O que eu quero dizer é que fica claro que eles querem colocar a marca da cidade como alemã e ‘ponto’. Enquanto arquiteto, espero que já que querem tanto essa marca, que ela seja colocada de maneira mais adequada, mais ética, seguindo conceitos de arquitetura que aprendemos e que não seja feita assim, sem significado nenhum, através de cópias” (Dehiert Brilinger, entrevista, 2012).

4.3.4. O mito do incentivo fiscal

No decorrer das entrevistas, as duas arquitetas falaram sobre o incentivo fiscal como se ele realmente existisse. Essas afirmações chamaram a atenção, pois parece incoerente o fato de que, um profissional da área da arquitetura, que lida com projetos e com leis municipais, não saiba que esse incentivo nunca existiu.

Andrea afirmou que teve um cliente que a procurou para fazer um projeto de uma fachada importante, e se interessou em construir em estilo enxaimel, porque soube que na prefeitura havia incentivos fiscais para este tipo de obra. A arquiteta fez o projeto, mas quando o cliente levou para a prefeitura, descobriu que esse incentivo não existia e desistiu da ideia.

Ariana Alexandre também mencionou o incentivo fiscal quando disse que as construções em estilo enxaimel abatem impostos e que talvez seja esse o motivo que faz as pessoas pensarem em construir assim em Forquilha. “Eu acredito que esse tipo de edificação funciona muito bem quando há algum tipo de incentivo por parte da prefeitura, para que as pessoas entendam o sentido e comecem a aderir essa prática” (entrevista, 2013).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do entrelaçamento dos subsídios fornecidos pelo referencial teórico e com a síntese dos resultados obtidos com a pesquisa de campo, entende-se que a arquitetura em estilo enxaimel foi uma ferramenta utilizada na tentativa de Forquilha construir um passado próprio. Essa construção fez uso do enxaimel para criar um tipo de arquitetura contemporânea que imita ou que apenas faz lembrar a antiga técnica de encaixe alemã, e teve o objetivo de estabelecer uma paisagem imaginária apropriada. Nestas edificações, apenas o exterior mimetiza a tradição germânica, o que ressalta seu caráter de apelo visual.

Em Forquilha, a procura pela memória é exclusivamente feita através da cópia da tradição alemã e não da preservação de obras com valor histórico. Apesar de o patrimônio arquitetônico ser um elemento importante na formação e continuação da identidade e da memória local, o mesmo encontra-se “invisível” para o poder público. Um exemplo é o Hotel Steiner, localizado no centro da cidade, construído em 1940 e que encontra-se em total estado de abandono, além de estar “realçado” pelas cores vermelho e azul do partido político da administração atual. Atitudes como essas são contraditórias em uma cidade que diz cuidar da sua origem germânica, mas que não zela pelo seu patrimônio genuíno. Além disso, essa postura revela que a única intenção é realmente construir uma identidade selecionada e apropriada e não fortalecer a existente.

Investiu-se na memória germânica e exaltou-se o passado como forma de demarcação identitária. Tal demarcação produziu um conjunto de transformações estéticas e arquitetônicas que não modificaram apenas a paisagem urbana, mas também o modo de percepção dos indivíduos diante dessa nova imagem. Em suma, Forquilha se afirma no passado, produzindo uma cadeia de efeitos no presente. Além disso, a cidade desconsidera a transformação dos lugares e a inserção e contribuição de outras etnias na sua formação.

Quando a administração pública intitula Forquilha como “a cidade mais germânica do sul do estado” e promove seu cenário em estilo enxaimel, cria uma imagem através de discursos baseados em um recorte da história de muito tempo atrás, pois as pouquíssimas construções em enxaimel que existiu em Forquilha foram demolidas há décadas e poucas pessoas sabem que elas existiram. Além do mais, essas construções eram muito diferentes das que são reproduzidas hoje. Através do cenário germânico, nutre-se uma espécie de mito de um passado diferente daquele que realmente existiu, recriando a cidade por

meio de representações imagéticas que refletem uma identidade presumida.

Evidencia-se que as ações que incitaram essa recriação são de ordem política e estão relacionadas ao poder e ao consumo cultural. Por outro lado, parece que havia também a necessidade de referenciar-se, de ter uma identidade. O município era novo e não possuía uma história consolidada, então era necessário construir uma história que fosse própria. No entanto, parece que essa história foi construída apenas para Forquilha mostrar uma identidade diferente perante os outros, como uma espécie de conveniência.

A produção de imagens identificadoras sob a justificativa de criação da identidade local conferiu um caráter de singularidade, ideal para que Forquilha fosse uma “forte concorrente” na disputa cultural entre cidades. Ficou para as construções em estilo enxaimel a incumbência de representar a identidade germânica. Deste modo, o principal intuito dessas construções é estabelecer um diálogo constante entre memória individual, memória coletiva e o presente. Também se deve levar em consideração que por trás dos discursos políticos está o uso da memória social como uma sólida forma de dominação e poder, já que este pode ter o efeito de convencimento, quando é utilizado para inculcar certos valores e crenças na população. Ele não é ingênuo, pois tem uma finalidade pré-determinada, que pode ser convertida em forma de vantagem para o poder público, seja para mostrar uma cidade preocupada com as suas tradições, seja para usar essas mesmas tradições como um diferencial capaz de promover culturalmente o município na disputa entre cidades.

Quando Forquilha apresenta apenas o seu lado germânico para as outras cidades, ela gerencia a maneira como quer ser vista e camufla o fato de ter sido colonizada também por italianos, poloneses, japoneses e luso-brasileiros, que contribuíram igualmente para a sua formação, mas que na disputa do mercado cultural, ser uma cidade alemã é mais conveniente porque a diferencia das cidades vizinhas (que são todas de origem italiana), e lhe dá um atributo a mais.

Dessa forma, a colonização alemã representa algo diferente que pode ser explorado como uma espécie de vantagem em relação aos outros municípios, mas tal diferencial não parece estar ligado ao resgate da memória coletiva que leve à construção de uma identidade, reflexo real dos significados e das experiências urbanas. E claro, as fachadas arquitetônicas como elementos de evocação da tradição colaboram para criar a diferenciação almejada quando fazem citações do passado.

Os discursos políticos e a criação das festas sacralizaram o mito de origem comum entre os descendentes alemães, desconsiderando que nem todos vieram da mesma região e, portanto, deveriam ter costumes diferentes. Dessa maneira a cidade assumiu a germanidade que foi construída em oposição à identidade brasileira.

A cultura alemã foi “trabalhada” pela administração pública para que se adequasse ao sentido requerido. Utilizar a palavra origem para nomear uma festa não é uma atitude inocente, como pode parecer. Falar em origem pode despertar nas pessoas a ideia de origem comum, que em alguns aspectos pode ser real e em outros, inventado, podendo ainda relacionar-se com a própria necessidade de construir uma tradição.

Além disso, afirmar que as construções em estilo enxaimel são boas para o município, porque através delas pode-se resgatar a história é o mesmo que utilizar-se de um discurso histórico e político que tem o poder de convencimento. A cada repetição de um argumento, a conjuntura permite revigorar e atribuir sentido a construção de uma suposta tradição. Assim, a comemoração impõe-se como um dever cívico.

Em alguns momentos, a criação da identidade de Forquilha foi encarada como uma estratégia de desenvolvimento e não como uma forma de construção coletiva para nutrir uma perspectiva de futuro. A linguagem alemã encontrada nas edificações em estilo enxaimel constitui-se um diferencial a que Forquilha aderiu como símbolo cultural e visual. Esse símbolo é constantemente reforçado através do marketing criado pelo slogan “a cidade mais germânica do sul do estado” e pela celebração da *Heimatfest*, que apesar de ser intitulada como a festa de todas as origens, é exclusivamente organizada com a temática alemã.

Entende-se que as festas podem fazer parte da invenção das tradições, já que são veículos de massa, capazes de transmitir e repetir crenças e valores. Por outro lado, a criação da festa, somada às construções em estilo enxaimel, completam o sentido que a administração pública quis dar à Forquilha, o de cidade germânica.

Apesar da *Heimatfest* ser uma festa supostamente para todas as origens, nem todas as pessoas sentem-se identificadas com a ela. O que é de certa forma compreensível, pois em uma festa onde a música que toca é alemã, a decoração é feita nas cores da bandeira da Alemanha, vende-se somente *chopp*, usa-se chapéu verde com a pena que é um símbolo alemão, e os restaurantes servem comida típica alemã, como uma pessoa de outra origem poderia se identificar neste contexto? Com esta análise, é possível presumir que algumas pessoas que participam da

Heimatfest devem ir por interesse pela festividade e não por se sentirem de fato representadas.

Além disso, tanto a *Frühlingsfest* como a *Heimatfest* foram festas criadas, elas não surgiram através do tempo, de maneira espontânea com a vida social dos forquilhinhenses, como outras coisas presentes na sociedade. Elas foram criadas com um intuito e os autores dessas festas são homens de poder com envolvimento político e que exercem influência sobre a cidade.

Semear a ideia na escola, utilizar um *slogan* e promover uma festa são atitudes que embutem crenças e valores no imaginário das pessoas, principalmente na escola onde há crianças em formação. Essas atitudes fazem parte da invenção das tradições. Tudo isso, somado aos símbolos, como o *chopp*, por exemplo, fazem com que as pessoas lembrem constantemente que vivem em uma cidade alemã e acabem aderindo essa realidade “construída”.

Com a pesquisa de campo, percebeu-se também que a festa costuma ser apresentada pelos meios de comunicação e pelas autoridades como um retorno da história e das tradições da cultura germânica. Além disso, as lembranças do passado são mostradas através de símbolos, práticas e discursos que servem para tornar legítimo e dar credibilidade ao grupo. Entende-se também que as representações das diferenças étnicas podem ser geradas como produtos de marca.

A respeito da ideia de incentivar construções “típicas” alemãs, os resultados encontrados e apresentados evidenciaram não haver subsídios conceituais suficientes para tais proposições. Houve o interesse de conhecer outras cidades que foram colonizadas por alemães, mas essas visitas não rederam nenhum tipo de documento com diretrizes para quem quisesse construir dessa forma. Como resultado, as ações relacionadas à valorização da arquitetura alemã foram feitas de duas maneiras: baseando-se em cidades próximas que já haviam adotado o estilo enxaimel como prática ou por “intuição”, pois nem todos tinham informações técnicas e conceituais suficientes para saber o que realmente estavam fazendo.

Os resultados mostraram que não houve nenhum tipo de consulta à população, não por questões de inviabilidade, mas porque o estímulo à preservação da cultura alemã estava ligado à interesses políticos. Apesar de alguns entrevistados afirmarem que não houve nenhum tipo de imposição, os discursos mostraram o contrário: houve imposição e convencimento quando a ideia foi aplicada sem fazer qualquer esclarecimento ou justificativa aos cidadãos.

Outro fator que parece ter influenciado os idealizadores do projeto a não consultar a população foi a existência de uma forte rixa entre alemães e italianos. Levar a questão à população poderia pesar de forma contrária na execução da ideia. Essa rixa foi mencionada inúmeras vezes durante as conversas com os entrevistados. Não era conveniente consultar a população que algumas vezes já fazia seus reclames contra a administração pública, no tocante ao incentivo restrito à cultura alemã.

Sem o incentivo fiscal aprovado, o motivo pelo qual algumas pessoas optaram por construir em estilo alemão tornou-se variado. O proprietário da primeira construção em estilo enxaimel de Forquilha se identificou com a arquitetura em virtude da sua origem. Já o segundo entrevistado, apesar de ser alemão, construiu em estilo enxaimel apenas por conveniência e por gostar de arquiteturas diferentes. Além disso, é possível concluir, a partir dos resultados encontrados que, quem construiu ou constrói hoje em estilo enxaimel, tem motivação outras que não econômicas, porque ninguém chegou a receber incentivo fiscal.

Tornou-se evidente, também, que a ideia de incentivar a cultura germânica e construir em estilo enxaimel nasceu de uma pessoa de origem alemã, que tinha poder político sobre a sociedade. Em Forquilha, a rivalidade entre as etnias alemã e italiana levou dois prefeitos de origem alemã a tentarem impor sua marca sobre o espaço urbano, dominando um território, um espaço sob o poder de um grupo político. Empregaram como justificativa o resgate da memória, mas, ao fazê-lo, reescreveram a história da cidade. Assim, compreende-se que a dimensão política associada à própria origem revestiu-se de uma importância crucial na invenção da cidade germânica. Certamente a capacidade de impor perspectivas múltiplas sobre uma paisagem continua ligada ao poder econômico.

Além disso, entende-se que está acontecendo em Forquilha é decorrente da ruptura dos três elementos essenciais identidade citados por Pollack: a unidade física, a continuidade temporal e o sentimento de coerência.

Conclui-se, portanto, que todas essas ações assumem a forma da invenção das tradições, na medida em que são orientadas para estabelecer o próprio passado através da repetição de crenças e valores. No entanto, a tradição foi inventada não para atrair turistas, mas sim para criar uma identidade diferenciada das demais cidades e promover o desenvolvimento urbano e econômico.

Os resultados obtidos através da pesquisa de campo desenvolvida com a população mostraram que a arquitetura em estilo enxaimel

desperta em algumas pessoas, principalmente nas mais velhas e de origem alemã, sentimentos de nostalgia. Esse sentimento é despertado pela associação que as pessoas fazem entre as construções feitas em enxaimel pelos imigrantes e as construções contemporâneas em estilo enxaimel, apesar de estas conterem diferenças tão significativas que até os entrevistados souberam diferenciar. Por outro lado, a nostalgia existe porque alguns indivíduos acreditam que no passado as coisas eram melhores e mais bonitas.

Acredita-se ainda que esse sentimento surge quando não é mais possível reviver alguns momentos da vida. O apego nostálgico faz as pessoas gostarem do antigo para reduzir o sentimento de perda e o medo de esquecer. Além disso, sabe-se que os idosos gostam do passado, porque nele está a sua trajetória e, portanto, a sua memória construída através das representações de diferentes papéis sociais.

Por outro lado, pensa-se que, provavelmente, o que faz as pessoas aprovarem as construções em estilo enxaimel e acreditarem que elas representam a história esteja relacionado com o desejo de continuidade. Esse desejo desperta no indivíduo a ligação entre espaço e tempo e entre passado e presente. A continuidade é o fio condutor que une esses dois momentos. Além da continuidade, pode estar também o desejo pela memória, pois toda sociedade precisa de uma representação do seu passado. Além disso, os resultados encontrados evidenciaram que a própria origem interfere na formação da opinião. A maioria dos discursos que falam em história foi dito por pessoas que tem origem alemã. Essas pessoas se mostraram favoráveis e entendem as construções em estilo enxaimel como representantes da história da cidade ou da sua família e, portanto, sentem-se representados.

Todavia, deve-se considerar a possibilidade de que em alguns discursos a palavra história aparece porque as pessoas sabem que o enxaimel era feito pelos imigrantes alemães no passado, então as construções atuais em estilo enxaimel passam a representar uma forma de resgatar o antigo, e por consequência, de resgatar a história. É interessante ver que todos entrevistados que se lembram dessas casas afirmam que estas eram muito diferentes das que são feitas hoje, e salientam sempre que não tinham os “X”.

Os cidadãos entrevistados também afirmaram que querem que a cidade seja bonita. De fato, as pessoas tem gosto pela estética e querem uma cidade agradável tanto para seus olhos quanto para mostrar aos visitantes. A estética dá prazer e o ambiente construído é uma forma de comunicação pelo qual estão vinculadas diversas manifestações do imaginário coletivo. Para estas pessoas, as construções em estilo

enxaimel são importantes para promover esse embelezamento. Entende-se que a aparência destas construções é muito diferente de outras arquiteturas. Elas contêm uma plasticidade que é alcançada pelo decorativismo das fachadas e pelos telhados esculturais. Esses elementos podem despertar nas pessoas a ideia de que é uma arquitetura diferente e mais elaborada, e por isso é mais bonita. Além do mais, o passado também é uma moda, que pode trazer charme e sofisticação no imaginário coletivo e despertar o orgulho social e o sentimento de valor ao grupo que pertence.

Compreende-se que o modo mais direto e difundido de se tomar contato com a arquitetura é a partir do aspecto visual. Além disso, a procura pela beleza sempre existiu nas sociedades. A apreciação da beleza e o julgamento estético se apresentam nas mais diversas situações cotidianas: nas roupas, nas propagandas, nas paisagens e, claro, na arquitetura. A experiência estética mostra que a avaliação da beleza é feita através de um juízo de valor. Essas pessoas que aprovaram as construções em estilo enxaimel por serem bonitas fazem esse julgamento a partir da sua subjetividade, levando em conta apenas a forma dessas edificações e não os seus significados.

Outro aspecto significativo é que todos os discursos que aprovaram o estilo enxaimel por questões estéticas foram ditos por pessoas de origem italiana. Provavelmente, isso acontece por que estas pessoas não se identificam culturalmente com essa arquitetura e, por isso, a aparência singular apresentada pelas construções em estilo enxaimel passa a ser o único aspecto interpretado.

Entende-se que a identidade da cidade é importante para o indivíduo porque é ela que o faz sentir-se único e especial. Habitar um lugar com características diferentes serve para o sujeito se diferenciar dos demais. A avaliação positiva que o indivíduo faz da sua cidade ou do grupo que pertence traz sentimentos de valor e de orgulho social, aumentando a autoestima. Por isso, a identidade deve ser o reflexo real da cidade e não algo inventado apenas por ser o mais apropriado.

Por outro lado, algumas pessoas não se sentem representadas pela identidade germânica, pois não faz parte da sua vivência cultural e social. Para estas, a arquitetura feita em estilo enxaimel é algo esteticamente diferente e por isso pode causar tanto simpatia, quanto rejeição. Outros aprovam as construções em estilo enxaimel por levarem em consideração a importância das atividades realizadas naquela edificação. Entende-se que a arquitetura transmite o seu uso a quem observa, e esse é um dos seus principais significados. Dessa forma, encontra-se atrelado no imaginário coletivo o uso e a aparência das

edificações, e isso justifica o comportamento encontrado durante as entrevistas.

Foram feitas críticas negativas sobre o estilo enxaimel conferir certo grau de antiguidade à cidade, deixando ela “parada no tempo”. Compreende-se que é importante para o indivíduo situar-se no tempo. A relação entre o espaço e a existência humana é uma forma de dar sentido às experiências individuais e coletivas. O homem se forma e se transforma através das suas atividades. As relações sociais, por sua vez, estão sujeitas ao movimento permanente da construção da história. A vida social do indivíduo o coloca em constante confronto com os limites determinados pela sociedade e por suas convenções, e isso caracteriza o seu tempo. A temporalidade na arquitetura é igualmente importante porque é através dela que é possível compreender e reconhecer os lugares e aceitar a capacidade de transformação do homem.

Através da pesquisa de campo descobriu-se também que existiram casas feitas com enxaimel em Forquilha. Essa descoberta foi uma surpresa. Infelizmente todas essas casas foram demolidas há bastante tempo, o que é lamentável, porque se alguma delas ainda existisse, esta presença poderia alimentar as memórias e a história da cidade e de seus habitantes, atribuindo sentidos e ajudando a criar verdadeiros laços de pertencimento.

Notou-se que as memórias individuais estão presentes nas pessoas mais velhas, que foram as que tiveram a experiência. É importante, o fato de que essas pessoas conseguem diferenciar as casas enxaimel de antigamente, das construções em estilo enxaimel atuais. Elas conseguem entender a diferença e isso é um fator positivo na preservação da memória.

Certo número de pessoas entende que a cidade hoje é formada por etnias variadas, que os alemães representam uma minoria da população, e por isso questionam os motivos que levam o poder público a resgatar somente a cultura alemã. Certamente, toda história é uma construção constante e, em virtude disso, ela pode ser manipulada, pode-se esquecer daquilo que não convém e realçar as partes mais significativas. É perfeitamente possível que para algumas pessoas exista um mito em torno da colonização de Forquilha, baseado em heróis que vieram da Europa de navio e chegando aqui tiveram que corajosamente desbravar a região. Para outros, a história pode ter um lado diferente, menos nostálgico e mais realista, principalmente se essas pessoas lembram também das dificuldades e dos conflitos vividos. Sem dúvida a memória individual é uma construção de cada indivíduo e por isso sempre terá as suas particularidades.

Alguns entrevistados acreditam que a cidade foi colonizada por alemães, mas que isso não deve se tornar um peso, como uma espécie de estereótipo obrigatório. É preciso “desmistificar”, levando a crer que a cidade não pode ser marcada pelo peso da sua própria história.

Sobre a arquitetura, entende-se que a técnica construtiva enxaimel utilizada na Alemanha fazia sentido antes do concreto, do ferro e do aço. Na ausência de pedras e havendo fartura de madeira, era uma maneira rápida, barata e sólida de obter pequenas edificações. A estabilidade da estrutura de madeira era assegurada pelos contraventamentos diagonais e em forma de “X”. No final do século XIX, no interior de Santa Catarina, o enxaimel era uma técnica construtiva adequada tanto no tempo, quanto no espaço. No século XXI, outras técnicas construtivas estão disponíveis para atender as novas demandas da sociedade e não faz sentido utilizar o estilo enxaimel apenas para decorar fachadas de construções contemporâneas.

A partir de modelos de razoável qualidade e coerência questionável, o estilo caiu no gosto popular, sendo reproduzido, de forma cada vez mais simplificada, em diversas edificações. O processo de dispersão e distorção continua em curso, com distorção proporcional à distância geográfica dos modelos.

Além da busca da identidade perdida da imigração alemã, estas edificações representam a busca da segurança de um passado conhecido, frente a um futuro incerto. E, ao recriar o passado, elas ganharam nobreza, pois o estilo enxaimel urbano com vários pavimentos está muito distante da casa do colono, seu antepassado pioneiro e autêntico.

Por outro lado, os resultados mostraram ainda que muitas pessoas não sabem que o enxaimel é uma técnica construtiva e não um tratamento de fachada com finalidade decorativa.

Acredita-se que o pós-modernismo possa ter influenciado essas construções, pois a tendência ao espetáculo, à aparência e ao historicismo foi um compromisso assumido pelo movimento. A imitação, a arquitetura híbrida e fragmentada que desconsidera a escala temporal rompeu com a ideia modernista de racionalidade, funcionalidade e de honestidade projetual para assumir um desejo pela tradição e pela história, que nem sempre foi bem interpretada. Dá para afirmar também que a cópia do enxaimel que é feita em Forquilha não tem pretensão à veracidade. Ela faz um apelo constante à estética *Kitsch* e pós-moderna para agradar a massa.

Conclui-se, de modo geral, que as construções em estilo enxaimel não representam a memória e a identidade de Forquilha, pois elas nada mais são do que cópias mal elaboradas de um passado inventado.

As edificações em estilo enxaimel criam uma imagem transmitida ao morador ou ao visitante em busca da germanidade. O consumo visual é o único papel que essa arquitetura desempenha, já que ela não reflete em nada a verdadeira identidade de Forquilha, que apesar de ter sido inicialmente colonizada por alemães, foi consolidada também por pessoas de outras etnias.

Considera-se a preservação da história genuína é um ato importante, mas quando não é esse o caso, a perpetuação de determinados modelos e estilos pode “trair” a memória coletiva através de recursos a formas descontextualizadas e fora de época.

Espera-se que os resultados dessa pesquisa possam contribuir na problemática relacionada ao uso da arquitetura como instrumento da invenção das tradições. Os questionamentos feitos nesta dissertação sempre tiveram a intenção de ampliar as discussões a respeito dos valores históricos e culturais envolvidos neste tipo de arquitetura.

5.1 RECOMENDAÇÕES PARA FUTURAS PESQUISAS

Como recomendações para estudos futuros aconselha-se o aprofundamento dos itens a seguir:

- Estudar exemplos de arquitetura de cenário e a criação de imagens das cidades para o consumo cultural.
- Estudar exemplos positivos de resgate e valorização da memória urbana na arquitetura da cidade.
- Inventariar edificações com valor histórico e cultural de Forquilha que possam futuramente ser tratadas como patrimônio.

5.2 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Maurício de Almeida. **Sobre a memória das cidades**. Revista da Faculdade de Letras – Geografia, Vol. XIV, Porto, 1998, p.77-97.

ABRIC, Jean-Claude. **A abordagem estrutural das representações sociais**. In: MOREIRA, Antonia Silva Paredes; OLIVEIRA, Denize Cristina de. (orgs.) *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia: AB, 1998.

ALTOFF, Fátima. **Renovação, reconstrução e pastiche**: a ânsia de reproduzir a arquitetura do passado no presente. In: Anais do Seminário Internacional História do Tempo Presente. Florianópolis. Disponível em

< <http://www.eventos.faed.udesc.br/index.php/tempopresente/tempopresente/paper/view/148/146>> Acesso em 19 de março de 2013.

ANDRADE, Maria Antônia Alonso de. **A identidade como representação e a representação da identidade**. In: MOREIRA, Antonia Silva Paredes; OLIVEIRA, Denize Cristina de. (orgs.) *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia: AB, 1998.

ARANTES, Antonio Augusto. CONSELHO DE DEFESA DO PATRIMONIO HISTORICO, ARQUEOLOGICO, ARTISTICO E TURISTICO DO ESTADO (SP). **Produzindo o passado**: estratégias de construção do patrimônio cultural. São Paulo (SP): Brasiliense: CONDEPHAAT, 1984. 255p.

ARANTES, Otilia. **O lugar da arquitetura depois dos modernos**. São Paulo: Editora da USP, 2000.

ARGAN, Giulio Carlo. **Projeto e destino**. São Paulo: Ática, 2004.

ARNS, Otilia. **Forquilha 1912-2002**: história e resgate da memória dos nossos antepassados. Forquilha: Editora IOESC, 2003.

AYMONINO, Carlo. **O significado das cidades**. Lisboa: Editora Presença, 1975.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares** : introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papyrus, 1994.

BALLER, Gisele Inês. **Espaços de memória e construção de identidade**: estudo de dois casos na região de colonização alemã no Rio Grande do Sul. Orientado por José Augusto Avancini. Porto Alegre, 2008. 142f. Dissertação (mestrado em história) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em história do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre, 2008.

BARBOSA, Marília. **Releitura na arquitetura**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_1/1_Mar%C3%ADlia.pdf> Acesso em 15 de março de 2012.

BARRETTO, Margarita. **Cultura e turismo**: discussões contemporâneas. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

BARRETTO, Margarita. **La delicada tarea de planificar turismo cultural: Um estúdio de caso com La “germanidad” de La ciudad de Blumenau-SC**. In: *Revista de Turismo y patrimonio Cultural*. Vol. 1, nº 1, páginas 51-63, ano 2003.

BAUMAN, Zygmunt; VECCHI, Benedetto. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro (RJ): Zahar, 2005.

BORDO, Adilson Aparecido, et al. **As diferentes abordagens do conceito de território**. 2006. Disponível em <<http://www.fesfsus.net.br/guiadotrabalhador/As%20Diferentes%20Abordagens%20do%20Conceito%20de%20Territ%C3%B3rio.PDF>> Acesso em 13 de julho de 2013.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano: artes de fazer**. 10. ed Petropolis: Vozes, 2004

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2006.

COELHO, Carolina. **A questão do arquitecto: a sociedade portuguesa e o arquitecto hoje**. Orientada pelo Dr. José Antonio Bandeirinha. Coimbra, 2008, 272p. Prova final de licenciatura em arquitetura, Universidade de Coimbra. Coimbra, 2008.

COLQUHOUN, Alan. **Três tipos de historicismo**. In: NESBITT, Kate. *Nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)*. São Paulo: Cosac e Naify, 2006.

CONNOR, Steven. **Cultura pós-moderna: introdução às Teorias do Contemporâneo**. São Paulo: edições Loyola, 1993.

CREMASCO, Matteo Santi. **Fundamentos da arquitetura pós-moderna: anotações sobre o pós-modernismo em Minas Gerais**. Orientado por Augusto Mattei Faggin. São Paulo, 2011, 133 p. Dissertação (mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

CURTIS, Júlio Nicolau Barros de. **Vivências com a arquitetura tradicional do Brasil: registros de uma experiência técnica e didática**. Porto Alegre: Ed. Ritter dos Reis, 2003.

DECCA, Edgar Salvadori de. **Memória e Cidadania**. In: *O Direito à Memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura – DPH, 1992. p. 129 -135.

DIEGUES, Manuel Jr. **Etnias e culturas do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora letras e artes, 1980.

DIONE, Jean; LAVILLE, Christian. **A Construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

FEATHERSTONE, Mike. **O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade**. São Paulo: SESC, 1997.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. **Carrosséis urbanos: da racionalidade moderna ao pluralismo temático (ou territorialidades contemporâneas)**. Revista Brasileira de História, v.27, n.53. São Paulo, jan e jun de 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882007000100012&script=sci_arttext&tlng=e!n> Acesso em 13 de dezembro de 2012.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. **Oktoberfest: turismo, festa e cultura na estação do chopp**. Florianópolis, SC: Letras contemporâneas, 1997.

FRAMPTON, Kenneth. **História crítica da arquitetura moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GONSALEZ, Helenita Bueno. **Memória: a gramática das imagens**. In: II Encontro da Associação nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Natal-RN, 2012.

GUARESCHI, Pedrinho A. **“Sem dinheiro não há salvação”:** **ancorando o bem e o mal entre neopentecostais**. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVICTH, Sandra. (orgs.). *Textos em representações sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GUIMARAENS, Dinah; CAVALCANTI, Lauro. **Arquitetura Kitsch: suburbana e rural**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2004.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: edições Loyola, 1992.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1984.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumento e mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <www.ibge.gov.br> Acesso em 20 de fevereiro de 2012.

JAMESON, Fredric. **Espaço e imagem: teorias do pós-moderno e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

JEUDY, Henry-Pierre. **Espelho das cidades**. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2005.

JUSTO, Ana Maria. **Representação social**. Rio do Sul: Editora UNIDAVI, 2012.

KLUG, João. **Imigração e luteranismo em Santa Catarina: a comunidade alemã de Desterro – Florianópolis**. Florianópolis: Papa-Livro, 1994.

KREUTZ, Lúcio. **Identidade étnica e processo escolar**. Cadernos de pesquisa, nº107, p.79-66, julho de 1999. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010015741999000200003&script=sci_arttext> Acesso em 23 de outubro de 2012.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Mariana de Andrade.

Fundamentos da Metodologia Científica. São Paulo: Atlas, 2008a.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Mariana de Andrade. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica e relatório, publicações e trabalhos científicos**. São Paulo: Atlas, 2008b.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Mariana de Andrade. **Técnicas de pesquisa planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. São Paulo: Ed. Atlas, 1985.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: editora da UNICAMP, 2003.

LITTLE, Paul. **Espaço, memória e migração: por uma teoria de reterritorialização**. Textos de História. Revista do Programa de Pós-graduação em História da UnB, v. 2, n. 4, p. 5-25, 2011. Disponível em <<http://seer.bce.unb.br/index.php/textos/article/viewFile/5757/4764>> Acesso em 13 de julho de 2013.

LOUREIRO, Ana; PRINCIPE, Ana Filipa. **Identidade local e identidade nacional: estudo comparativo das populações de Ponta Delgada e Lisboa**. 1º Colóquio de Psicologia, Espaço e Ambiente, Universidade de Évora, maio de 2002.

MACHADO, Ricardo. **A invenção da cidade etnizada: História e memória na Blumenau contemporânea (1974 - 2002)**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História. São Paulo, julho de 2011. Disponível em <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300298011_ARQUIVO_ArtigoAinvencaodacidadeetnizadaparaosNH2011.pdf> Acesso em 03 de dezembro de 2012.

MAHFUZ, Edson da Cunha. **A arquitetura consumida na fogueira das vaidades**. In: Arqtextos, nº 012.00, ano 01, maio de 2001.

Disponível em < <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/01.012/886>> Acesso em 19 de março de 2013.

MALARD, Maria Lúcia. **As aparências na arquitetura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

MALTZAHN, Paulo César. **Construção e formação da identidade étnica teuto-brasileira**: algumas considerações. IV Congresso Internacional de História, Maringá, PR, 2009. Disponível em < <http://www.pph.uem.br/cih/anais/trabalhos/180.pdf>> Acesso em 24 de outubro de 2012.

MANCUSO, Maria Inês. **Memória, representação e identidade**. In: LUCENA, Célia Toledo; GUSMÃO, Neusa Maria Mendes (orgs.). *Discutindo identidades*. São Paulo: Humanitas, 2006.

MAZIVIERO, Maria Carolina. UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. **Memória e identidade urbana e Santos-SP**. Usos e preservação de tipologias arquitetônicas da Avenida Conselheiro Nébias. São Paulo, SP, 2008. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Departamento de História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica**. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVICTH, Sandra. (orgs.). *Textos em representações sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1993.

MONTANER, Josep Maria. **Después del movimiento moderno**: arquitectura de La segunda metade del siglo XX. Barcelona, 1993.

MONTEIRO, Rogério. **Um Brasil diferente**. Revista Mares do Sul, Santa Catarina, n. 31, 2000.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Rio de Janeiro, Vozes, 2003.

MOTTA, Lia. **A apropriação do patrimônio urbano**: do estético-estilístico nacional ao consumo visual global. In: Arantes, Antonio. O espaço da diferença. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

- NESBITT, Kate. (org.) **Nova agenda para a arquitetura: antologia teórica** (1965-1995). São Paulo: Cosac e Naify, 2006.
- NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto história. Revista do Programa de Estudos em Pós-Graduados em História e do departamento de História da PUC, São Paulo, n.10, 1993, p 7-28.
- NUERNBERG, Adamir. **Diagnóstico socioeconômico de Forquilha**. Criciúma, SC: UNESC, 2000.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Editora Ênio Matheus Guazzelli Cia, 1976.
- ORTIZ, Renato. **Reflexões sobre a pós-modernidade: o exemplo da arquitetura**. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_20/rbcs20_10.htm> Acesso em 28 de junho de 2012.
- PAULI, Evaldo. **Interpretação sociológica do catarinense**. Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/~simposio/Catarinense/interpretacao_sociologica_catarinense/94sc1324-1370.html#1324> Acesso em 29 de setembro de 2011.
- PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo Pelegrini. **Identidades culturais: patrimônios e memórias**. In: DUARTE, Geni Rosa; FROTSCHER, Méri; LAVERDI, Robson. (org.). *História, práticas culturais e identidades: abordagens e perspectivas teóricas-metodológicas*. Cascavel:Edunoeste, 2008.
- PELUSO JR., Victor A. **Tradição e plano urbano: cidades portuguesas e alemãs no Estado de Santa Catarina**. Contribuição ao 2º Congresso Nacional de Folclore. Florianópolis: Comissão Catarinense de Folclore, 1953.
- PERDIGÃO, Ana Kláudia de Almeida Viana. **Considerações sobre o tipo e seu uso em projetos de arquitetura**. Disponível em: <http://www.vitruvius.es/revistas/read/arquitextos/10.114/14>> Acesso em 26 de setembro de 2011.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A invenção da sociedade gaúcha**. Ensaio FEE, Porto Alegre, 1993. Disponível em < <http://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/viewFile/1617/1985> > Acesso em 20 de novembro de 2012.
- PIGNATARI, Décio. **Informação. Linguagem. Comunicação**. São Paulo: Perspectiva, 1965.

PIMENTA, Luís Fugazzola; PIMENTA, Margareth de Castro Afeche. **A Formação das cidades e das paisagens da imigração em Santa Catarina: memória e preservação.** XII Simpósio Nacional de Geografia Urbana. Belo Horizonte, 2011. Disponível em < <http://xiisimpurb2011.com.br/gt13/>> Acesso em 20 de novembro de 2012.

PIMENTA, Margareth de Castro Afeche. **Cultura teuto-brasileira e a cidade industrial de Blumenau em Santa Catarina.** Revista Dynamis, v.6, p.61-83, 1999.

PLANO DIRETOR MUNICIPAL. Disponível em < <http://www.forquilha-sc.gov.br>> Acesso em 22 de janeiro de 2011.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social.** Estudos históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p.200-212.

PORTOGHESI, Paolo. **Depois da arquitetura moderna.** Lisboa: Edições 70, 1999.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Joselyne. **Teorias da etnicidade.** Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil.** São Paulo: Perspectiva, 1978.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SCHLEE, Mônica Bahia, et al. **Sistemas de espaços livres nas cidades brasileiras: um debate conceitual.** Paisagem ambiente: Ensaio, nº 26, São Paulo, p.225-247, 2009. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid=S010460982009000100012&script=sci_arttext> Acesso em 23 de outubro de 2012.

SÊGA, Christina Maria Pedrazza. **O consumo da cultura Kitsch.** II COLÓQUIO BINACIONAL BRASIL-MÉXICO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 01 a 03 de abril de 2009 – São Paulo – Brasil. Disponível em <<http://www.espm.br/ConhecaAESPM/Mestrado/Documents>>. Acesso em 23 de julho de 2012.

SEYFERTH, Giralda. **A conflituosa história da formação da etnicidade teuto-brasileira.** In. FIORI, Neide Almeida. *Etnia e educação: a escola “alemã” do Brasil e estudos congêneres.* Florianópolis: Editora da UFSC, 2003. p. 21-61.

SEYFERTH, Giralda. **A assimilação dos imigrantes como questão nacional**. Mana [online]. 1997, vol.3, n.1, pp. 95-131. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/mana/v3n1/2457.pdf>> Acesso em 13 de julho de 2013.

SEYFERTH, Giralda. **A dimensão cultural da imigração**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, Vol. 26, n. 77, p. 47-62, Outubro/2011.

SEYFERTH, Giralda. **As identidades dos imigrantes e o melting pot nacional**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 6, n. 14, p. 143-176, novembro/2000.

SEYFERTH, Giralda. **Etnicidade, política e ascensão social: um exemplo teuto-brasileiro**. Mana [online], vol.5, n.2, outubro/1999. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01049313199900020003> Acesso em 24 de julho de 2012.

SEYFERTH, Giralda. **Identidade nacional, diferenças regionais, integração étnica e a questão imigratória no Brasil**. In: ZARUR, George de Cerqueira Leite. *Região e nação na América Latina*. Brasília: Editora da UnB, 2000b. p. 81-109.

SEYFERTH, Giralda. **Os alemães no Brasil: uma síntese**. 2000a. Disponível em <<http://www.comciencia.br/reportagens/migracoes/migr18.htm>> Acesso em 24 de outubro de 2012.

SIEBERT, Claudia Freitas. **Lotes coloniais e loteamentos**: A influência da divisão da terra do período colonial sobre a estrutura fundiária e o sistema viário atuais de Blumenau. Disponível em <<http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/682>> Acesso em 04 de setembro de 2012.

SIEBERT, Claudia Freitas. **A evolução urbana de Blumenau**: a cidade se forma (1850-1938). In: THEIS, Ivo Marcos, et.al. (orgs). *Nosso passado (In) comum*: contribuições para o debate sobre a história e a historiografia de Blumenau. Blumenau: Editora da FURB, 2000.

SIEBERT, Claudia Freitas. **Estruturação e desenvolvimento da rede urbana do vale do Itajaí**. Blumenau: Editora da FURB, 1996.

SILVA, Ariadne Moraes. **Devir-esperança e as representações na cidade**: um paradigma ético/estético. Cadernos PP GAU-UFBA, Ano 7, n. 01. 2008. Disponível em <<http://www.por.talseer.ufba.br/index.php/ppgau/article/view/3559>> Acesso em 27 de julho de 2012.

SOBRINHO, Moisés Domingos. **“Habitus” e representações sociais: questões para o estudo de identidades coletivas**. In: MOREIRA,

- Antonia Silva Paredes; OLIVEIRA, Denize Cristina de. (orgs.) *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia: AB, 1998.
- TREVOR-ROPER, Hugh. **A invenção das tradições**: a tradição das Terras Altas (Highlands) da Escócia. In: HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1984.
- VAINFAS, Eduardo. **Dicionário do Brasil imperial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- VALVERDE, Rodrigo Ramos Hospodar Felipe. **Transformações no conceito de território**: competição e mobilidade na cidade. Revista Espaço e Tempo, São Paulo, nº15, 2004.
- VENTURI, Robert. **Complejidade y contadición en La arquitectura**. Barcelona: Gustavo Gili, 1978.
- VENTURI, Robert; SCOTT BROWN, Denise; IZENOUR, Steven. **Aprendendo com Las Vegas**. São Paulo: Cosac e Naify, 2003.
- WAGNER, Wolfgang. **Sócio-gênese e características das representações sociais**. In: MOREIRA, Antonia Silva Paredes; OLIVEIRA, Denize Cristina de. (orgs.) *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia: AB, 1998.
- WAIBEL, Leo. **Capítulos de geografia tropical e do Brasil**. Rio de Janeiro, IBGE, 1979.
- WEIMER, Günter. **A arquitetura popular da imigração alemã**. Porto Alegre: UFRGS, 2005a.
- WEIMER, Günter. **Arquitetura popular brasileira**. São Paulo: Martins Fontes, 2005b.
- YIN, Robert K. **Case study research: design and methods**. rev. ed. Newbury Park: Sage, 1989.
- ZANELATTO, João Henrique; OSÓRIO, Paulo Sérgio. **Forquilha: do presente para o passado, outras memórias uma nova história**. Forquilha, SC: UNESC, 2012.
- ZUKIN, Sharon. **Paisagens urbanas pós-modernas**: mapeando cultura e poder. In: Arantes, Antonio. *O espaço da diferença*. Campinas, SP: Papiurus, 2000.

ENTREVISTAS

ALEXANDRE, Ariana. Entrevista concedida no dia 15 de janeiro de 2013.

ALEXANDRE, Líbero. Entrevista concedida no dia 15 de janeiro de 2013.

BARBOSA, Andrea Back. Entrevista concedida no dia 13 de agosto de 2012.

BRILINGER, Dehiert. Entrevista concedida no dia 01 de outubro de 2012.

CASAGRANDE, Agenor. Entrevista concedida no dia 16 de janeiro de 2013.

CECHINEL, Alex. Entrevista concedida no dia 15 de janeiro de 2013.

DA SOLER, Nelson. Entrevista concedida no dia 02 de outubro de 2012.

EYNG, Maria. Entrevista concedida no dia 16 de janeiro de 2013.

GONÇALVES, Jonathas Pirola. Entrevista concedida no dia 15 de janeiro de 2013.

GONÇALVES, José Cláudio. Entrevista concedida no dia 22 de janeiro de 2013.

GRUPO FOCAL DE IDOSOS. Entrevista concedida no dia 06 de novembro de 2012.

GRUPO FOCAL DE JOVENS. Entrevista concedida no dia 04 de novembro de 2012.

GRUPO FOCAL DE MULHERES. Entrevista concedida no dia 31 de outubro de 2012.

HERDET, Benvenuto. Entrevista concedida no dia 01 de novembro de 2012.

HOBOLD, Valmir. Entrevista concedida no dia 02 de outubro de 2012.

HOEPERS, Paulo. Entrevista concedida no dia 09 de outubro de 2012.

JUNKES, José Lino. Entrevista concedida no dia 16 de janeiro de 2013.

KÜLKAMP, Iraci. Entrevista concedida no dia 15 de janeiro de 2013.

PADOIM, Dilma Cavaler. Entrevista concedida no dia 16 de janeiro de 2013.

PADOIM, Vanessa. Entrevista concedida no dia 15 de janeiro de 2013.

PREIS, Marino. Entrevista concedida no dia 16 de janeiro de 2013.

RICKEN, Idelfonso. Entrevista concedida no dia 16 de janeiro de 2013.

RICKEN, Maristela Junkes. Entrevista concedida no dia 15 de janeiro de 2013.

RICKEN, Vanderlei. Entrevista concedida no dia 03 de outubro de 2012.

SANTOS, Isabella Nihues dos. Entrevista concedida no dia 02 de outubro de 2012.

STEINER, Donato. Entrevista concedida no dia 01 de novembro de 2012.

TISCOSKI, Edgar. Entrevista concedida no dia 16 de janeiro de 2013.

VASSOLER, Tadeu. Entrevista concedida no dia 02 de outubro de 2012.

ZANONI, Maria Cordela. Entrevista concedida no dia 15 de janeiro de 2013.

APÊNDICE A

A. Roteiro das entrevistas realizadas com os ex-prefeitos.

1. Você sabe quando e como começou a ideia de construir em estilo alemão?
2. Teve algum tipo de incentivo para quem quisesse construir assim? Qual? Se sim: ainda existe esse incentivo? Se não: por que não existe mais?
3. Qual era a motivação para incentivar essas construções?
4. A população foi consultada em algum momento?

B. Roteiro das entrevistas realizadas com o arquiteto Tadeu Vassoler e com o desenhista da prefeitura, Valmir Hobold.

1. Qual foi o período em que você trabalhou na prefeitura de Forquilha?
2. Você lembra quando começou a serem construídas edificações em estilo alemão? Como nasceu a ideia?
3. Qual era a motivação para incentivar essas construções?
4. A população foi consultada em algum momento?
5. Teve algum tipo de incentivo para quem quisesse construir assim? Se sim: ainda existe esse incentivo? Se não: por que não existe mais?
6. Teve algum estudo sobre o sistema construtivo enxaimel para depois aplicar nas construções daqui?

C. Roteiro das entrevistas realizadas com ex-vereadores.

1. Porque o projeto de lei que visava incentivos fiscais para construções em estilo típico alemão foi rejeitado pela câmara dos vereadores?

D. Roteiro entrevistas proprietários das primeiras construções em estilo enxaimel.

1. Qual foi o motivo que levou você a construir em estilo alemão?
2. Em que ano você construiu? Teve algum incentivo da prefeitura?
3. Alguém fez o projeto? Quem?

E. Roteiro para debate dos grupos focais.

Questão: O QUE ESSAS CONSTRUÇÕES REPRESENTAM PARA VOCÊ?

Palavras-chave:

- () História
- () Memória
- () Colonização
- () Coisa de “alemão”
- () Relação com o uso
- () Beleza (padrões estéticos)
- () Identidade
- () Outros

F. Roteiro das entrevistas realizadas com os membros dos grupos focais.

1. Você falou que as construções em estilo alemão de Forquilha fazem lembrar a história da cidade.

1.1. Por que fazem lembrar a história?

1.2. O que faz lembrar a história? É a aparência? Se não, o que é?

1.3. Algum parente seu construía assim no passado? Ou a aparência dessas construções faz lembrar a Alemanha, o que faz lembrar que você é de origem alemã?

1.4. Você lembra-se de ter visto essas construções na Alemanha ou alguém falou para você que as construções lembravam a Alemanha?

2. Que história que elas te fazem lembrar? A da sua família? Ou a da colonização de Forquilha de um modo geral? Por quê?

2.1. Alguém te contou essa história? Quem? Como te contaram? Ou você aprendeu na escola? (para os jovens) Se foi na escola, o que você aprendeu?

G. Roteiro entrevistas arquitetos da cidade.

1. Enquanto arquiteto atuante na cidade, como você define as construções feitas em estilo alemão existentes em Forquilha?

ANEXO A



ESTADO DE SANTA CATARINA
MUNICÍPIO DE FORQUILHINHA
CÂMARA MUNICIPAL

COMISSOES DE JUSTIÇA E REDAÇÃO FINANÇAS E ORÇAMENTO; EDUCAÇÃO, CULTURA; ASSISTENCIA SOCIAL E MEIO AMBIENTE, ABASTECIMENTO, INDÚSTRIA, COMÉRCIO, VIAÇÃO; OBRAS PÚBLICAS E URBANAS.

PROJETO DE LEI Nº PE 037/91

PARECER

As comissões supra citadas reunidas para analisarem o projeto de lei PE nº 037/91, que concede Insenção Fiscal às Edificações Típicas bem como as que tenham valor histórico e arquitetônico no município de Forquilha, concluem pela sua legalidade e constitucionalidade, porém opinam pela sua rejeição.
Sala das Comissões em 19 de agosto de 1991

[Handwritten signature]
[Handwritten signature]
[Handwritten signature]
[Handwritten signature]

CÂMARA MUNICIPAL
LIDO NA SESSÃO DE 20.08.91
FORQUILHINHA 20.08.91
[Handwritten signature]
DIRETOR EXECUTIVO

CÂMARA MUNICIPAL
APPROVADO REJEITADO
POR *[Handwritten signature]*
EM 20.08.91
[Handwritten signature]
DIRETOR EXECUTIVO



Prefeitura Municipal de Forquilha

JUSTIFICATIVA Nº 037/91

Excelentíssimo Senhor Presidente e demais Membros da Câmara de Vereadores de Forquilha:

O presente projeto de lei visa isentar do pagamento do Imposto Sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbana os proprietários de edificações típicas assim definidas em Regulamento, bem como aquelas que tenham valor histórico e arquitetônico reconhecido por Comissão específica.

A isenção definida na Lei será do valor integral do Imposto lançado, cujo prazo será de 10 (dez) anos, a iniciar-se da expedição do respectivo "habite-se".

Esta iniciativa é das mais importantes para a nossa Cidade, uma vez que visa resgatar e incentivar a cultura da nossa gente, marcada pelo estilo das edificações.

Assim, espera-se que o presente projeto de lei seja discutido e aprovado no prazo constante no artigo 34, § 1º da Lei Orgânica Municipal.

Colho a oportunidade para renovar votos de estima e distinta consideração.

Forquilha, 24 de junho de 1991.

VANDERLEI LUIZ RICKEN
Prefeito Municipal

CÂMARA MUNICIPAL
LIDO NA SESSÃO DE 25/06/91
FORQUILHA Nº 037/91
DIR. EXECUTIVA



Prefeitura Municipal de Forquilha

*Referido
e requerido
nesta
Casa de
Legislaçao*

PROJETO DE LEI Nº PE 037/91

CONCEDE ISENÇÃO FISCAL ÀS EDIFICAÇÕES TÍPICAS BEM COMO ÀS QUE TENHAM VALOR HISTÓRICO E ARQUITETÔNICO, NO MUNICÍPIO DE FORQUILHA.

VANDERLEI LUIZ RICKEN, Prefeito Municipal de Forquilha, faço saber aos habitantes do Município que a Câmara Municipal de Vereadores aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º. Ficam isentas do pagamento do Imposto Predial e Territorial Urbanos - IPTU, as edificações típicas e as que tenham valor histórico e arquitetônico, no Município de Forquilha.

Parágrafo único. A isenção referida no caput deste artigo será concedida às edificações localizadas no perímetro urbano.

Art. 2º. A concessão da isenção será requerida pelo beneficiário e será feita por Decreto do Poder Executivo, desde que obtenha parecer favorável da Comissão Técnica composta por:

- I - Um arquiteto representando a Prefeitura;
- II - Um Vereador indicado pelo Poder Legislativo;
- III - O Secretário de Saúde, Educação e Cultura do Município.

Parágrafo único. A Comissão Técnica será constituída por Decreto do Prefeito Municipal e seus Membros não terão direito a qualquer remuneração.

Art. 3º. Havendo a concessão da isenção, o beneficiário ficará proibido de executar modificações, reformas ou adaptações na edificação, sem a aprovação prévia da Comissão Técnica, sob pena de perder a isenção fiscal.

Parágrafo único. A isenção perdurará enquanto o imóvel pertencer ao proprietário beneficiado e forem mantidas as características originais da edificação, podendo o novo adquirente gozar do mesmo benefício, desde que requerido novamente.

CÂMARA MUNICIPAL
APROVADO EM SESSÃO DE 25/06/91
PREFEITO MUNICIPAL

CÂMARA MUNICIPAL
EM SESSÃO DE 25/06/91
FORQUILHA



Prefeitura Municipal de Forquilha

Art. 4º. A isenção prevista nesta Lei também será concedida às edificações que forem reformadas dentro das características mencionadas no art. 1º.

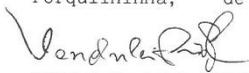
Art. 5º. A isenção de que trata esta Lei será concedida pelo prazo de 10 (dez) anos, a iniciar-se da data da expedição do "habite-se".

Parágrafo único. Às edificações cujo "habite-se" já foi liberado, será concedida a isenção a partir do despacho concessivo do benefício, que se dará após o requerimento do interessado.

Art. 6º. O Poder Executivo Municipal regulamentará a presente Lei no prazo de até 60 (sessenta) dias, a partir da data de sua publicação.

Art. 7º. Esta Lei entra em vigor na data da sua publicação, revogando-se as disposições em contrário.

Forquilha, de junho de 1991.


VANDERLEI LUIZ RICKEN
Prefeito Municipal